



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

ANA CLEIDE DA SILVA

A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE – um olhar integral à luz da formação humana

RECIFE

2021

ANA CLEIDE DA SILVA

A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE – um olhar integral à luz da formação humana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Espiritualidade

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sandra Montenegro Silva Leão

RECIFE

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Natalia Nascimento, CRB-4/1743

S586m Silva, Ana Cleide da.
A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE: um olhar integral à luz da formação humana. / Ana Cleide da Silva. – Recife, 2021.
134 f.: il.

Orientadora: Maria Sandra Montenegro Silva Leão.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.
Inclui Referências e Apêndices.

1. Educação da Pessoa Humana. 2. Morte – Sentido da Vida. 3. Desenvolvimento da Pessoa humana. 4. UFPE - Pós-graduação. I. Leão, Maria Sandra Montenegro Silva. (Orientadora). II. Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2022-004)

ANA CLEIDE DA SILVA

**A MORTE E O MORRER: SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES NO VIVER DE
SERVIDORES DA UFPE – UM OLHAR INTEGRAL À LUZ DA FORMAÇÃO
HUMANA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal
de Pernambuco para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Aprovada por videoconferência em: 16/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Sandra Montenegro Silva Leão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof. Dr. Silas Carlos Rocha da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof. Dr. Aurino Lima Ferreira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Prof.^a Dr.^a Eugênia de Paula Benício Cordeiro (Examinadora Interna)
Universidade Federal Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
[Participação por videoconferência]

Dedico este trabalho a DEUS e a JESUS por me permitirem existir. À minha conexão com a espiritualidade, pela guiança e suporte constantes no meu caminhar pela vida.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, a DEUS e a JESUS por tudo! Pelo dom da vida! Pelo amor e pela misericórdia incondicionais.

Gratidão ao meu anjo guardião, meu guia, por me fazer intuir e iluminar meus pensamentos, sentimentos e ações na direção das melhores escolhas que eu possa fazer na minha estrada da vida.

Gratidão aos meus pais José Severino e Raimunda por serem pessoas que me ensinaram, por meio do exemplo, valores que terei sempre comigo. Por todo amor e apoio que me dão incondicionalmente. São meus anjos encarnados! Se eu puder escolher serão meus pais de novo, de novo e de novo...Minha mãe é letra, meu pai é música na minha vida.

Gratidão à minha irmã Gleicy (Pepilly), por ter me ensinado a amar. Amor que eu não sabia ser capaz de dar a alguém. Seus passos são inspiradores, baseados na ética e na lealdade. Seu amor e carinho por mim é um tesouro no meu viver.

Gratidão ao meu irmão Tiago (Tigo) pelo exemplo de esforço, de realização e de honestidade. Sua luz é poderosa e ressonante. Multiplicou suas virtudes divinamente através de seus filhos, meus amáveis sobrinhos Laura (meu amorzãozinho) e Valentin (Puchicho).

Gratidão ao meu irmão Flavius (Criança), meu quase irmão gêmeo, pelo humano que é, por sua generosidade. Trouxe-nos como presente Maria Cecília (Ceci), minha amável sobrinha.

Gratidão ao meu cunhado favorito Cássio (Pinotito) por se expressar na vida com muita sensatez, maturidade e pelo senso de humor maravilhoso.

Gratidão aos demais irmãos e irmãs que tenho (minha família é abençoada e numerosa), à minha família extensa, pelo carinho e atenção que me nutre.

Gratidão à minha amiga Socorro, na verdade mais que amiga, minha mestra espiritual, pelo exemplo de força, de equilíbrio e de uma capacidade sem tamanho na arte de cuidar.

Gratidão à minha amiga-comadre-irmã e confidente Grace Anne (Anne Grace) por seu amor, seu carinho e positividade. Sua energia é das melhores.

Gratidão à minha amiga Clélia por ter sido minha *anja* do mestrado.

Gratidão à minha orientadora, Profa. Sandra Montenegro, que durante todo o tempo do curso esteve sempre pronta a acolher minhas dúvidas e a me orientar de maneira tão humana.

Gratidão a todos os professores que tive ao longo da minha vida, desde minha infância até aqui.

Gratidão aos mestres e mestras do meu cotidiano, anônimos ou não, os ensinamentos são constantes e trazem inúmeras possibilidades de aprendizado para que eu possa vencer a mim mesma e ser o meu melhor, a cada dia, na escrita da minha história nesse abençoado livro da vida.

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

(Trecho da canção “Tocando em frente”, composição de Almir Sater e Renato Teixeira)

RESUMO

O fenômeno da morte é a certeza da vida, contudo, a morte ainda é um assunto tabu. O caráter reflexivo acerca da finitude apresenta-se escasso em muitos espaços sociais e educativos. A morte e o morrer têm sido discutidas no meio acadêmico, em geral no campo da saúde. Portanto, na área da Educação a discussão ainda carece de maior de ampliação. A realização desta pesquisa na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE tem como objetivo principal compreender como os significados e as implicações da morte e do morrer influenciam na vida de servidores da UFPE. Pretende, como objetivos específicos, identificar as estratégias de enfrentamento da morte e do morrer desenvolvidas por servidores da UFPE e discutir a educação para a morte à luz da formação humana a partir da percepção de servidores da UFPE. A formação humana numa perspectiva integral do ser é a abordagem adotada nesse estudo, sendo a educação para a morte considerada como parte desse processo formativo. A trajetória metodológica escolhida é do tipo qualitativa, a forma é a pesquisa de campo, os instrumentos para coleta dos dados são a entrevista semiestruturada e a observação. A análise dos resultados está orientada na análise de conteúdo, especificamente a análise temática. Os resultados foram analisados a partir de quatro categorias: significados e sentidos da morte; implicações da morte; enfrentamentos da morte e o humano em constante processo de formação. Os achados apontam para significados que vão desde a crença na vida após a morte até a certeza de que com a morte física tudo se acaba. A maioria dos entrevistados não possui uma estratégia para lidar com a morte, muitas vezes pela não reflexão quanto à finitude. Apontaram também que não possuem uma educação para a morte, embora acreditem na importância e na necessidade de que possamos tê-la nos espaços formativos. Por fim, a visão da morte e do morrer no sentido integral à luz da formação humana é um caminho a ser percorrido, não tendo sido, portanto, encontrado na análise dos resultados.

Palavras-Chave: Educação da Pessoa Humana. Morte – Sentido da Vida. Desenvolvimento da Pessoa Humana. Multidimensionalidade do ser.

ABSTRACT

The phenomenon of death is the certainty of life, however, death is still a taboo subject. The reflexive character about finitude is scarce in many social and educational spaces. Death and dying have been discussed in academia, in general in the field of health. Therefore, in the area of Education, the discussion still needs further expansion. The main objective of this research at the Federal University of Pernambuco – UFPE is to understand how the meanings and implications of death and dying influence the lives of UFPE servants. It intends, as specific objectives, to identify strategies for coping with death and dying developed by UFPE servants and to discuss education for death in the light of human training from the perception of UFPE servants. Human formation in an integral perspective of being is the approach adopted in this study, with education for death considered as part of this training process. The chosen methodological trajectory is qualitative, the form is field research, the instruments for data collection are semi-structured interviews and observation. The analysis of results is guided by content analysis, specifically thematic analysis. The results were analyzed from four categories: meanings and meanings of death; implications of death; facing death and the human in a constant process of formation. The findings point to meanings that range from the belief in life after death to the certainty that with physical death everything ends. Most interviewees do not have a strategy to deal with death, often because they do not reflect on finitude. They also pointed out that they do not have an education for death, although they believe in the importance and need for us to have it in training spaces. Finally, the vision of death and dying in the integral sense in the light of human formation is a path to be followed and, therefore, was not found in the analysis of the results.

Keywords: Education of the Human Person. Death – Meaning of Life. Development of the Human Person. Multidimensionality of being.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ranking do número de mortes por Covid-19.....	37
Figura 2 - O que há nos Quatro Quadrantes?	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estudos sobre a morte.....	18
Quadro 2: Perfil dos colaboradores.....	81
Quadro 3: Categorias de análise.....	86
Quadro 4: Estudos sobre educação para a morte.....	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DIMENSÕES DA MORTE E DO MORRER NO CAMINHO DA VIDA: PERSPECTIVA MATERIAL, SOCIAL E RELIGIOSA	22
2.1 Dimensão material da morte e do morrer	26
2.1.2 O corpo – expressão da existência	27
2.2 Dimensão social da morte e do morrer	30
2.2.1 Neoliberalismo	31
2.2.2 Necropolítica	34
2.2.3 Pandemia da Covid-19 – mortes e afetos	37
2.3 Dimensão religiosa da morte e do morrer	41
2.3.1 Catolicismo	41
2.3.2 Protestantismo	43
2.3.3 Candomblé	43
2.3.4 Umbanda	45
2.3.5 Espiritismo	46
2.3.6 Budismo	49
3 ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: UMA PERSPECTIVA INTEGRAL DO NASCER E DO MORRER	51
3.1 A espiritualidade sob o olhar de Röhrr	52
3.2 Enxergando a espiritualidade de Ken Wilber	56
4 FORMAÇÃO HUMANA – PENSANDO UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE	63
4.1 Formação humana no pensamento do educador Ferdinand Röhrr	69
5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	76
5.1 Colaboradores	78
5.2 Recolha dos dados	79
5.3 Aspectos Éticos	82
5.4 Interpretando as informações	83
5.4.1 Análise Temática	84
6 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	86
6.1 Significados e Sentidos da Morte	87
6.1.1 Dualidade	88
6.1.2 Religiosidade	89
6.1.3 Pungência da morte	92
6.1.4 Integralidade	94

6.2 Implicações da morte	96
6.3 Enfrentamentos da morte	99
6.4 O humano em constante processo de formação	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista	126
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL	127
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL	131

1 INTRODUÇÃO

A morte como certeza da vida. Embora saibamos dessa máxima, vivemos como se não fôssemos morrer, levando-nos a uma fuga, um adiamento sobre uma reflexão acerca disso, como afirma Kovács (1992, p. 2), “[...] não acreditamos em nossa própria morte, agimos como se ela não existisse, fazemos planos para o futuro, criamos obras e filhos, imaginamos que estes perpetuarão o nosso ser”.

A partir dessa certeza a maneira de enxergar o viver pode apresentar características diferenciadas, exigindo mais atenção no momento presente, mais consciência nas escolhas, mais maturidade na maneira de compreender os percalços e as bênçãos de viver. Extrair mudanças comportamentais, relacionais, emocionais, profissionais sob o olhar da impermanência que a morte nos remete, dá-nos a possibilidade de refletir sobre o nosso modo de vida, sobre o como e o porquê estamos fazendo tal ou qual escolha.

Devido à associação de que “[...] a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo” (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 6), talvez explique a resistência de nos debruçarmos sobre as questões relacionadas à morte do outro e à nossa própria morte.

Na contemporaneidade, os conceitos que envolvem o morrer, tais como distanásia, ortotanásia, eutanásia, suicídio assistido, demandam dos familiares, dos profissionais de saúde, de todos os envolvidos com o moribundo, decisões complexas, com sobrecarga emocional e mental. Suscitam maturidade e o mínimo de equilíbrio para que as decisões sejam tomadas em prol de uma melhor forma de resolver a complexidade na qual a problemática está inserida.

A dor provocada pela morte de alguém com quem construímos uma relação próxima, íntima e significativa, dificilmente se dá de maneira suave. Em geral dilacera, como se tivéssemos sofrido um “corte” profundo. Para numa cultura como a nossa, ocidentalizada, esse processo é ainda mais difícil, muito provavelmente porque não aprendemos uma forma de integrar a morte ao nosso viver, de maneira natural. Afinal, se houve nascimento, o falecimento é inevitável.

Esses sentimentos que nos remetem ao sofrimento podem ser atenuados de acordo com o nível de maturidade, de aceitação que cada pessoa pode desenvolver ao longo da vida. Como afirma Oliveira (2004 apud MELO, 2011, p. 157), “[...] a aceitação da morte constitui um dos maiores sinais de maturidade humana porque, paradoxalmente, a morte pode ensinar a viver”. Quando se consegue de alguma maneira enxergar a morte com a naturalidade que lhe

é nata, é possível que também se consiga viver com mais tranquilidade, mais serenidade, mais equilíbrio emocional.

A mobilização emocional que a morte provoca faz-nos questionar sobre a qualidade de nossas relações, o investimento do nosso tempo para sermos e estarmos com quem importa para nós, se estamos vivendo de maneira que não sintamos culpa porque escolhemos um ou outro caminho. Tal sentimento suscita questionamentos sobre nossa relação com o morto: Foi feito tudo o que podia? Tudo o que devia ter sido feito? Enfim, os sentimentos que permeavam a relação, muitas vezes despertam outros sentimentos. Para Kübler-Ross (1998, p. 167), “[...] a culpa talvez seja a companheira mais dolorosa da morte”.

Ao ter a morte como perspectiva é possível que a vida ganhe mais sentido, que o indivíduo busque mais qualidade no viver, na saúde, no bem-estar, evitando ou protelando, assim, o adoecimento, que é uma das possibilidades que culminam na morte. E, embora, nada possa ser feito no momento que é da morte, tudo pode ser mudado, transformado, educado para que se tenha uma boa vida.

A educação para a morte deveria ser abordada numa perspectiva interdisciplinar, a partir de tenra idade. Para que assim, desde a fase infantil a criança pudesse considerá-la e aprendesse a conviver com a realidade da impermanência. A morte deveria também ser mais discutida dentro dos lares, onde os valores são construídos, onde, muitas vezes, também se encontram as maiores preocupações acerca da realidade do morrer. A morte de alguém que é mantenedor, provedor de família, requer estratégias de enfrentamento da morte que nem sempre foram desenvolvidas ao longo da vida, tais como educação emocional, planejamento e estruturação familiar e financeira.

Uma educação integral que possa contemplar a temática da morte, possibilitando reflexões sobre a finitude, ou seja, educar-se para a morte e o morrer, pode ampliar e aprofundar as discussões que hoje já existem, quando a dimensão espiritual é observada nesse processo. A espiritualidade e as lentes religiosas atravessam a temática da morte, onde, aliás, a mortalidade tem um pouco mais de espaço para discussão. Os representantes religiosos, ao longo da história, sempre tiveram grande influência e participação no momento do rito de passagem da morte. Daí, o provável viés da morte com a religião.

Estudos, especialmente na área de saúde, debruçam-se em investigar o binômio espiritualidade e religiosidade em variadas perspectivas, tanto como para o enfrentamento de doenças crônicas, ansiedade, depressão (MOLINA, 2018; FONSECA, 2019) quanto na vivência do luto (PARENTE, 2017), como recurso terapêutico (ABUCHAIM, 2018), onde a morte “ronda” e faz-se presente nas discussões atravessando processos que compõem a vida.

Em geral, não temos ao longo da vida uma educação que favoreça o acesso e a compreensão de que somos seres multidimensionais. Segundo Röhr (2012), essa multidimensionalidade se apresenta em cinco dimensões: física, sensorial, emocional, mental e espiritual. Vale ressaltar que a espiritualidade, conforme assinala o referido autor, tem semelhanças, mas também diferenças de religião. A religião está vinculada a dogmas, regras de comportamento, inflexibilidade, características muito fortes e presentes nos muitos caminhos religiosos, sendo, portanto, pontos que geram um afastamento do que vem a ser espiritualidade. O teórico esclarece ainda que a religião e a espiritualidade têm em comum a crença numa divindade, embora a espiritualidade não esteja presa a uma forma específica da divindade. Com isso, identificamos valores que aproximam e que afastam os conceitos de espiritualidade e de religião.

Espiritualidade não exclui, em princípio, nenhuma fé religiosa como forma específica de vivenciar a espiritualidade. Por outro lado, nem tudo que se apresenta como religião também inclui a espiritualidade. As formas que a própria religião às vezes assume podem até ser contrárias à própria espiritualidade. (RÖHR, 2012, p. 20)

Uma vez que a espiritualidade é parte fundamental para o nosso estudo, e que a compreensão do que vem a ser uma educação integral num processo de formação humana suscita a inclusão da temática da morte e do morrer, acreditamos que é relevante fazer distinções e aproximações com outros temas, como o da religião, por exemplo, que de certa forma implica em ambos os conceitos, tanto o de espiritualidade quanto o de morte. Sendo assim, um processo de formação do humano não descuida e não prioriza uma ou outra dimensão, mas enxerga a conexão de todas as dimensões, considera a integração desses elementos constitutivos do ser. O desequilíbrio é abordado com mais detalhes no capítulo sobre formação humana, e consiste exatamente no favorecimento de uma dimensão em detrimento de outra.

Nesse sentido, faz-se importante pensar num processo educativo mais amplo que considere o ser de maneira integral. Com essa visão, a formação humana possibilita a compreensão do humano que vive experiências de naturezas distintas e que essas exigem atenção para os que almejam viver com plenitude. A formação humana defendida pelo professor Röhr é um processo de humanização, no qual inclui o aspecto espiritual, sendo esse o mais sutil e norteador dentre as cinco dimensões básicas mencionadas anteriormente.

A visão de mundo, o olhar para si e para o outro perpassam esse processo de aprendizado aprofundado, mais abrangente. “A formação humana é considerada no sentido de

educar os seres humanos para a vida individual e coletiva, promovida pela possibilidade de encontrar-se de forma efetiva consigo e com os outros” (SANTOS, 2016, p. 27).

A compreensão do ser com seus múltiplos aspectos, sem desmerecer a atenção para nenhuma de suas perspectivas humanas, é o que preconiza a formação humana. Entendido como um processo que não está atrelado à questão da idade, mas pura e exclusivamente a um sentimento de chamado, de busca, a um momento de despertar, que é pessoal e que exige comprometimento consigo mesmo.

Ken Wilber, filósofo estadunidense, apresenta uma teoria acerca do desenvolvimento integral do ser humano, o que inclui, obviamente, a dimensão espiritual. O teórico desenvolveu um conceito o qual denomina de Todos os Quadrantes, Todos os Níveis. Defende uma visão de integralidade demonstrada por quadrantes. Sendo dois quadrantes do lado esquerdo, esses contemplam os aspectos interiores do sujeito, suas subjetividades e aspectos culturais; e dois quadrantes do lado direito que abarcam os aspectos exteriores do humano, as objetividades.

A Universidade Federal de Pernambuco possui um total de 6.347 servidores, dados de maio/2019, de acordo com o site da instituição, sendo 2.504 docentes e 3.843 técnico-administrativos (UFPE, 2019). Público que oportuniza, através de pesquisas, mais conhecimento quanto à reflexão sobre a morte e o morrer.

Para a construção deste estudo algumas questões norteadoras surgiram ao longo do processo de elaboração da questão central a ser pesquisada sobre a morte e o morrer de servidores da UFPE, tais como: O que significa morrer para servidores da UFPE? Em que está implicada a morte para servidores da UFPE? Quais as atitudes que servidores da UFPE tomam em função da reflexão sobre a morte? Qual o poder de transformação que a morte exerce na vida de servidores da UFPE?

Este estudo é relevante no âmbito acadêmico porque a morte ainda é um assunto tabu, embora, felizmente, possa ser percebido um maior interesse pela temática com o avançar dos anos. Porém, dentre diversos trabalhos de pesquisa e artigos, percebemos predominância na área de saúde (BRASILEIRO; BRASILEIRO, 2017; COSTA; ROCHA, 2017; AZEVEDO, 2016; MAIA; FORTES, 2013). Ressalta-se a perspectiva dos cuidados paliativos prestados por profissionais desse campo, a lida cotidiana no tratamento de doenças, os limites da medicina e da enfermagem na busca pela manutenção da vida dos pacientes, da realidade da finitude, da concretude da morte, enfrentamentos que instigam e promovem pesquisas e ampliam discussões nessa direção (SILVA, 2018; OLIVEIRA, 2018; SANTOS, 2017;

DORNELLES, 2017). Contudo, percebemos carência de expansão na discussão sobre a morte e o morrer nos mais variados ambientes, incluindo o campo educacional.

Iniciei a revisão de literatura acerca do meu objeto de pesquisa em janeiro de 2021, fiz buscas em algumas plataformas, considerando o período de 2017 a 2020. Contudo, após conversa com minha orientadora, decidimos que a busca ficaria restrita à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, em virtude de ser um portal acadêmico que possui um número expressivo de teses e dissertações na área das Ciências Humanas. Foi mantido o período já estabelecido. Nesse caso, as consultas foram realizadas no mês de julho de 2021. Sendo assim, utilizei para a busca os seguintes descritores: “A morte e o morrer”; “Enfrentamento da morte”; “Educação para a morte”; “Morte e espiritualidade”; “Educação e espiritualidade”; “Significados da morte”; “Implicações da morte” e “Formação humana e morte”. Com esses descritores intencionei alargar as possibilidades de estudos que contemplassem a temática acerca da morte e do morrer. Dessa forma, foram identificados 408 (quatrocentos e oito) trabalhos, das mais variadas áreas do conhecimento, desconsiderando os trabalhos que aparecem repetidos em mais de um descritor. Sendo assim, fizemos um recorte, para compor o quadro abaixo, apenas com os estudos no campo da educação.

Quadro 1: Estudos sobre a morte

Descritores	Ano 2017	Ano 2018	Ano 2019	Ano 2020	Total
“A morte” AND “o morrer”	0	1	0	4	5
“Enfrentamento da morte”	0	0	0	1	1
“Educação para a morte”	0	0	0	0	0
“Morte” AND “Espiritualidade”	2	1	0	0	3
“Educação” AND “Espiritualidade”	14	9	14	3	40
“Significados da morte”	0	0	1	0	1
“Implicações da morte”	0	0	0	0	0
“Formação humana” AND “morte”	1	0	0	0	1
					51

Fonte: Elaborado pela autora.

O grande propósito dessa análise foi conhecer como a morte vem sendo estudada na seara da educação. Percebemos, inicialmente, que o volume de pesquisas na referida área do

conhecimento corresponde a 12,5% do total identificado, o que nos leva a acreditar que é uma temática que precisa ser mais explorada nesse campo do saber. Posteriormente, vimos que em alguns dos descritores os trabalhos encontrados não abordam a morte.

A temática da morte, nas pesquisas encontradas, é abordada na perspectiva do suicídio de adolescentes, a partir da Experiência de Quase Morte – EQM, no aspecto da elaboração do luto, no contexto de genocídio de jovens negros, como de classe artística, poética. É importante destacar que nos descritores “Educação para a morte”, “Implicações da morte” e “Formação humana e morte” não localizamos nenhum trabalho, o que denota lacunas expressivas na área da educação sobre a temática da morte e do morrer.

Pessoalmente, sem a pretensão de considerar a morte e o morrer como um tema bem resolvido, a vida tem colocado a temática diante de mim. Primeiramente, no espiritismo, caminho que escolhi para vivenciar muitas de minhas práticas espirituais e ao qual dedico meu profundo respeito e gratidão pela acolhida no sentido mais amplo da palavra. Por meio dessa doutrina amorosa pude aprofundar minhas reflexões acerca da vida e da morte. Depois, ao ingressar na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE como servidora, fui lotada na seção que presta serviço de atendimento/acolhimento na ocorrência de morte de servidores dessa instituição. Após alguns anos de serviço, tomei conhecimento da linha de pesquisa Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da UFPE, e prontamente fiquei encantada com a possibilidade de ampliação de pesquisas sobre temáticas que perpassam nossas subjetividades e estando o processo formativo do humano inserido num contexto de multidimensionalidade. Para o processo seletivo “desengavetei” um projeto sobre a morte e o morrer que tinha preparado para a participação de seleção anterior. Dessa forma, pesquisar sobre a morte e o morrer surge como mais uma possibilidade de aprofundar as minhas próprias inquietações acerca dessa temática.

No âmbito social esta pesquisa visa contribuir com servidores da UFPE a pensar o que significa a morte e como esta impacta suas vidas. Reflete sobre um processo de cuidado que vai além de si, com ações que podem ser desenvolvidas para promover mais qualidade de vida no trabalho e bem-estar aos servidores, bem como projetos de políticas públicas de educação para a morte que visem minimizar seus efeitos, sejam eles de natureza emocional e financeira ou qualquer outra identificada pelos estudos a serem elaborados a partir dessa perspectiva.

Esta pesquisa se justifica pela importância de ampliar a discussão sobre a morte e o morrer entre os servidores da UFPE, a fim de contribuir com o processo de dar voz aos colaboradores sobre sua compreensão do viver a partir da perspectiva da certeza da morte, aproximando o objeto em rodas de conversas, em diálogos com familiares, no âmbito

profissional e no processo de educação em si. É uma maneira de tirar o assunto morte da marginalização e podendo agregar mais conhecimento, conscientização e transformação do ser, alinhando ações que sejam estruturadas para um processo de educação para a morte. Afinal,

[...] frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social; da mesma forma deveríamos também nos preparar, pelos mesmos “vinte anos”, para o fim de nossa existência, em algum tipo de “escola”. Esta educação envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite – nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida: sobressaltos ou vicissitudes nas fases do desenvolvimento, perdas de pessoas significativas, doenças, acidentes e até mesmo o confronto com a própria morte. (KOVÁCS, 2003, p. 22-23)

A morte é um fenômeno que pode afetar o ser não apenas pessoalmente, mas também socialmente, mentalmente, culturalmente, espiritualmente, por possuir naturalmente uma força que mobiliza, gera reflexão, modifica rotinas, modos de compreensão da vida e formas de viver. É um acontecimento que, em geral, não se deixa passar despercebido. Mas, apesar disso, embora essa força que avassala, inerente à natureza da morte, seja por muitas vezes admitida, não se percebe muito investimento formativo e educativo que alicerce ou que minimize seus impactos.

Na ocorrência de morte de servidores da UFPE, há o serviço de atendimento aos familiares e/ou amigos, prestado em seção para comunicação da ocorrência de óbito e/ou solicitação de benefícios. Tivemos a oportunidade de perceber, por alguns anos, no dia a dia das atividades desenvolvidas nessa seção, que muitos servidores deixavam pendências que talvez pudessem estar resolvidas, se porventura demonstrassem pensar sobre a própria morte. Essa percepção era reforçada na tramitação das etapas processuais, corroborando a ideia de que, de fato, não houve uma educação para a morte.

A partir dessas percepções e questionamentos um **problema central** se apresenta para investigação: Como os significados e as implicações da morte e do morrer podem influenciar no viver de servidores da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE?

O **propósito** deste estudo é compreender como os significados e as implicações da morte e do morrer influenciam na vida de servidores da UFPE. Pretende, especificamente, identificar as estratégias de enfrentamento da morte e do morrer desenvolvidas por servidores da UFPE e discutir a educação para a morte à luz da formação humana a partir da percepção de servidores da UFPE.

Devido à complexidade, à cultura, aos sentimentos e às emoções envolvidas no processo de morte é relevante que o tema seja mais amplamente estudado, investigado,

pesquisado, a fim de que a reflexão seja mais oportunizada, favorecendo um processo educativo ainda mais amplo e profundo sobre a temática.

Este estudo tem como suporte teórico, acerca da espiritualidade, os pesquisadores Ferdinand Röhr e Ken Wilber. Está organizado em três capítulos. O primeiro deles tem como finalidade a reflexão e a discussão sobre a morte nas dimensões física, social e religiosa. No contexto da morte física evidenciamos a importância do corpo para manifestação do existir. Na dimensão social discutimos o sentido político da morte trazendo para o centro o neoliberalismo, a necropolítica e a pandemia da Covid-19. Quanto à morte na dimensão religiosa, apresentamos a visão do cristianismo, mais especificamente do catolicismo, do protestantismo e do espiritismo, também a visão budista e ainda a africana, do candomblé e umbanda. O segundo capítulo almeja assinalar a relevância de uma formação humana com base na integralidade. Apresenta a visão de espiritualidade dos pesquisadores Ferdinand Röhr, o qual defende uma teoria filosófico-pedagógica, e Ken Wilber, que criou a Teoria Integral com base em Quatro Quadrantes, do inglês All Quadrants All Levels – AQAL, onde o desenvolvimento humano acontece com base em “todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos”, ambas as teorias serão detalhadas mais à frente. Os teóricos apresentam uma perspectiva de espiritualidade dissociada do aspecto religioso e de crenças. O último capítulo detalha os caminhos metodológicos deste estudo, uma pesquisa qualitativa, tendo como forma a pesquisa de campo.

Nos dias atuais percebemos certa dificuldade na busca por um diálogo interior que suscite reflexões acerca dessa experiência fadada ao ser vivo. De maneira geral, há pouco investimento pessoal de pensar sobre isso. De alguma forma requer um esforço de entrar na “contramão” de um mundo voltado para o exterior, para a exposição, para o material. É possível que a reflexão sobre a própria finitude desperte no sujeito um receio do futuro, uma miscelânea de emoções, sentimento de impotência, de fracasso, uma análise de suas relações. Essas questões e posicionamentos diante do fenômeno são “combustíveis” para a busca de mais ou de novos significados para a vida, para o viver.

Portanto, pesquisar sobre os significados e as implicações da morte e do morrer para servidores da UFPE permite refletir acerca da finitude, da importância dessa discussão apoiada na educação num processo de formação humana como um caminho que pode ampliar os sentidos e os significados da vida.

2 DIMENSÕES DA MORTE E DO MORRER NO CAMINHO DA VIDA: PERSPECTIVA MATERIAL, SOCIAL E RELIGIOSA

Falar sobre morte ainda é incomum nos mais diversos ambientes: familiar, escolar, profissional. Causa desconforto, inquietação e, em geral, as pessoas preferem protelar o enfrentamento, embora a morte seja um assunto diário na mídia, por exemplo. É possível que apesar disso não estimule uma reflexão mais aprofundada, pois na maioria das vezes não “digerimos” a quantidade de informação que recebemos ou buscamos cotidianamente. Somos levados a uma superficialidade ou banalização da questão.

No passado, a morte era um risco de todos, até à Idade Média, devido às doenças, às epidemias, em especial, no século XIV. No contexto cultural contemporâneo, a morte foi transferida apenas para os mais velhos. Aos jovens, o poder e a glória; aos idosos, a morte. A obsolescência das pessoas envelhecidas tornou a morte também obsoleta,

Trata-se de um acontecimento que sucede apenas àquelas pessoas que já se tornaram obsoletas, por isso a própria Morte foi dispensada de seu emprego. Aposentou-se de sua perseguição em tempo integral, conferido-lhe agora o trabalho secundário de recolher aquelas almas que ainda persistem em sobreviver mais de um dia sob o sol. (KASTENBAUM; AISENBERG, 1976, p. 166)

Com o decorrer do tempo as famílias exerceram o papel decisório de organização dos funerais, de todos os ritos que antes eram escolhidos, organizados e respeitados a partir do moribundo, tornando-o mero espectador. A família ocupou quase todos os espaços que eram do doente no seu processo de preparação para morrer, defendendo que a causa dessa perda de autonomia do moribundo estava ligada aos avanços do sentimento familiar:

[...] Ora, a partir do século XVII, o homem deixou de exercer sozinho a soberania de sua própria vida e, conseqüentemente, de sua morte. Dividiu-a com sua família. Esta, antigamente, era afastada das decisões graves que ele devia tomar diante da morte, e que tomava sozinho. (ARIÈS, 2012, p. 220)

Atualmente, as famílias ainda decidem sobre alguns aspectos relacionados à morte do ente, mas perderam a condição de decidir sobre os cuidados e o local de morte do moribundo. Respeitados os casos de saúde em que se façam absolutamente necessários, essa transferência de responsabilidade acontece em função cada vez maior da institucionalização do fenômeno:

[...] Nas últimas décadas, a família foi destituída de seu papel como principal responsável pelo cuidado da saúde de seus membros, em favor da instituição familiar, que passou a assumir essa função. A hospitalização da morte nos tempos atuais pode ser geradora de sofrimentos relacionados ao excesso de intervenções nas pessoas hospitalizadas e no afastamento dos familiares e da comunidade, contexto no qual esses indivíduos poderiam ser cuidados com mais afeto e conforto. (DIAS et al., 2020, p. 5-6)

O tema morte fazia parte do cotidiano das pessoas naquele período. Não só era comum, mas igualmente importante a presença dos parentes, amigos e vizinhos nos ritos de despedida, inclusive as crianças também compartilhavam esses momentos. O evento tinha como característica também a publicidade, como destaca o pesquisador:

Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. E quando se pensa nos cuidados tomados hoje em dia para afastar as crianças das coisas da morte! (ARIÈS, 2012, p. 37)

Sabemos que nem todas as crianças são afastadas da morte. Existem aquelas que vivem em situação de risco, às quais são expostas a mortes, inclusive de tipos violentos. São seres que desde muito cedo convivem com a realidade cruel de conflitos de toda ordem, como por exemplo, os advindo do tráfico de drogas. Crianças e jovens periféricos que conhecem a morte de maneira banalizada. Pereira (2017) afirma que

Embora deva sair da relação estreita entre juventudes e violência, não tenho como não destacar a faceta da violência impressa amplamente nos bairros periféricos, permitindo que os jovens se defrontem cotidianamente com o universo do crime, e o sedutor submundo das drogas e do tráfico, sendo os dois últimos, não raro, utilizados também como subterfúgios para se escapar à pobreza. (p. 32)

O morrer é por si só um processo complexo, principalmente para pacientes de doenças terminais, crônicas, que experimentam dores diversas. Além disso, está-se distante do aconchego familiar, pois a institucionalização é muito forte nos dias atuais. Morre-se no ambiente hospitalar, em meio a procedimentos infundados, gerando muitas faltas no paciente, que não é apenas as de um corpo doente.

A forma de lidar com a morte pode ser diferente a depender da cultura, do costume, da idade, da crença, mas o enfrentamento é um processo complexo devido à dificuldade de aceitação. Segundo Kübler-Ross (1998, p. 6), “[...] quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá”.

Utilizamo-nos de mecanismos de defesas psicológicas para conseguirmos “conviver” com a morte. No caso dos pacientes terminais, são vivenciadas algumas etapas, como destaca Kübler-Ross (1998): são cinco estágios, iniciando com a negação e o isolamento, em seguida a raiva, depois a barganha, a depressão e, por fim, a aceitação. Kovács (1992) cita esses mecanismos como: negação, repressão, intelectualização, deslocamento.

Nesse contexto, a morte é, geralmente, temida, assustadora, está associada a sentimentos dolorosos. Porém, ao nascer não terá outro jeito, um dia irá morrer. Como afirma

Rodrigues (2006, p. 17), “no conjunto das transformações que a humanidade tem sofrido no correr de sua história, duas ao menos permaneceram constantes, opostas, constituintes e complementares: os homens nascem, os homens morrem”.

O sentimento de aversão à morte não é suficiente para neutralizar seus efeitos na vida de todos. É vã a tentativa de escamotear a repercussão, em razão do fenômeno, para os sujeitos na experiência de luto, na perspectiva de morte iminente ou simplesmente na absoluta certeza de finitude que todos compartilhamos. Embora outros sentimentos como a ansiedade e a tristeza possam estar envolvidos na morte, daremos ênfase ao medo por compreender que esse sentimento se sobrepõe a qualquer outro diante da perspectiva de morte.

Kovács (1992, p. 2-3) explica que por não conseguirmos viver em tempo integral com a presença da morte desenvolvemos recursos de defesa psicológica para continuar vivendo e realizando projetos. Porém, essas mesmas defesas podem provocar restrições na vida de uma pessoa, podendo levá-la a “experienciar” a morte mesmo antes de morrer, ou seja, passando a não viver, ficando limitado, como se estivesse “morto” ainda em vida.

Kastenbaum e Aisenberg (1976) destacam que “o medo é estado psicológico mais comumente citado quando médicos ou pesquisadores discutem respostas ou atitudes para com a morte” (p. 42). E acrescentam que todas as pessoas, apesar das diferenças, têm medo da morte, que esse sentimento tem implicações sociais, e ainda que esse estado ressoa na maneira de lidar com as dificuldades da vida.

Os autores explicam que existem algumas dimensões quanto ao medo da morte a serem consideradas, as quais estão relacionadas ao tempo, por não sabermos exatamente quando ela ocorrerá, ao espaço, por nos questionarmos se a morte está dentro de nós ou fora de nós, e ainda a dimensão da probabilidade, pois embora todos tenhamos 100% de condições para morrer, esse aspecto é trazido no sentido da saúde (física e/ou mental). Algumas pessoas podem conviver com a ameaça iminente da morte devido a questões de saúde, enquanto outras também podem sofrer de uma doença crônica, por exemplo, mas não têm esse risco imediato declarado pela medicina.

Nas palavras de uma das maiores autoridades em pesquisas sobre a morte e o morrer, a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, em seu livro *A Roda da Vida* (1998) destaca que “sempre digo que a morte pode ser uma das maiores experiências que se pode ter. Se você vive bem cada dia de sua vida, não tem o que temer” (p. 15).

Paradoxalmente, apesar dos sentimentos que envolvem a morte, na sociedade moderna não se tem tido tempo para ser refleti-la mais profundamente. Os ritos, o luto, a dor são

atravessados rapidamente. Torna-se, portanto, um acontecimento rápido em seus ritos, provocando encurtamento na vivência do luto, como nos aponta as autoras:

A morte moderna tornou-se rápida e isolada em hospitais ou asilos e grande parte das cerimônias de velório desapareceram, foram encurtadas e até consideradas patológicas. Na prática, ficou esquisito cultivar e viver o luto. (GREINER; AMORIM, 2007, p. 12)

Neste sentido, Ariès (2012) destaca que o hospital é o novo local para morrer e não mais em casa. Não mais há a manifestação do luto através das roupas escuras nem livre expressão dos sentimentos de dor. O desejo pela felicidade interdita a morte, essa é uma causa imediata apontada pelo autor. Essa busca pela preservação da eterna felicidade sufoca os sentimentos de tristeza, fazendo com que as dores sejam silenciadas. Também destaca o aspecto econômico, todo o comércio que começa a fazer parte dos ritos fúnebres objetivando o sucesso dos serviços funerários, a morte não poderia ser apresentada de maneira a causar medo. A ilusão da felicidade eterna no caminho do viver, a negação da dor que é nata à perda de alguém querido e ao mesmo tempo os julgamentos sociais devido ao tempo do luto e suas expressões, que variam de pessoa para pessoa, parecem ser a preocupação do pesquisador quando menciona essas atitudes diante da morte.

O assunto sobre a própria morte ou a morte do outro é uma temática muitas vezes marginalizada que os interesses modernos e pós-modernos tendem a suprimir, de modo a não deixar sobrar nenhum tempo que se possa dedicar a pensar a vida sob a perspectiva da finitude. Com essa supressão as possibilidades de amadurecimento, de reflexão e de transformação pessoal vão sendo minadas pela busca incessante da felicidade, do bem-estar quase como uma “obrigação” de que esses estados sejam permanentes.

O historiador assinala ainda que

No século XIX, a morte parecia presente em toda parte: cortejos de enterros, roupas de luto, extensão dos cemitérios e sua superfície, visitas e peregrinações aos túmulos e culto da memória. Mas será que esta pompa não ocultava o relaxamento das antigas familiaridades, as únicas a realmente possuírem raízes? Em todo caso, esse eloquente cenário da morte oscilou em nossa época, tendo a morte se tornado a *inominável*. Tudo se passa como se nem eu nem os que me são caros não fôssemos mais mortais. Tecnicamente, admitimos que podemos morrer, fazemos seguros de vida para preservar os nossos da miséria. Mas, realmente, no fundo de nós mesmos, sentimo-nos não mortais. (ARIÈS, 2012, p. 100)

A dialogicidade entre vida e morte é salutar, instiga o aprofundamento na busca de sentido no viver, na autenticidade que embasa as relações, pois é um constante processo de consciência da impermanência, enfim, da finitude humana. A morte como um limite da vida, a responsabilidade que pode ser desenvolvida a partir do uso do tempo, da construção e da

manutenção das relações, a separação do que verdadeiramente importa daquilo que não é tão importante, tão essencial.

A transformação das atitudes diante da morte evidenciada por Ariès corrobora a imprescindibilidade de refletir sobre os verdadeiros sentimentos, sugerindo mais entre o discurso e a prática. Leva-nos a acreditar que essas arestas podem ser aparadas a partir de um processo formativo com uma perspectiva integral do ser.

A morte tem algumas maneiras diferentes de acontecer, tem faces. Simbolicamente, como por exemplo, na mudança do corpo nas fases da vida (infantil, adolescente, adulto, idoso), como no fim de um relacionamento, na mudança de emprego, de cidade. Literalmente, convivemos com a morte diária, por meio da mídia, também a morte nos jogos eletrônicos que mobilizam crianças, jovens e adultos, e ainda a morte devido à pandemia da Covid-19.

Esse fenômeno provoca muitas reflexões acerca da forma como compreendemos e vivemos a vida, a maneira como nos relacionamos conosco e com os outros. O significado da morte e suas implicações são percepções importantes na visão de mundo do sujeito. Quando a pessoa vê o mundo sob os contornos da morte poderá sofrer mudanças, transformações na condução da vida, seja a morte de si mesmo, seja a morte do outro. Morre-se de alguma maneira quando algo significativo é perdido para a chegada de um novo que ainda é incerto quanto à forma de adequação ou como um registro, uma marca no viver de cada ser.

Neste espaço do trabalho discutiremos as dimensões da morte, mais precisamente material, social e religiosa. Abordaremos a perspectiva da morte física, da finitude do corpo, no contexto social, especificamente no sentido político, e ainda a morte no aspecto religioso sob o olhar de algumas crenças.

2.1 Dimensão material da morte e do morrer

O que é a morte? De acordo com o Ministério da Saúde, “morte encefálica é a definição legal de morte. É a completa e irreversível parada de todas as funções do cérebro”. Conforme a Resolução do Conselho Federal de Medicina, “a morte encefálica deverá ser consequência de processo irreversível e de causa conhecida” (1997). Portanto, para a medicina a morte ocorre quando o cérebro encerra suas atividades em definitivo. Trata-se, claramente, de um conceito de morte física.

O corpo é o que torna possível a morte física. Ele é o meio para expressões de fala, de gestos, de olhares, de posturas. O corpo possibilita a realização de atividades, de estar no mundo, de poder encontrar outros corpos, formando uma grande teia relacional. Sem o corpo

não podemos manifestar nossa existência física, biológica, material. A vida material se encerra, portanto, com a morte do corpo físico.

Nessa direção enfatizaremos a morte em sua dimensão material representada pelo corpo que tem, portanto, o caráter exclusivo do aspecto físico da vida humana.

2.1.2 O corpo – expressão da existência

O desenvolvimento biológico do ser humano se dá através do desenvolvimento de seu corpo físico. Assim, há a imprescindibilidade do corpo para interação com o mundo material, que é marcado por fases (infância, adolescência, adulta e velhice). Vale ressaltar que cada uma dessas fases citadas se apresenta com significativas transformações e necessidades de adaptação e aceitação. Do ponto de vista biológico, físico, o corpo é condição necessária para a existência. Por meio dele promovemos nossa comunicação com os outros e com o mundo. De acordo com Justo (2011 apud Durozoi, 1996), o corpo está conceituado “como um organismo natural, um conjunto de órgãos que permite as funções necessárias à vida” (p. 21).

Souza et al., 2001 apud Rodrigues, 1979 destaca que

[...] O corpo carrega em si a marca da vida social, expressando a preocupação da sociedade em imprimir nele algumas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. É como uma massa de modelagem onde a sociedade imprime formas de acordo com suas próprias disposições, projetando a fisionomia do seu próprio espírito. O corpo significa ao mesmo tempo a Vida e a Morte, o Normal e o Patológico, o Sagrado e o Profano, o Puro e o Impuro. (p. 27)

No estudo realizado por Furtado (2009 apud Andrieu 2006), o conceito de corpo para as ciências humanas e sociais é

[...] uma matéria que se desenvolve em forma de um programa genético em função de sua maior ou menor plasticidade bio-cultural. Resultado da interação de sua matéria genética com o ambiente sócio-cultural, combinados à medida que se dá sua constituição, suas regulações e suas adaptações; limitado à sua morte, ao mundo exterior e às representações do mundo. Além disso, os corpos se tornam humanos pela assimilação de aprendizagens voluntárias e involuntárias ao longo de sua formação e de toda sua existência. Constituem-se de hábitos que são impressos em sua matéria por códigos, símbolos e linguagens culturais daqueles que os educam em suas vidas. (p. 31-32)

Em maior número encontramos estudos desenvolvidos na área de saúde com enfoque de discussão voltado para o modo como os profissionais da área de saúde lidam com a morte em suas atividades laborativas. Contudo, a reflexão acerca da morte, nesse contexto hospitalar, apresenta-se mais compreendida do que quando vivenciada o processo de morrer:

[...] ficou perceptível que a vivência dos profissionais da unidade de terapia intensiva com a morte é menos permeada de dificuldades, ainda que elas

existam, e encará-la no cotidiano do trabalho é algo que, com o tempo e o transcurso da ocupação torna-se comum no trabalho. Entretanto, o mesmo não pode ser dito em relação ao processo de morrer. (SANTOS, 2016, p. 49)

O desgaste emocional diante da dificuldade desses atores de acompanhar o processo de morrer dos pacientes, com os quais têm uma relação mais aproximada devido aos cuidados pertinentes à profissão, é apresentado no trabalho da pesquisadora:

O que define o processo de morrer dentro da UTI é sinalizado por um “prognóstico reservado” que o paciente recebe devido a suas condições e características clínicas. O mau prognóstico é indicativo de uma morte esperada, breve ou longa, mas que certamente ocorrerá dentro desse espaço de trabalho. Diante disso a atitude de preparação e a sensação de desgaste entre o grupo de profissionais se faz notada, porque o paciente que vai morrer é aquele com quem estabeleceram uma convivência e partilharam de sua história. (SANTOS, 2016, p. 51)

Além da morte do outro, a perspectiva de refletir sobre a própria morte é também motivo de medo. Considerar que “eu morrerei” é também considerar sofrimento. Essa reflexão leva o sujeito a lugares que o assustam, desdobrando em pensamentos aflitivos:

O medo de meu próprio processo de morrer inclui o indesejável prospecto de sofrer. Em outras palavras, é a possibilidade de padecer a aflição física que torna o morrer um evento tão aversivo. Mas eu também receio que minha integridade poderia “rebentar” durante o processo. Provavelmente me tornarei dependente de outros para satisfazer minhas necessidades. O medo à dependência é assim um dos mais específicos submedos dentro do conjunto de medo geral à indignidade. (KASTENBAUM; AISENBERG, 1976, p. 46)

A dimensão física desperta um grande interesse de cuidado. Cuidados com a saúde física no que tange à alimentação, à realização de exames de rotina, à qualidade do sono, à atividade física demonstram a importância da vitalidade do corpo. Os avanços da medicina têm possibilitado um certo retardo do envelhecimento, diversos tratamentos estéticos em prol da beleza física são amplamente requisitados, principalmente com esse propósito.

A preocupação com a dimensão corporal aponta para um certo encantamento do sujeito com o seu corpo, a ponto de acreditar ser apenas o próprio corpo, sua subjetividade fica relegada a planos secundarizados, menos evidenciados, como ratifica Greiner e Amorim (2007),

[...] Desde algumas décadas, o foco do sujeito deslocou-se da intimidade psíquica para o próprio corpo. Hoje, o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, a sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde a sua longevidade. O predomínio da dimensão corporal na constituição identitária permite falar numa bioidentidade. (p. 25)

As mesmas autoras pontuam que a bela vida, para os antigos, era exatamente o sentido contrário do cuidado de si compreendido a partir do culto ao externo. Para a sociedade antiga

a representação desse cuidado seria o olhar do sujeito para dentro de si, suas questões subjetivas, e não o funcionamento do sujeito moderno, que está com o olhar focado apenas para a beleza corporal.

A busca pela beleza corpórea, pela perfeição física, desperta nas pessoas interesses que implicam a adoção de comportamentos, de modos de viver voltados para resultados nesse sentido. O comércio, a mídia da estética e da beleza ganham espaços na vida das pessoas, com isso, recebem estímulos cotidianamente, exercendo forte influência no consumo de produtos e serviços que possibilitem a concretude dos anseios quanto ao alcance dos padrões de beleza estabelecidos sob essa perspectiva. Assim, indicam o alto valor e a profunda atenção dada à corporeidade. Segundo Furtado (2009),

Os meios de comunicação de massa desempenham amplo papel nessa busca pela beleza e estimulam a fabricação de tais padrões corporais. A crescente comercialização do corpo, implícita na cultura atual, produz um paradoxo entre a beleza natural e a artificial. Esse paradoxo está vinculado à insatisfação das pessoas com a própria imagem corporal e contribui decisivamente para o aumento de transtornos do comportamento associados à estética, tais como a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a “plasticomania”. (2009, p. 2)

Neste sentido, Talamoni (2007), corrobora

A “corpolatria” – termo cunhado justamente para designar este fenômeno, cuja origem remete à ascensão do sujeito individual (Eu) na modernidade – refere-se à preocupação exagerada que os indivíduos vêm nutrendo acerca de seus corpos, saúde e estética, fazendo surgir, a cada dia, novas práticas e intervenções que visam em última instância, à construção de um corpo (e de uma identidade) possível, em todas as faixas etárias, através de discursos midiáticos, médicos, científicos, pedagógicos e de outras ordens, de modo que, cada vez mais as condições corporais dos indivíduos se confundem com o próprio indivíduo. (p. 3)

O corpo tem a potência de afetar e de ser afetado. Na lente de um corpo-objeto, esse apresenta a plasticidade como característica, ora gordo, ora magro; ora saudável, ora doente. Possui uma capacidade de grandes mudanças, basta olhar o corpo de uma mulher antes e durante uma gestação. Mas esse corpo é também sujeito e portador de prazeres e de dores, de sorrisos e de lágrimas, de alegrias e de sofrimentos, vivências ao longo de cada história. Funções não apenas físicas, mas também sociais, psicológicas e que se manifestam através do corpo.

Apesar disso, o homem era no passado mais “dono” do seu corpo do que o é nos dias atuais, especialmente, na condição de adoecido ou morto. Segundo o pesquisador Ariès (2012), na Idade Média até o século XVIII, a relação do homem com a morte é muito mais próxima, familiar. Os homens daquela época se preparavam para a própria morte e decidiam

como seria seu funeral, seu enterro e o destino de seus bens por meio de testamento. O poder de escolha, de expressão desse sujeito, comparado aos dias atuais era muito mais abrangente.

Assinala o autor:

Até o século XVIII, a morte dizia respeito àquele a quem ameaçava, e unicamente a este. Também cabia a cada um expressar suas ideias, seus sentimentos, suas vontades. Para isso, dispunha-se de um instrumento: o testamento. Do século XIII ao século XVIII, o testamento foi o meio para cada indivíduo exprimir, frequentemente de modo muito pessoal, seus pensamentos profundos, sua fé religiosa, seu apego às coisas, aos seres que amava, a Deus, bem como as decisões que havia tomado para assegurar a salvação de sua alma e o repouso de seu corpo. (ARIES, 2012, p. 71)

Uma vez morto o corpo, existem os mais variados serviços fúnebres, expressões do culto ao corpo, agora sem vida. Procedimentos tais como remoção, higienização, conservação dos restos mortais, tamponamento, tanatopraxia, necromaquiagem são comuns como parte do rito derradeiro, representando a finitude corporal como demonstração e representação cultural e social dos cuidados com o corpo.

A morte desse instrumento poderoso, templo de todas as experiências físicas do ser, dos encontros com outros corpos, é, portanto, um acontecimento marcante, decisivo e impactante. Para além de tantas contextualizações corporais e de sua inquestionável importância para a existência no mundo, manifestam-se como aspectos de relevância os cuidados necessários para com o corpo, ao mesmo tempo em que há necessária reflexão acerca de sua finitude, a despeito de todo o esforço de mantê-lo jovem, saudável e belo.

Ainda que não seja cuidado, que não seja cultuado e priorizado, o destino final do corpo é a morte física.

2.2 Dimensão social da morte e do morrer

Existem outras formas de concepção da morte, para além da morte física. Para Brasileiro e Brasileiro (2017, p. 79), a morte tem outras formas de representação, tais como perda, ruptura, desintegração, degeneração, descanso, uma grande viagem a depender de tradições culturais e familiares.

A morte na dimensão social é uma das faces da vida. A visão de mundo do ser está diretamente influenciada por suas concepções e percepções. Essa visão foi repassada, foi ensinada ou aprendida e podendo estar sempre a serviço de revisita, de reformulação, de construção de formas de viver que propiciem o despertar de novos aprendizados com mais conscientização, completude, educação em todas as suas dimensões.

Neste subtópico tentaremos abordar a morte em sua dimensão social. Para essa reflexão direcionaremos nossa discussão para o sentido político, destacando os funcionamentos do neoliberalismo na visão de Dardot e Laval (2016), e da necropolítica discutida por Achille Mbembe. Acrescentaremos a essa reflexão a situação de pandemia da Covid-19 no Brasil, momento ainda em atravessamento, o novo coronavírus que tem sido a causa morte de mais de seis centenas de milhares de indivíduos no País.

2.2.1 Neoliberalismo

Sendo a morte a certeza da vida, a trajetória do indivíduo, os caminhos percorridos ao longo da vida, possibilita as experiências do viver, de ser-estar no mundo, numa construção de significados e sentidos pessoais, singulares. A partir dessa perspectiva de como funcionamos enquanto sujeitos inseridos em sistemas, dos quais fazemos parte consciente ou inconscientemente, é que acreditamos relevante essa discussão trazida pelos autores Dardot e Laval (2016) sobre o sujeito neoliberal.

A nova era tem fabricado um novo indivíduo que recebe reforços para acreditar, pensar e agir como um ser unitário, funcionando numa espécie de “piloto automático” num sistema de prevalência econômica, para além de uma doutrina, num mecanismo de normas denominado neoliberalismo. Os autores compreendem o neoliberalismo como sendo uma questão de estratégia universal e o definem “como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (p. 17).

Afirmam também que

[...] O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. Essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 16)

Diante da normatização instituída pelo neoliberalismo um novo sujeito ocupa o mundo com acentuadas mudanças na sua forma de ser-estar. Para Dardot e Laval (2016), o indivíduo da nova gestão, o sujeito neoliberal sofre transformações no campo da sociologia, uma vez

que as suas relações e formas de funcionamento enquanto ser social têm novas características como também esse novo sujeito apresenta sintomas no campo da psicanálise.

A morte e o morrer estão intrinsecamente ligados ao aspecto relacional. Nesse sentido vale refletir sobre as novas características no comportamento social que o sujeito neoliberal aprende, desenvolve. Em quais condições o novo sujeito se coloca diante da finitude? De que forma lida com os aspectos ligados à morte do outro e a morte de si?

Os pesquisadores Dardot e Laval (2016) enfatizam que o neosujeito é um homem produtivo, consumidor, competitivo, empreendedor, homem-empresa. Focado na eficácia e no desempenho, o sujeito neoliberal funciona como uma empresa de si mesmo, com todas as obrigações, cobranças e resultados pertencentes ao mundo dos negócios, das transações. Aliás, é relevante enfatizar que as relações sociais e familiares são nesse contexto enfraquecidas, uma vez que o que importa são as negociações vindouras a partir dessa rede de contatos, do oferecimento de algo, num contexto de troca.

Toda responsabilização e valorização, bem como desvalorização estão diretamente relacionados ao bom ou mau desempenho do indivíduo, promovendo sabores e dissabores do sujeito empresarial frente aos seus objetivos. O indivíduo deve trabalhar na empresa como se essa lhe pertencesse, da qual fosse o dono, sendo autogovernado, ativo e gestor de seus riscos, uma vez que é produzido tanto o sujeito de risco quanto o da assistência privada. O neosujeito funciona cada vez mais isoladamente e com menos ajuda de meios de pertencimento, com isso o “risco” passou a ser uma área comercial, levando em conta que o indivíduo o assume cada vez mais e dispõe cada vez menos da solidariedade dos mecanismos públicos.

“[...] A maneira como os governos reduzem a cobertura socializada dos gastos com doenças ou aposentadoria, transferindo sua gestão para empresas de seguro privado, fundos comuns e associações mutualistas intimados a funcionar segundo uma lógica individualizada, permite estabelecer que se trata de uma verdadeira estratégia”. (p. 348)

Nessa direção, a ideia da “livre escolha” consiste num mecanismo em que o papel dos poderes públicos e das empresas incidem no fornecimento das informações necessárias “sobre o mercado de trabalho, o sistema educacional, os direitos dos doentes etc.” (p. 349). Ao indivíduo cabe fazer melhores escolhas e ser totalmente responsabilizado pelos riscos provenientes delas, uma vez que tem todas as condições de acesso. Os autores dizem, portanto,

“[...] Em outras palavras, a implantação de um dispositivo informacional de tipo comercial ou legal permite uma transferência do risco para o doente que “escolhe” determinado tratamento ou operação, para o estudante ou o “desempregado” que “escolhem” certo curso de formação, o futuro

aposentado que “escolhe” uma modalidade de poupança, o turista que aceita as condições do percurso etc. Compreende-se, então, como a instauração de indicadores e “rankings” faz parte da ampliação do modo de subjetivação neoliberal: qualquer decisão, seja, médica, escolar, seja profissional, pertence de pleno direito ao indivíduo. O que, devemos lembrar, tem certa ressonância no indivíduo, na medida em que ele aspira controle o curso de sua vida, suas uniões, sua reprodução e sua morte. (p. 349-350)

Ainda para Dardot e Laval (2016), a nova gestão utiliza-se de formas de controles e avaliações, por meio de técnicas e ferramentas de autogestão e autoajuda que visam ao alcance e à manutenção do sucesso e autorrealização num estado “permanente” de prazer e felicidade. A fábrica desses novos homens em sujeitos empresariais os tornam dóceis ao trabalho, úteis, dispostos ao consumo, e um ser “escravo” de seus desejos. “[...] A própria vida, em todos os seus aspectos, torna-se objeto dos dispositivos de desempenho e gozo” (p. 356).

Indivíduos desejanter inseridos numa “roda viva” que os estimula a modificar o que acharem necessário, desde que essas mudanças lhes traga os melhores resultados, sendo assim campeões no mundo dos negócios, verdadeiros “capitais humanos”. Suas insatisfações devem ser transformadas, modificadas ilimitadamente, de maneira que possam produzir e gozar mais e mais. A neogestão controla, disciplina, normatiza comportamentos e atitudes.

Uma vez que nem sempre é possível atingir os objetivos e metas estabelecidos, há certa dificuldade de lidar com o “mau” desempenho. “[...] A gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a insatisfação que se sente por desempenhos passados” (p. 344-345).

Nessa corrida desenfreada por resultados não é difícil pensar sobre o adoecimento do indivíduo. A doença é, portanto, uma das possibilidades que tornam a morte mais próxima, uma vez que durante a vida fugimos (pouco ou muito) de refletir sobre a nossa finitude. Sob essa perspectiva acrescentamos o que Dardot e Laval (2016) apresentam como alguns dos reflexos sintomáticos que o neosujeito pode desenvolver: são dores psíquicas, físicas, que podem culminar em patologias graves. Os autores destacam o estresse, o sentimento de fracasso pessoal, a autodesvalorização (sensação de inutilidade), o isolamento, o assédio, a depressão e até o suicídio no local de trabalho “[...] Em todo caso, o sujeito no trabalho parece mais vulnerável na medida em que a gestão exige dele um comprometimento integral de sua subjetividade” (p. 363).

Devido à natureza multidimensional do sujeito, situações de desequilíbrio em quaisquer das dimensões tornam susceptíveis de interromper, retardar e até parar o maior e o

melhor projeto que possa existir na vida do neosujeito, considerando ainda que o sujeito adoecido não está contemplado nos moldes estabelecidos pelo sistema. No funcionamento neoliberal não há espaço para a improdutividade, para a incapacidade laborativa, incluindo nesse contexto a marginalização dos diferentes, de pessoas que porventura nasçam ou desenvolvam ao longo da vida limitações cognitivas, físicas e assim não possam atender às demandas de mercado, de competitividade, de desempenho. Vale ressaltar, inclusive, que de acordo com Carvalho (1992, p. 218),

Encontra-se na literatura, ao longo dos tempos, muitas referências de que o câncer é uma doença psicossomática. Autores associam o seu surgimento a traumas específicos e a condições psicológicas como o luto, ansiedade, desapontamentos, perda do apoio emocional dos pais ainda durante a infância, etc.

Trata-se de uma estrutura que está posta globalmente, que não só abarca o campo econômico, mas também social, que articula e desenvolve mecanismos de controle dos aspectos subjetivos do sujeito, como por exemplo, sua maneira de viver no mundo, sua maneira de se relacionar com o outro. Contudo, voltamos ao aspecto da reflexão acerca da morte como um convite a repensar conceitos, valores e estratégias da vida vivida. Defendendo o processo educativo no sentido de uma formação integral como uma oportunidade do indivíduo multidimensional que é, considerar outras ideias para além da materialidade. Um ser-estar no mundo que acolha todas as dimensões e encontre uma maneira de viver com mais lucidez e equilíbrio.

Em suas palavras sobre a morte e o morrer, a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross na obra *A Roda da Vida* (1998, p. 18) ressalta: “As pessoas sempre me perguntam como é a morte. Digo-lhes que é sublime. É a coisa mais fácil que terão de fazer. A vida é dura. A vida é luta”. Afirma ainda que a vida é como uma escola, ao aprendermos uma lição outras vão se apresentando. Um processo contínuo de aprendizado.

2.2.2 Necropolítica

A necropolítica é um fruto amargo do racismo. O racismo que ao longo de séculos escravizou o diferente, o não branco. Racismo, muitas vezes velado, outras nem tanto, mas que faz parte dos nossos dias atuais na mídia, nas redes sociais, no mundo virtual e real, na pele de quem não tem a cor, a situação econômica, o estilo de vida a partir do “modelo” determinado como superior, diminuindo as possibilidades de uma existência digna daqueles considerados indignos, não merecedores de viver. Esclarece-nos Mbembe (2018), que o conceito de raça durante muitos séculos foi utilizado para fazer menção a todo povo diferente do europeu, carregado de conotação de inferioridade. Aliás, o termo raça, também explica o

historiador em sua obra *Crítica da razão negra*, inicialmente era utilizado para fazer referência ao animal. Achille Mbembe (1957) é o criador do termo necropolítica, que trata da política de morte. A busca pelo controle da vida e da morte das pessoas, trata-se do poder soberano de decidir quem pode ou não pode continuar vivendo.

Durante o período da colonização dos povos negro e indígena a produção de morte de corpos que não mereciam viver foi uma ácida realidade. Povos considerados inferiores pelos colonizadores. A ausência de direito e o dever de apenas servir aos povos tidos como superiores, intelectuais e donos, portanto, da liberdade, da vida e até da morte dos subalternos. Esses, durante séculos, passaram a viver em função da vida de seus senhores, dos homens que detinham o poder de suas existências e que os transformavam em coisas, em objetos devido à soberania que está definida nas palavras do historiador como

[...] um duplo processo de “autoinstituição” e “autolimitação” (fixando em si os próprios limites para si mesmo). O exercício da soberania, por sua vez, consiste na capacidade da sociedade para a autocriação pelo recurso às instituições inspirado por significações específicas sociais e imaginárias. (MBEMBE, 2016, p. 124)

Na contemporaneidade, as senzalas e as colônias poderiam ser representadas como as periferias das cidades, no sentido da precarização da vida humana, no sentido do desrespeito aos direitos sociais do indivíduo que ali vive, ou melhor, sobrevive. Do estado de exceção permanente. A cor da periferia é maciçamente negra, o que demonstra com clareza o racismo que ainda opera em nosso país. Faz-nos lembrar a descrição de Fanon (1991) apud Mbembe (2016) acerca da ocupação colonial

A cidade do povo colonizado (...) é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vida agachada, com uma cidade sobre seus joelhos. (p. 135)

No estudo sobre necropolítica de Rodrigues (2019), acerca das implicações psicossociais no cotidiano de mães que experienciaram o homicídio de seus filhos, a autora reforça o cenário descrito acima na tentativa de compreender o porquê dos crimes terem acontecido na comunidade em que as vítimas moravam “[...] Podemos pensar uma relação entre os espaços das margens urbanas e as colônias, que se destacavam por serem os locais “sem lei” em que todos os tipos de crueldade, como maus tratos, humilhações, punições, execuções, tornavam-se possíveis e legítimas” (p. 53).

Produzir a morte a partir da crença de que se tem o direito de decidir sobre a existência do outro demonstra valores desiguais quando se trata de vida, ou seja, que uma vida vale

menos ou mais que outra. Em outras palavras, há vidas que são desvalorizadas, invisibilizadas. É importante que políticas públicas produzam mais vida, em todos os sentidos. Mais vida por meio da saúde pública, mais vida por meio das escolas públicas, mais vida por meio da segurança pública. Homens, mulheres, crianças negras, pobres, indígenas, periféricos, seres na mira do necropoder a partir de uma existência à margem sobrevivendo às desigualdades sociais.

Mbembe (2016) enfatiza a capacidade dos povos escravizados de transformarem seu tempo, seu trabalho e até objetos a partir de nenhuma condição para fazê-lo, em clara comprovação de potencialidades e rompimento do estado de coisas no qual eram considerados como apenas objetos para servir:

Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo. Esse é o segundo elemento paradoxal do mundo colonial como manifestação do estado de exceção. Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la. (p. 132)

Um povo desde o período escravagista sob os domínios do colonialismo, considerado como “menor”, precisou desenvolver resistência à morte declarada por sua natureza reconhecida como inferiorizada. Resistir à morte, às condições desumanas de sobrevivência é manter-se vivo numa estrutura que desdenha sua existência. E apesar disso, desenvolve aprendizados e extrai das dificuldades, das necessidades, das barreiras, força para continuar na luta pela vida.

O sistema de extermínio, de exclusão, de marginalização dos indivíduos que não mais ocupam as senzalas ou são condenados a viver para trabalhar para o colonizador, mas ocupam as denominadas comunidades, favelas ou periferias, lugares carentes de condições básicas de sobrevivências, que dependem de um sistema de saúde pública, o qual sabemos funcionar em muitas situações com tanta precariedade que mais lembra cenário de “guerra”, devido à falta de condições que promovam tanto a prevenção da doença quanto a efetiva promoção da saúde.

Santos (2019) afirma que foi

Divulgado em novembro de 2017, o Atlas da Violência 2017 (CERQUEIRA et al., [2018]) mapeia os homicídios pelo país com importantes recortes de gênero, idade e etnia. Os dados são chocantes e confirmam a realidade que percebemos nas ruas. O Brasil perdeu 318 mil jovens, por homicídio entre 2005 e 2015, aproximadamente 225 mil dos quais eram jovens negros. (p. 42)

Num constante desafio de como manter-se vivo diante de tantas precarizações, de tanta miserabilidade, resistir para manter-se vivo é contrariar uma produção de morte. As classes sociais são essa representação de uma desigualdade persistente, crônica e nociva, que fere, quando não, anula os direitos de indivíduos não brancos, nascidos e crescidos sem oportunidades, carentes de uma lógica inversa que os possibilitem viver e não apenas sobreviver a tantas diferenças e desumanidades.

2.2.3 Pandemia da Covid-19 – mortes e afetos

A experiência de viver de uma maneira nova, com costumes inéditos devido à pandemia da Covid-19, além das notícias diárias de morte de centenas de milhares de pessoas, fez com que a relação com o fenômeno da morte forçosamente ficasse mais próxima ou pelo menos que seu protagonismo não conseguisse ser silenciado. Não foi possível, e na verdade ainda não está sendo, fazer de conta que a morte estava distante, pois ela entrou nos lares de todo o mundo como um assunto diário, apresentado pela mídia. O Brasil ocupa, até este momento, o 2º lugar no ranking mundial de mortes por Covid-19.

Figura 1: Ranking do número de mortes por Covid-19

Os números nesta página são os totais acumulados desde o início da pandemia. Acompanhe a situação atual: Ranking da Covid-19 no mundo por novas mortes diárias e por milhão de habitantes.

país	casos	casos diários*	mortes	mortes diárias*	população	data
1 Estados Unidos	46 451 714	72 473	764 278	1 196	332 143 034	06/Nov
2 Brasil	21 674 834	16 833	626 389	242	213 993 447	06/Nov
3 Índia	34 336 309	11 744	482 791	372	1 393 499 021	06/Nov
4 México	3 825 404	2 888	299 674	220	130 342 220	06/Nov
5 Rússia	8 815 331	39 334	241 095	1 147	145 933 002	06/Nov
6 Peru	2 206 336	827	200 409	27	32 059 415	06/Nov
7 Indonésia	4 247 721	935	149 034	21	275 561 700	06/Nov
8 Reino Unido	3 217 972	36 337	142 174	178	68 207 114	06/Nov
9 Itália	4 302 225	4 989	182 366	42	60 267 471	06/Nov
10 Colômbia	5 812 481	1 758	127 468	38	51 513 941	06/Nov

Fonte: ECDC (Eu World n Data) - Descarga em Excel - Crea con Datawrapper

Mais gráficos sobre o coronavírus

Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/casos-no-mundo/>

A sociedade moderna tem encontrado no mundo da tecnologia infindáveis recursos para manter os relacionamentos, a citar as redes sociais, tais como Instagram, Twitter, Whatsapp. Essa experiência globalizada de estarmos conectados não conseguiu desprestigiar o bom e velho costume do encontro, do face a face, do aperto de mão, do abraço. O afeto

como elemento mantenedor das relações pareceu ter sido abalado pelas “curtidas”, likes, mensagens eletrônicas, promovendo segregação, compartimentalização, fragmentação e até superficialização da maneira de se relacionar.

Embora a forma de convivência já estivesse sendo afetada ou modificada a partir das redes sociais mesmo antes da situação pandêmica, o isolamento social fez com que as relações fossem, praticamente, apenas virtuais. As pessoas não deveriam se encontrar, se tocar, em prol da própria saúde e da saúde do outro, na tentativa de frear a contaminação pelo novo coronavírus. A afetividade pelos meios virtuais, tecnológicos passou a ser a maneira mais recomendável de manter as relações.

Essa condição de sermos afetados por nós mesmos, pelo outro, pelos acontecimentos, pelo mundo, enfim, torna imprescindível que desde tenra idade o aprendizado sob esse aspecto seja considerado como elemento integrativo, formativo do ser. A fragmentação do indivíduo, não realçando e não dando a devida atenção a tudo que o completa, que o torna integralmente formado, empobrece as relações, limita a possibilidade de viver e conviver de maneira mais saudável, mais rica e com construções relacionais mais autênticas.

O povo brasileiro em meio a um contexto pandêmico da Covid-19 vivenciou para além de uma crise sanitária, concomitantemente, uma crise política e econômica. Desde fevereiro/2020, várias questões tornaram o processo de enfrentamento da pandemia do novo coronavírus ainda mais delicado. Discursos antagônicos das lideranças governamentais, substituições do ministro da saúde, governos federal e estaduais desarticulados, atuando e apontando direcionamentos isolados, por vezes divergentes. Tudo isso contribuiu para desestabilizar, ou melhor, para dificultar a condução de uma situação que por si só já era inédita e difícil, como continua sendo não só para o Brasil, mas para todo o mundo.

O Brasil conviveu, inicialmente, com a falta no mercado de recursos básicos de proteção, tais como máscaras, álcool 70%, e a partir daí houve a recomendação por parte do Ministério da Saúde e secretarias de saúde estaduais para o uso de máscaras caseiras e produtos de higiene, como por exemplo, o uso da água sanitária para higienização de objetos e espaços, a fim de manter a prevenção da doença. Necessário o processo de conscientização da população quanto às medidas preventivas, dentre as quais o isolamento social. Desse modo, em meio a precarizações e ineficiências os números de contágio e de óbitos no país só fizeram aumentar.

Essas fatídicas atitudes que mais lembram “cabo de guerra”, de disputas e de desentendimentos entre aqueles que têm o compromisso perante a sociedade de cuidar, de fazer valer o direito à vida, à assistência à saúde de cada indivíduo, gerou intensa preocupação

e medo na população. O que pôde ser testemunhado é que nem mesmo uma situação pandêmica foi suficiente para abrandar esse *modus operandi*, ao contrário fez reluzir as fragilidades, escancarou-as e continuou dificultando etapas importantes de controle, inclusive estendendo-se ao processo de tomada de decisão quanto à vacina, atrasando o início da imunização no país. Enfim, nesse triste panorama de uma média de mais de mil vidas foram ceifadas diariamente no Brasil ao longo de meses.

Há necessidade do outro para sermos quem somos e por natureza esse contato é imprescindível para a continuidade de nossa espécie. A morte é universal e todas as diferenças caem por terra quando se está atento a essa verdade, como lembram Greiner e Amorim (2007),

Viver em grupo é condição primordial para a sobrevivência da nossa espécie. Temos que estar atentos para as estratégias que os “nossos grupos” organizam para privilegiar alguns e excluir outros. Uma das maneiras é não esquecer que, mesmo que alguns estejam mais expostos à morte do que outros, ela chega para todos, com toda a sua banalidade e insignificância. (p. 87)

O cuidado não apenas consigo, mas também com o outro é uma das recomendações para diminuir o número de contaminados e conseqüentemente a quantidade de mortes. Os protocolos para saída de casa e como portar-se nos ambientes públicos, os procedimentos de higiene específica foram introduzidos no dia a dia de todos. Novas situações e formas de vivenciá-las, novos aprendizados foram e estão sendo incorporados no dia a dia de maneira quase instantânea, pois a introjeção ou não desses hábitos do “novo normal” representa saúde ou doença, vida ou morte.

Uma das perspectivas de viver a morte é a partir da morte do outro. A morte na dimensão social apresenta nuances específicas, os impactos podem variar, os sentimentos e o tempo do luto, a partir da relação que se tinha com a pessoa falecida, ou seja, somos afetados, porém a intensidade parece vinculada ao nível de relação que se tinha com o morto. O fenômeno da morte pode ser de um outro que nos é desconhecido, do qual sabemos de sua morte a partir, por exemplo, de noticiários. Existe a morte daquele menos próximo, aquele que conhecíamos, mas que não foi construído, durante sua trajetória de vida, um vínculo afetivo. Há também aquele outro com quem tínhamos profunda ligação afetiva, ou seja, um familiar, um amigo ou vizinho e nesse caso, pode causar implicações acentuadas devido à carga sentimental e emocional envolvidas.

No campo educacional apontamos a afetividade apresentada na teoria walloniana, reconhecendo como um processo que interfere em áreas de aprendizado, como por exemplo, o

aspecto cognitivo. Acerca da teoria de Wallon, as pesquisadoras Mahoney e Almeida (2006) afirmam que

É uma teoria que facilita compreender o indivíduo em sua totalidade, que indica as relações que dão origem a essa totalidade, mostrando uma visão integrada da pessoa do aluno. Ver o aluno dessa perspectiva põe o processo ensino aprendizagem em outro patamar porque dá ao conteúdo desse processo – que é a ferramenta do professor – outro significado, expondo sua relevância para o desenvolvimento concomitante do cognitivo, do motor e do afetivo. (p. 10)

O comportamento aversivo à morte na sociedade contemporânea é caracterizado pela falta de espaços de fala sobre a temática da morte e do morrer. É possível que o medo da extinção, o medo dos mortos, o medo do pós-morte aponte para esse quase absoluto silêncio. As impossibilidades que a morte impõe, pois uma vez que é declarada, esta não “desacontece”, não “reacontece”, nos termos de Kastenbaum e Aisenberg (1976), e essa é uma das grandes angústias, defrontar-se com as limitações e incapacidades humanas.

Existe a tentativa de evitar o sofrimento, por não conseguir sequer pensar sobre a morte pessoal ou a morte de um ser amado mas, ao mesmo tempo, é a tentativa de ignorar a morte diante de sua força natural, da intensidade e da capacidade de modificar tão profundamente a existência humana. Como tentar “calar” o que *per se* já “grita” seus termos de inescapabilidade, de absoluta e de irreversível condição para o porvir a partir dela? Como não sentir medo de perder alguém próximo, querido? Como lidar com as dores advindas da morte?

Para além da dor da perda do ente querido para a morte, em virtude da doença, o familiar, o amigo, lamenta a quebra dos ritos fúnebres durante a pandemia. A impossibilidade de prestar as honrarias no momento do velório, de acompanhar o processo de enterro do corpo, trouxe para muitos uma extensão ainda maior dos sentimentos envolvidos por esses momentos tão difíceis e delicados. “Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado. A simples ideia da morte comove” (ARIÈS, 2012, p 69).

A morte, em tempos de pandemia, é indiscutivelmente um dos assuntos mais comentados, ainda mais temido ficou o fenômeno devido à sua proximidade, no sentido de que inúmeras famílias choram as perdas de entes e amigos queridos. Significar e ressignificar a morte a partir das situações da vida se faz urgente para uma (re)construção social, afetiva, em tempos pandêmicos, estados de ser menos adoecidos, dores para além do físico descortinando, como possibilidade, um olhar mais espiritualizado e integral dos fatos.

Acentuam-se as diferenças sociais que já existiam antes da pandemia e tendem a ser ainda mais demarcadas a partir do aumento de desemprego, conseqüentemente da busca pela informalidade que passa a ser um dos recursos para a sobrevivência. Diferenças no campo educacional, especialmente da educação básica, uma vez que as escolas públicas estão quase sempre “um passo atrás” das escolas privadas no que concerne à estrutura de aulas remotas e cumprimento dos protocolos referentes à pandemia da Covid-19 para aulas presenciais.

Atravessados pela afetividade, pelo turbilhão de sentimentos e emoções provenientes dos acontecimentos no planeta Terra a partir da pandemia da Covid-19, muitas reflexões surgem, ensinamentos e novos aprendizados para o processo constante de humanização. Pensar sobre a maneira como lidamos com nossas subjetividades, os aspectos emocionais e sentimentais do outro, também sobre o modo como se dão as relações com esse outro, com a natureza, a maneira como estamos nos movendo no mundo. Reaprender formas de ser, de estar, de fazer, não negligenciando nem negando os fortes sinais de que algo em nós precisa ser reconduzido em prol do bem-estar universal.

2.3 Dimensão religiosa da morte e do morrer

Abordaremos nesta parte do trabalho a perspectiva da morte e do morrer na dimensão religiosa e/ou filosófica de algumas religiões cristãs, africanas e oriental. Acerca do cristianismo escolhemos o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo; sobre as religiões africanas pesquisamos o candomblé e a umbanda; e quanto à filosofia oriental nos detemos ao budismo.

2.3.1 Catolicismo

No Brasil, o catolicismo é a religião que tem o maior número de adeptos, segundo dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. São muito marcantes todos os seus ritos. Contudo, nosso intuito consiste em destacar especialmente o rito fúnebre católico.

A morte no catolicismo tem como ritual o velório do corpo do morto por parte de familiares e amigos, momento que antecede o enterro/cremação e que se constitui de palavras de conforto e bênçãos dadas por um religioso, em geral, um padre. Também tem-se como prática a realização de missas a partir da data da morte: 7º sétimo dia, 30º dia e 1 (um) ano.

Recorremos à Bíblia Sagrada para analisar o sentido da morte e sua significação para o catolicismo, sem a pretensão de esgotar a temática nas escrituras, uma vez que não é o objetivo deste tópico. A Bíblia está dividida em duas partes: o Antigo Testamento, antes do nascimento de Jesus Cristo, e o Novo Testamento, depois de seu nascimento. Jesus Cristo é o

Filho de Deus que dedicou sua vida a ensinar e vivenciar o amor incondicional para e por todos. Todo o ensinamento, toda a ética abordada a partir do Novo Testamento estão baseados nos ensinamentos de Jesus, conforme os livros bíblicos de seus discípulos e apóstolos.

Para o catolicismo a morte não significa o fim da vida, mas o momento que antecede o julgamento feito por Deus, conforme a vida que cada um levou enquanto esteve na carne, ou seja, no corpo físico, de acordo com Apocalipse, Cap. 20, versículos 11-15,

Depois eu vi um grande trono branco e alguém sentado nele. O céu e a terra fugiram de sua presença e não deixaram rastro. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. E foram abertos livros. Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então os mortos foram julgados de acordo com sua conduta, conforme o que estava escrito nos livros. O mar devolveu os mortos que nele estavam. A morte e a morada dos mortos entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta. A morte e a morada dos mortos foram, então, jogadas no lago de fogo. O lado de fogo é a segunda morte. Quem não tinha o nome escrito no livro da vida foi também jogado no lago de fogo. (p. 1611)

Encontra-se mencionada em muitos trechos bíblicos a ressurreição para a vida. Para tanto a condição é de que sejam seguidos os preceitos ensinados por Jesus e, posteriormente, reforçados por seus discípulos; já para àqueles que não seguem o caminho do amor, do perdão, fica a ressurreição da condenação ao inferno, conforme João, Cap. 5, versículos 28-29:

Não fiquem admirados com isso, porque vai chegar a hora em que todos os mortos que estão nos túmulos ouvirão a voz do Filho, e sairão dos túmulos: aqueles que fizeram o bem, vão ressuscitar para a vida; os que praticaram o mal, vão ressuscitar para a condenação. (p. 1361)

Acredita-se, portanto, na vida após a morte. Para o catolicismo, com a morte física não acaba a vida, ao contrário vive-se para a vida eterna. Em 1 Coríntios (Cap. 5, versículos 42-44), o Apóstolo Paulo explica que Deus dá a vida em corpos distintos, que a carne dos homens é diferente da carne dos animais, que por sua vez é diferente da carne dos pássaros e dos peixes. Também esclarece que existem corpos terrestres e corpos celestes e que todos possuem brilho, mas que até o brilho desses corpos possuem distinção:

O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. (p. 1477)

Para o catolicismo a vida eterna se dá por meio da ressurreição do corpo espiritual, que tem características contrárias ao corpo físico que é corruptível, fraco e animal.

2.3.2 Protestantismo

O protestantismo chega ao Brasil no final do século XIX. Possui algumas denominações, tais como Batista, Metodista, Presbiteriana, dentre outras. Apresenta expressivo crescimento no número de adeptos, de acordo com dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ocupando o segundo lugar.

O protestantismo está fundamentado, assim como o catolicismo, na Bíblia Sagrada. Seus espaços também são denominados igrejas. Contudo, apresenta significativas distinções, como por exemplo, não acreditar em santos, não possuir imagens em suas igrejas, o forte aspecto musical, com apresentações de grupos e hinos de louvor nos cultos.

O rito fúnebre no protestantismo consiste em celebração religiosa; o líder religioso é o responsável pela condução. Segundo Magalhães (2016)

Os manuais de ofício religiosos dos protestantes trazem orientações para os clérigos de como proceder a um rito fúnebre. As mais variadas denominações protestantes desenvolveram seus manuais, que se diferenciam uns dos outros em pouca coisa. Os textos indicados, o discurso de esperança e consolo, o aproveitar da situação para levar o ouvinte a refletir na sua condição de ser humano pecador são a base destes manuais. (p. 53)

Seguidores dos ensinamentos bíblicos reconhecem Jesus Cristo como O Salvador, aquele que nasceu na Terra para a salvação eterna dos infelizes pertencentes ao mundo. Toda a passagem de Jesus Cristo na Terra foi ensinando sobre o amor incondicional a Deus, que é o Criador de tudo e de todos, e ao próximo como a si mesmo. Jesus resumiu os dez mandamentos em dois. No livro de Mateus (Cap. 22, vv. 37-40), encontramos sua resposta ao lhe perguntarem qual seria o maior mandamento da lei: “Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a lei e os profetas dependem desses dois mandamentos” (p. 1269).

Os protestantes acreditam na ressurreição para a vida eterna. Essa é a principal crença quanto à concepção da morte nessa religião cristã. A vida eterna é uma promessa de Jesus quando afirma que aqueles que creem em Deus estarão a salvo da condenação, conforme o livro do discípulo João (Cap. 5, vv. 24): “Eu garanto a vocês: quem ouve a minha palavra e acredita naquele que me enviou, possui a vida eterna. Não será condenado, porque já passou da morte para a vida” (p. 1360-1361).

2.3.3 Candomblé

O candomblé é uma religião brasileira de matriz africana. Constituído a partir de um contexto diaspórico, escravos de variadas tradições africanas trouxeram para o Brasil suas

antigas crenças, das quais muitas foram oprimidas, outras foram incluídas e nesse processo, numa comunhão de ritos e credos, surgiu o candomblé. Segundo Berkenbrock (2012) apud Ayres (2017), o “Candomblé pode ser entendido como uma religião que se aproxima de uma filosofia de vida, abrangendo tudo e dando origem e sentido para a ordem como um todo” (p. 62).

A religião dos orixás com forte influência aqui no Brasil, veio dos povos iorubá e banto. Como esclarece Prandi (2001), “[...] além dos candomblés iorubás, há os de origem banta, especialmente os denominados candomblés angola e congo, e aqueles de origem marcadamente fom, como o jeje-mahim baiano e o jeje-daomeano do tambor-de-mina maranhense” (p. 44). O Candomblé não tem, assim como a maioria das religiões, um livro que apresente seus conceitos, seus preceitos. A liturgia candomblecista é vivenciada por meio da música, do canto, da comida, da dança, do sacrifício, compondo dessa forma os ritos sagrados. Sendo assim, a oralidade é a principal maneira de transmitir os ensinamentos, as tradições para os novos adeptos da religião.

Prandi (2001) afirma que a abertura do candomblé para pessoas de diferentes etnias e classes sociais significa dizer que esses novos adeptos nunca tiveram contato com os valores e a visão de mundo típicos da origem candomblecista. Neste sentido, o autor destaca o esforço empreendido ao fazer adesão religiosa “[...] Na maioria dos casos, aderir a uma religião também significa mudar muitas concepções sobre o mundo, a vida, a morte” (p. 45).

Nosso intuito neste tópico é a compreensão da morte para a religião do candomblé: esse fenômeno é visto como uma passagem para outro mundo. O mundo físico, do aqui-e- agora, ou seja, do tempo presente, é denominado de *Aiê*; já o mundo que é a morada dos deuses orixás e dos antepassados, que representa o tempo passado, é denominado de *Orum*. Porém, ao morrer, para o candomblecista, a pessoa vai para um terceiro mundo que não tem nome e que serve para receber os mortos que ainda não são deuses e que, portanto, precisam reencarnar. Nesse mundo também ficam os seres que estão prontos para voltar para o *Aiê*.

Importante destacar que

Não há prêmio nem punição no mundo dos que vão nascer, nada ali acontece. Os homens e mulheres pagam por seus crimes em vida e são punidos pelas instâncias humanas. As punições impostas aos humanos pelos deuses e antepassados por causa de atos maus igualmente não os atingem após a morte, mas se aplicam a toda coletividade à qual o infrator pertence, e isso também acontece no *Aiê*. (PRANDI, 2001, p. 49-50)

Contudo, o processo reencarnatório para acontecer sem dificuldade está condicionado à lembrança do morto por parte de seus familiares. Obviamente que o não esquecimento desse

familiar está relacionado à relação de afeto, de amor, de respeito enquanto conviveu no mundo presente. Interessante frisar que para não ser esquecido é preciso que tenha longevidade na atual encarnação e tenha muitos filhos para ocupar o mundo dos deuses, *Orum*, quando essa memória passa a ser uma louvação coletiva e não apenas restrita aos familiares, logo não precisará mais reencarnar.

As festas no terreiro e os ritos em geral marcam fortemente as práticas do candomblé. E assim como acontece em outros momentos considerados importantes dentro dessa religião, como a iniciação, por exemplo, na ocorrência do fenômeno da morte de um candomblecista é realizado o *axexê*, rito funerário simbolizando a transição de um mundo para outro, representando a desvinculação do morto, seu desligamento com o mundo presente, com o *Aiê*. Atualmente, esse rito acontece com mais frequência quando se trata de morte de alguém que ocupa alta hierarquia dentro da religião do candomblé.

2.3.4 Umbanda

A umbanda, assim como o candomblé, é uma religião brasileira de matriz africana. Surgiu no século XX, considerado como marco inicial o ano de 1908. As religiões afro-brasileiras venceram alguns dos limites de diferenças raciais, étnicas impostos pelos períodos de escravidão e de colonialismo vividos no Brasil. Há algumas décadas, não apenas o povo negro e pobre é umbandista, como afirma Prandi (2004) “[...] De lá pra cá, muita coisa mudou, fazendo dessas religiões organizações de culto desprendidas das amarras étnicas, raciais, geográficas e de classes sociais” (p. 223).

A umbanda é uma religião que surge do sincretismo religioso a partir das matrizes africanas, do catolicismo e do espiritismo. “[...] Chamada de “a religião brasileira” por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço” (PRANDI, 2004, p. 223). Nos terreiros, ou como também são conhecidos, nos centros ou nas tendas de umbanda, há incorporações nos tranSES mediúnicos de pretos velhos, caboclos, orixás e outros espíritos. Inclusive a criação do primeiro terreiro umbandista no Brasil aconteceu no Rio de Janeiro, a partir de uma ruptura do médium Zélio de Moraes com o centro de “mesa branca” no qual atuava, como pontuam Lemos e Bairrão (2013) ao pesquisarem um terreiro em São Paulo que surgiu também por motivo similar:

Esta história de fundação se assemelha muito com a narrativa mais difundida entre umbandistas a respeito do surgimento da umbanda, protagonizada por Zélio de Moraes, em Niterói. Durante uma sessão espírita de “mesa branca”, este teria incorporado o espírito de um caboclo, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”. Instado a se retirar pelos dirigentes do culto, por na

qualidade de mestiço ou indígena, tal como igualmente sucedia com espíritos que se apresentavam como antigos africanos, ser considerado “atrasado”, este teria anunciado e convocado uma sessão na casa do seu médium, na qual se fundaria uma prática espírita isenta desse tipo de confusão entre segmento social e grau espiritual. Teria então sido criado o que é visto, por muitos, como o primeiro terreiro de umbanda. (p. 692-693)

O culto aos orixás, os rituais e oferendas são algumas das identificações da umbanda com o candomblé. Essas religiões carregam as profundas marcas advindas do preconceito. “[...] Continuam a sofrer agressões, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião” (PRANDI, 2004, p. 225). A ajuda ao próximo e a caridade são identificações que a umbanda tem com o espiritismo. Negrão (1994) esclarece que “[...] Ao praticar a caridade não são apenas os clientes os favorecidos, mas também os médiuns e os próprios guias que se elevam na hierarquia espiritual, garantindo no primeiro caso uma reencarnação mais favorável e no segundo caso, ascensão no mundo dos espíritos” (p. 116).

A concepção de morte para a umbanda está, portanto, ancorada na crença de que a morte do corpo físico não representa o fim, mas que a vida continua em outra dimensão, e que é necessário reencarnar muitas vezes para viabilizar o processo evolutivo do espírito. Para Negrão (1994) “[...] a teoria kardecista da reencarnação e da evolução espiritual é o pano de fundo motivador da caridade umbandista” (p. 116). Nessa direção, Negrão (1994) reitera “[...] A caridade, ideal cristão filtrado pelo crivo kardecista, impregnou profundamente a ética umbandista. Praticá-la, fazer o bem a vivos e mortos é o único caminho para a evolução espiritual destes e daqueles” (p. 119).

2.3.5 Espiritismo

O Espiritismo é uma Doutrina de origem francesa que foi codificada ou organizada por Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), mais conhecido por Allan Kardec, no século XIX. O espiritismo apoia-se em três aspectos fundamentais: religioso, filosófico e científico.

Toda a orientação moral, filosófica e religiosa da Doutrina Espírita baseia-se na crença em Deus e nos ensinamentos do Cristo. Jesus Cristo é o modelo e guia para o alcance da perfeição. As obras basilares da doutrina constituem o Pentateuco, os quais estão organizados em: O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho Segundo o Espiritismo; O Céu e o Inferno e A Gênese.

Os espaços para a realização das atividades dos espíritas são denominados de centros. Tratam-se de lugares que se dedicam a atividades, tais como: estudos da doutrina, reuniões

(palestras) públicas, evangelização infanto-juvenil, aplicação de passes, reuniões mediúnicas, tratamentos espirituais, trabalhos assistenciais (visita a hospitais, campanha do quilo – arrecadação de donativos nos espaços públicos para fins de doação), entrega de cestas básicas, enxovais para gestantes etc. O trabalho caritativo é um dos grandes objetivos dos centros espíritas, muitos têm como lema “fora da caridade não há salvação”.

Os estudos nos centros espíritas são abertos ao público em geral, e visam esclarecer dúvidas acerca dos mais variados temas contidos nas obras básicas, com esse propósito incluem-se também as reuniões públicas, com exceção das reuniões mediúnicas. Para a participação nestas, em geral, é necessário que haja permissão por parte dos dirigentes do centro. Essas reuniões têm como objetivo o diálogo com os espíritos desencarnados (mortos) com finalidades que variam entre ajudá-los com conselhos, orientações ou aprender com eles, tudo isso depende do grau evolutivo do espírito comunicante. Importante ressaltar que para o espiritismo todos sofremos influências dos espíritos por meio de nossos pensamentos, mas a comunicação referida acontece por intermédio de uma pessoa denominada médium.

Médiuns são pessoas que têm a capacidade de interpretar, de transmitir o que está sendo comunicado pelos espíritos desencarnados. Tais comunicações podem acontecer, por exemplo, por meio da oralidade (psicofonia), da escrita (psicografia). No Brasil, alguns médiuns são conhecidos nacionalmente e até internacionalmente por diversas obras que foram psicografadas, dentre os quais destacamos Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e Divaldo Pereira Franco (1927).

Em O Livro dos Médiuns (1944) observamos que os seres humanos possuem 03 (três) corpos: o corpo denso (físico), o corpo sutil (perispírito) e o espírito. O corpo perispiritual é tanto energético quanto de uma espécie de matéria. Trata-se, portanto, de “um invólucro da alma” (p. 78) que acompanha a alma não apenas enquanto o ser está encarnado (vivo), mas também depois de seu desencarne (morte física), ou seja, é um mediador entre o corpo físico e o espírito.

Para a Doutrina Espírita,

A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos ela e submetê-la à análise. (O LIVRO DOS MÉDIUNS, 1944, p. 77-78)

O Espiritismo defende a imortalidade do espírito e a reencarnação. Para os espíritas a morte representa a passagem de um mundo para outro. Neste caso, do mundo físico para o

mundo espiritual. A reencarnação tem como propósito a expiação e o progresso espiritual. Trata-se de uma pluralidade de existências, onde o número de reencarnações não está definido, mas está diretamente relacionado com o esforço empreendido pelo espírito em aprimorar-se, em transformar-se numa criatura melhor a cada oportunidade. Autorresponsabilidade e comprometimento consigo mesmo formam um alicerce pessoal para trilhar o caminho do adiantamento espiritual e transformar-se no homem e na mulher de bem preconizados pela Doutrina à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Disse-nos Jesus Cristo: “Há muitas moradas na casa de meu pai”. Vale, portanto, destacar que os espíritas creem na variedade dos mundos e que existe gradação não apenas nos mundos existentes (classificados como primitivos, expiação e provas, regeneração, ditos celestes), mas também quanto ao grau evolutivo dos espíritos que os habitam. E sobre os quais

Podem-se colocar em primeiro lugar aqueles que tenham alcançado a perfeição: os Espíritos puros. Os da segunda ordem alcançaram a metade da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Os da última ordem estão ainda no início da escala: os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela ignorância, o desejo do mal e todas as más paixões que lhes retardam o progresso. (O LIVRO DOS ESPÍRITOS, 2002, p. 75)

A morte, portanto, para os espíritas é a certeza da não descontinuidade da vida, da interpenetrabilidade entre mundos, da comunicação entre vivos e mortos. Os princípios do Espiritismo confrontam a lógica da materialidade e enaltecem o porvir, numa comunhão com o além-túmulo. Neste sentido,

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas um resultado da observação. O véu foi levantado; o mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade prática; não são os homens que o descobrem pelo esforço de uma concepção engenhosa, mas são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; nós os vemos aí em todos os degraus da escala espiritual, em todas as fases de felicidade e de infelicidade; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo.(...) Os motivos dessa confiança estão nos fatos dos quais são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem. (O CÉU E O INFERNO, 1999, p. 22)

A Doutrina Espírita defende, portanto, a imortalidade do espírito. Através do processo reencarnatório, considerado como uma abençoada oportunidade de vivenciar experiências que sedimentam as virtudes e superam as fragilidades morais. Sob essa ótica, viver-morrer-renascer é um ciclo necessário para a evolução do ser.

2.3.6 Budismo

O Budismo é uma Doutrina oriental que surgiu na Índia e atualmente possui adeptos por todo o mundo. Siddharta Gautama, o Buda, após seu processo de Iluminação dedicou-se a ensinar os princípios e objetivos de sua doutrina para seus discípulos. Pereira (2017) apresenta vertentes existentes no budismo que seriam o *Theravada* (também denominado de budismo do Sul, Hinayana ou “pequeno veículo”), o *Mahayana* ou “Grande Veículo” e o *Vajrayana* (conhecido ainda como budismo Tibetano, Veículo do Diamante, Veículo do Raio), sendo essa última a mais popularizada no Ocidente, tendo hoje como líder espiritual o Dalai Lama.

Os espaços para as práticas budistas são chamados de templos, centros de meditação. O grande objetivo da Doutrina é o alcance da iluminação, que seria um estado mental de serenidade, de felicidade, de sabedoria (QUEIROZ, 2013; PEREIRA, 2017). A meditação é, sem dúvida, a prática mais recomendada para que o processo de purificação, de autoconhecimento, de transformação da pessoa possa acontecer.

Para os budistas os seres humanos têm quatro sofrimentos: o nascimento, o envelhecimento, o adoecimento e a morte. Para lidar com essas condições que fazem parte da vida humana, o budismo ensina as quatro nobres verdades. Em Pereira (2017), o autor explica que a primeira se trata da constatação do sofrimento (*dukkha*); a segunda, a exposição do sofrimento (*tristna*), manifestada pelo desejo; a terceira seria a eliminação do desejo (*nirvdha*); e a quarta, o caminho para a cessação do sofrimento (*margha*). E esse caminho é o “caminho das oito práticas corretas”, que são a compreensão, o pensamento, a fala, a ação, o meio de vida, o esforço, a atenção plena e a concentração.

A prática do bem, o estímulo ao sentimento de compaixão, o tornar-se uma pessoa melhor, a impermanência são princípios dessa Doutrina. Para os budistas a atenção para o momento atual, aprender o desapego (material, emocional) também constituem passos para atingir a felicidade. Importante ressaltar que a felicidade é um anseio da humanidade, mas que é preciso fazer um esforço pessoal para alcançá-la, sendo importante o desenvolvimento de virtudes, de reflexão sobre o sentido de viver.

Nesse sentido o Dalai Lama (2000) orienta-nos quanto ao propósito da vida

Logo, reflitamos sobre o que realmente tem valor na vida, o que confere significado à nossa vida, e fixemos nossas prioridades com base nisso. O propósito da nossa vida precisa ser positivo. Não nascemos com a finalidade de causar problemas, de prejudicar os outros. Para que nossa vida tenha valor, creio que devemos desenvolver boas qualidades humanas essenciais – o carinho, a bondade, a compaixão. Com isso nossa vida ganha significado e se torna mais tranquila, mais feliz. (p. 72)

A reencarnação faz parte da crença do Budismo de qualquer vertente, movimento ou escola. Contudo, é preciso que haja uma libertação do ciclo de nascimentos e mortes, ou seja, da *Samsara*, pois na vida atual está-se construindo a vida futura, e quanto mais virtuosa a pessoa, mais qualidades tenha conseguido desenvolver, melhor será essa vida por vir. E a reencarnação física, portanto, “é um castigo, um caminho infeliz que o homem se inflige a si mesmo por não se ter libertado plenamente da escravidão do “ter” e entrado na liberdade plena do seu “ser”” (PEREIRA, 2017, p. 14).

Para o líder espiritual do budismo da nova tradição Kadampa, Gyatso, “a morte é a ruptura entre a mente e o corpo, sendo que a mente permanece na morte, é a mente muito sutil” (QUEIROZ, 2013, p. 64). Ainda segundo a autora, quando ocorre a morte, a referida tradição budista realiza em até quarenta e nove dias da ocorrência do falecimento a cerimônia do *powa*, uma vez que acredita-se que é o tempo em que o morto fica no estado de mente sutil (intermediário) até renascer. Ressalta que há variados tipos de *powa*, e que o usado no Budismo da nova tradição Kadampa é o buda da compaixão. “O *powa* é realizado por meio de algumas orações dedicatórias aos budas e à pessoa que morreu. A cerimônia do *powa* pode ser feita individualmente ou em grupo, em memória de pessoas específicas ou de pessoas que morrem todos os dias em tragédias, guerras, de doenças etc.” (QUEIROZ, 2013, p. 72).

Esclarece-nos assim o Dalai Lama (2000),

O que temos de ter em mente é que a razão pela qual é tão importante refletir sobre o sofrimento está na possibilidade de uma saída, de uma alternativa. *Existe a possibilidade de nos liberarmos do sofrimento.* Com a eliminação das causas do sofrimento, é possível alcançar um estado de Liberação, um estado imune ao sofrimento. De acordo com o pensamento budista, as causas primeiras do sofrimento são a ignorância, a ganância e o ódio. Esses termos têm conotações específicas quando usados dentro de um contexto budista. Por exemplo, a ‘ignorância’ não se refere a uma falta de informação, como o termo é usado no sentido corriqueiro, mas se refere, sim, a um equívoco fundamental de percepção da verdadeira natureza do eu e de todos os fenômenos. Quando geramos uma percepção profunda da verdadeira natureza da realidade e eliminamos estados mentais aflitivos, tais como a ganância e o ódio, podemos atingir um estado mental totalmente purificado livre do sofrimento. (p. 160-161)

Os budistas centram seus esforços num processo de profundo autoconhecimento, utilizam-se prioritariamente das técnicas de meditação para obterem êxito. Nessa perspectiva de viver e compreender a vida, os acontecimentos, os sofrimentos humanos, dentre os quais consideram a morte, intencionam atravessar o ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos até atingir o estado de liberação.

3 ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: UMA PERSPECTIVA INTEGRAL DO NASCER E DO MORRER

A espiritualidade é inerente ao ser, independe de denominação religiosa, está implicada com a maneira de enxergar o mundo, os acontecimentos e a forma de conduzir-se neste mundo. Gibran (1976, p. 76), quando perguntado sobre religião, afirmou: “Vossa vida cotidiana é vosso tempo e vossa religião”, trazendo para a perspectiva da vivência da espiritualidade um processo semelhante, senão igual, o dia a dia do sujeito desperto para sua espiritualidade é o que denuncia ou evidencia seu comprometimento com essa dimensão. Contudo, é bem verdade, que muitos de nós não consideramos, sequer acreditamos que exista outra realidade diferente das denominadas dimensões densas. Sabemos, portanto, que o tempo para esse despertar é de foro íntimo. E a credibilidade depositada na espiritualidade é um caminho solitário e, por isso, não pode ser percorrido por outro, e sim e unicamente por si próprio. Afinal, como nos esclarece Röhr (2013), a dimensão espiritual é a mais difícil de identificarmos.

O desafio diário é manter em equilíbrio as dimensões do ser, a consciência de que as dimensões nos afetam e aos outros. As questões da materialidade são tão visíveis, a necessidade de estudar, de trabalhar, de dar conta de demandas que exigem esforço de ordem da matéria. Quanto aos aspectos da espiritualidade, transcendentem por natureza, nem sempre saltam aos olhos, mas influenciam e ocupam um largo e profundo espaço, inspiram a maneira como realizamos as tarefas cotidianas, também na relação que temos conosco mesmos e com o outro.

A literatura apresenta estudos na área de saúde sobre a morte e a espiritualidade nos hospitais (ZENEVICZ et al., 2020; SANTOS; BYK, 2019, AGUIAR; CAZELLA; COSTA, 2017; GOMES et al., 2019), alguns traçando ligação com a religiosidade, porém o que destacamos são os passos que os profissionais que lidam com a morte e o morrer têm dado em busca de um tratamento mais humano, mais holístico e, portanto, mais integral junto aos pacientes. “[...] A proposta holística compreende o homem em sua integralidade, distanciando-se do reducionismo teórico-prático” (SANTOS; BYK, 2019, p. 349).

A nossa subjetividade estando mais aflorada favorece o acesso a nossa espiritualidade, é o que nos indica Santos e Byk (2019):

Como se pode perceber, a dimensão espiritual é universalmente acessível por todos os seres humanos e, em muitos casos, essa espiritualidade se manifesta através da prática de uma crença religiosa específica. Quando o indivíduo adoce, sua subjetividade encontra-se fragilizada e sua visão de mundo acaba por se fragmentar. Em seu débil estado de saúde, o indivíduo começa a buscar forças no transcendente para auxiliá-lo na ressignificação da dor,

podendo encontrar apoio positivo ou negativo, dependendo de sua concepção pessoal. (p. 355)

O despertar para o aspecto espiritual é uma busca pessoal, íntima, cada pessoa perceberá o momento do “chamado”. A relação com o sagrado, os questionamentos existenciais podem ser os gatilhos, por assim dizer, para esse encontro consigo, com a maneira de viver as experiências humanas. Podendo algumas experiências, inclusive, servir de condutores para dar a atenção necessária a essa dimensão mais sutil.

3.1 A espiritualidade sob o olhar de Röhr

Röhr (2013), antes de apresentar sua definição do que vem a ser espiritualidade, preocupa-se em afirmar o que não é, nesse caso distinguindo-a das religiões “[...] propomos um conceito de espiritualidade que não depende e nem está atrelado a elas” (p. 20). Espiritualidade, portanto, não se confunde com religião. Pois, nessa última há, em geral, o estabelecimento de modos ritualísticos para poder fazer parte de alguma denominação religiosa, como por exemplo, o batismo. O que aliás, concebe-se no desenvolvimento da espiritualidade, desde que não seja apontado como única porta de entrada para a experiência. É bem marcante, na maioria das religiões, as regras comportamentais que devem ser cumpridas por seus adeptos.

Para fazer jus à teoria do autor, faz-se necessário aprofundar sua concepção filosófica de espiritualidade. A espiritualidade defendida pelo pesquisador revela ainda princípios de acolhimento da fé religiosa, mas enfatiza que algumas formas de vivenciá-la podem não incluir a espiritualidade. Afirma então que

[...] As formas que a própria religião às vezes assume podem até ser contrárias à própria espiritualidade. Isso acontece, principalmente, quando a religião se fixa em dogmas, em regras de conduta bem determinadas, em inflexibilidade, em exclusão, em intolerância contra confissões de fé distintas, na imposição de crenças aos outros, na luta pelo domínio, pelo poder através de forças divinas e na crença da própria superioridade diante dos outros homens, que pode até resultar na suspensão de normas éticas de relacionamento com os membros dentro ou fora da comunidade religiosa. (RÖHR, 2013, p. 137)

O teórico reforça ainda que

Uma religião em consonância com a espiritualidade é aquela que está em busca de constante renovação da espiritualidade que se encontra na sua origem. Nela, as suas crenças básicas estão sendo vivenciadas com coerência, expressando-se em todas as manifestações da vida. As fontes sagradas atuam como estímulo da realização de cada membro dessa realidade religiosa. A imagem que a comunidade religiosa faz da transcendência se torna autoridade que atrai naturalmente e atua intimamente nos participantes do grupo. (RÖHR, 2013, p. 138-139)

O despertar para a dimensão espiritual é intransferível, cada sujeito tem o seu tempo, o seu momento para encontrar o caminho que permita vivenciar com mais profundidade, clareza e consciência a dimensão espiritual. Considerar esse aspecto aproxima o ser de uma visão integral do humano.

De acordo com Röhr (2012), não há como pensar em integralidade sem incluir a espiritualidade,

Em primeiro lugar, refletir sobre a espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano. Se admitirmos, inicialmente de forma provisória, que a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, não podemos vê-la de forma isolada, sem nexos com as dimensões “profanas”. (p. 14)

Segundo Röhr (2011), é necessário comprometer-se com a dimensão espiritual que tem princípios como a liberdade, a verdade e o amor incondicional. Tais princípios fazem parte da espiritualidade e não da materialidade física. Em sua concepção, todas as dimensões são matérias, classificadas como sutis e densas. As dimensões mais densas, também conhecidas por imanentes, influenciam com mais facilidade as mais sutis, também chamadas de transcendententes. O inverso acontece, porém com menos influência ou mais lentamente. Fato é que uma dimensão equilibrada ou em desequilíbrio interfere nas outras positiva ou negativamente.

Dentre as dimensões densas, denominadas pelo teórico de imanentes, encontram-se a física que abrange tudo relacionado a nossa corporalidade; a sensorial, compreendida em nossos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato); a emocional que abarca todos os nossos aspectos psicológicos; a mental entendida como o racional, o lógico. Na dimensão sutil, encontra-se a espiritual, chamada de transcendente, ou seja, transcende a realidade de verificação, exceto quando há comprometimento incondicional. Incluem-se nessa dimensão os valores éticos, metafísicos. Contudo, essas dimensões são básicas. Para além delas, Röhr destaca dimensões temático-transversais que atravessam, perpassam as básicas: a prático-laboral-profissional, a comunicativa, a relacional-social, a sexual-libidinal, de gênero, a ecológica, a ética, a místico-mágico-religiosa, para citar algumas.

O pesquisador afirma que as dimensões são interdependentes entre si. Comum percebermos, por exemplo, que quando uma pessoa está sentindo uma dor física, poderá sentir dificuldade de concentrar-se numa atividade de ordem mental. Ou ainda quando uma pessoa está envolvida por um forte sentimento de raiva, terá dificuldade de manter os valores éticos presentes na dimensão espiritual. Alguém dificilmente conseguirá manter-se concentrado para

fazer uma meditação se estiver sentindo uma dor física, como por exemplo, dor de dente, dor de cabeça ou cólica menstrual. Nesse sentido, concluímos que a urgência estabelecida pela dimensão mais densa exige uma busca por solução que promova um refazimento, um certo reequilíbrio e assim, possa encontrar o espaço para deixar fluir aspectos de natureza mais sutis. Porém, apesar das demandas da matéria densa cobrarem atenção e cuidado imediatos, à dimensão espiritual cabe nortear as demais.

[...] Constatamos, portanto, a hierarquia e interdependência das dimensões entre si. Na verdade, as observações que apresentamos até aqui nos ajudaram a estabelecer a sequência. A consequência imediata dessas constatações é reconhecer que não é possível interferir numa dimensão sem levar em conta as outras. E mais: tem que se atender cada dimensão naquilo que são as suas necessidades próprias. O desequilíbrio de uma dimensão, mais cedo ou mais tarde, vai desaguar no desequilíbrio das outras. Naturalmente, o desequilíbrio de uma dimensão mais densa expressa-se de forma mais imediata e perturbadora do que o de uma mais sutil. (RÖHR, 2013, p. 29)

A filosofia que o professor Röhr sustenta está fortemente vinculada ao campo pedagógico. Sua construção teórica está ancorada no processo formativo do ser humano, de maneira integral e que, portanto, ressalta a dimensão espiritual como parte fundamental para o alcance desse propósito, uma vez que os princípios éticos servem de base para orientação e transformação das ações do homem. Para o educador, quanto mais atenção e conhecimento da própria espiritualidade, melhor tende a ser sua prática pedagógica, tendo em vista que a visão do outro, neste caso do educando, tende a ser mais ampliada. Comprometido com a formação integral do ser, o educador considera aspectos tais como a verdade, a liberdade do ser humano, tentando manter a essência de educar, sem a interferência ou imposição de suas verdades, mas conduzindo de maneira ética o processo formativo que está em curso, em amadurecimento.

O autor destaca que o processo educativo se dá a partir da tríade pedagógica: professor, educando, tarefa pedagógica. Embora a tarefa pedagógica possa ter aspecto impositivo por parte do professor para com o educando, tratando-se da dimensão espiritual não é possível, devido ao comprometimento que cada um deve ter com essa dimensão, *a priori*, para que possa ter sentido o processo formativo.

Röhr (2013) esclarece que é tarefa da educação orientar o educando sob princípios éticos, e nesse sentido ressalta três aspectos: a educação ética; a ética pedagógica; e a ética da comunidade dos educadores. A educação ética consiste no querer que o processo educativo colabore na constituição do ser ético do educando. No que se refere ao tipo de agir humano do educador está a temática da ética pedagógica. Já a ética da comunidade dos educadores engloba a rede na qual o educando está inserido, formada assim, por seus pais, professores,

familiares, amigos, dentre outros. A meta educacional consiste, nesse contexto, em propiciar condições que favoreçam o educando a encontrar um sentido de vida. Viver a partir desses valores éticos, assumindo o compromisso consigo mesmo.

Contudo, a ética da pedagogia limita o educador a imposições quanto à espiritualidade de seu aluno. Esse terá, como já foi dito, que exercer o seu direito de liberdade e escolha, caso demonstre abertura para essa perspectiva com autenticidade:

Não é o educador que vai determinar o ser autêntico do seu educando. Aqui se encontra o limite imposto pela ética pedagógica, que não pode ser transgredido em hipótese alguma. O desrespeito à liberdade do educando de fazer as suas escolhas dentro das possibilidades que a própria dimensão espiritual deixa em aberto significaria, de novo, deixar de educar. (RÖHR, 2007, p. 69)

A sutileza da dimensão espiritual requer vivências nos contornos da confiança no ser. O pesquisador reforça que para o processo formativo acontecer é importante que se estabeleça confiança na vida, em si mesmo, no outro, no mundo. Desde pequeninos os seres humanos vivenciam experiências que os levam a confiar/desconfiar, a começar pela relação dos pais com seus filhos, depois na escola entre educador e educando. Nisso está implicado o seu desenvolvimento, o seu crescimento saudável.

Contudo, a desconfiança é uma construção que comumente é encontrada nas relações, nas situações. Trata-se de uma realidade comum, e vencer esse entrave é um desafio. “Das instituições sociais, que tradicionalmente inspiraram confiança, até as relações interpessoais mais íntimas, a expressão “não confie mais em ninguém” escuta-se sempre com mais frequência. Parece que o avanço da desconfiança não tem fim” (RÖHR, 2011, p. 196).

A confiança no ser não está associada às dimensões imanentes nem a religiões, mas na transcendência, portanto, na dimensão espiritual. Para que se possa vivenciá-la é preciso decidir por isso. Afinal, confiar ou não em alguém, em algo, é um ato pessoal, íntimo e envolve aspectos subjetivos. Nessa direção, Röhr (2011) esclarece que na confiança encontramos

[...] todas as características que atribuímos a um fenômeno existencial da realidade espiritual do homem, que transcende as dimensões do corpo físico, da sua realidade sensorial, emocional e mental. Evidencia-se, também, que a nossa noção de espiritualidade não se confunde com religiosidade, ainda que admitamos a possibilidade da presença dela na religião. (p. 199)

O comprometimento de cada um é a porta de entrada para uma vida guiada pelos aspectos espirituais, sendo um constante processo educativo nos termos de uma formação humana. Para tanto, exige do ser um esforço de auto-observação, de autoconhecimento

contínuos que possam ajudar nas resoluções de conflitos inerentes ao viver e ao fortalecimento de suas escolhas, de encontrar seu caminho.

Tudo depende, unicamente, de começar consigo mesmo, e nesse momento não preciso me preocupar com nada no mundo a não ser com esse meu começo. Qualquer outro posicionamento me desvia do meu começo, enfraquece a minha iniciativa em prol dele, boicota por inteiro o ousado e grandioso empreendimento. (RÖHR, 2013, p. 131 apud BUBER, 1973, p. 729)

A busca de sentido da vida e as experiências dolorosas inerentes ao ser humano fazem com que o ser humano, naturalmente, tenha elementos que o façam desenvolver a resiliência, que o estimula na busca por uma compreensão mais aprofundada. Essas reflexões não se esgotam nos limites das dimensões física e emocional, estão implicadas com outras, fortalecendo a consideração da multidimensionalidade para uma perspectiva do ser integral. Importante também destacar que a integralidade do ser precisa ser vivenciada com consciência, autenticidade e equilíbrio, sabendo que não é possível atingir sua totalidade devido às dimensões que a contemplam e à complexidade de cada uma delas:

A busca da integralidade, o desenvolvimento de todas as dimensões do humano de forma proporcional e equilibrada entre as partes consta da nossa proposta digna de ser discutida, mesmo levando em consideração as enormes dificuldades que enfrentamos para nos aproximar dessa ideia e a impossibilidade de realizá-la na sua totalidade. (RÖHR, 2007, p. 61)

Nas palavras de Röhr (2011, p. 54), “refletir espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano”. Essa busca do ser consiste em não descuidar de nenhuma das dimensões o que, aliás, é trazido pelo autor como condição necessária para atentar-se ao aspecto espiritual o fato de dar atenção às demais dimensões.

3.2 Enxergando a espiritualidade de Ken Wilber

A visão da integralidade do ser apresentada por Wilber (2008) trata-se de uma abordagem sistêmica. No mapa integral contemplado por “todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos” (do inglês AQAL), os quadrantes simbolizam: no Superior Esquerdo (SE) a representação do EU, relacionado à consciência, ao intencional; no Inferior Esquerdo (IE) o NÓS, a visão de mundo, a cultura; no Superior Direito (SD) o ISTO e sua relação com o cérebro e o organismo; e no Inferior Direito (ID) o ISTOS representando o sistema social e o ambiente.

Dessa forma,

Todos os quatro quadrantes apresentam crescimento, desenvolvimento ou evolução. Portanto, todos eles apresentam algum tipo de estágios ou níveis

de desenvolvimento, não como degraus rígidos de uma escada, mas como ondas que fluem e se desdobram naturalmente. (p. 66)

Figura 2: O que há nos Quatro Quadrantes?



Fonte: Wilber et al., 2008, p. 95

Para Wilber (2000), a compreensão da espiritualidade pode ser diversa, apresenta definições variadas e com profundas diferenças, como por exemplo, a crença de que o desenvolvimento espiritual acontece por meio de estágios. No entanto, a perspectiva da espiritualidade acolhe os modos de pensar sem que perca a veracidade nem a capacidade de inclusão em modelos que abordem a integralidade. O pesquisador aborda cinco definições de espiritualidade:

Eis aqui as definições mais comuns: (1) A espiritualidade envolve os níveis mais elevados de qualquer uma das linhas de desenvolvimento. (2) A espiritualidade é a soma total dos níveis mais elevados das linhas de desenvolvimento. (3) A espiritualidade é, ela mesma, uma linha de desenvolvimento separada. (4) A espiritualidade é uma atitude (tal como a sinceridade ou o amor) que você pode ter em qualquer estágio em que esteja. (5) A espiritualidade, basicamente, envolve experiências de pico, e não estágios. (p. 147)

A abordagem integral defendida por Wilber (2006) está ancorada no Sistema Operacional Integrado (SOI), do inglês Integral Operating System – IOS. Chamado de mapa integral tem cinco elementos: quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos. Os quadrantes são representados pelo “EU” (self e consciência), “NÓS” (cultura e visão de mundo), “ELE” (cérebro e organismo); e “ELES” (ambiente e sistema social). Os níveis ou estágios do desenvolvimento são diversos, no entanto, no modelo integral encontram-se entre 8 e 10. Quanto às linhas de desenvolvimento, estas representam as múltiplas inteligências. Os estados

de consciência têm grande diversidade, dentre os quais o autor cita os naturais (vigília, sonho, sono profundo), os estados meditativos (prece contemplativa, meditação, yoga), os estados alterados (indução por drogas) e experiências de “pico” (atividades intensas). Sobre os tipos o autor divide em masculino e feminino.

Nessa perspectiva integral o pesquisador em sua obra *A união da alma e dos sentidos* (1998) destaca a religião e a ciência como forças que funcionando de maneira dialógica podem contribuir imensamente para o desenvolvimento dos seres humanos. Contudo, o autor explica que a essência da pré-modernidade é a grande cadeia do ser que é uma visão de mundo aceita por religiosos no Oriente e no Ocidente e que, portanto, nessa forma de entender opera a religião. Já a essência da modernidade está na diferenciação de valores da arte, da moral e da ciência. Afora todos os aspectos positivos trazidos pela modernidade, o materialismo científico nega a espiritualidade

Foi esse materialismo científico que proclamou a desvalorização das outras esferas de valores, tornando-as “não-científicas”, ilusórias ou coisa pior. E por essa mesma razão, foi o materialismo científico que declarou a inexistência da Grande Cadeia do Ser. (WILBER, 1998, p. 18)

Num processo de negacionismo, a ciência invalida a religião, a religião nega a ciência. Não existe espaço para as concessões necessárias, para o diálogo fundamental para que ocorra a integralidade. Sendo assim, considerando a teoria de integralidade dos quatro quadrantes, a ciência não reconhece os quadrantes do lado esquerdo, e a religião, os quadrantes do lado direito. Diferentes olhares, os quais o autor denomina de monológico (olhar da carne), dialógico (olhar da mente) e translógico (olhar da contemplação) compõem os aspectos da ciência e da religião. O primeiro está voltado para a carne e o segundo para o mental. Pelo olhar translógico é que se atinge a espiritualidade, o misticismo, que está além da carne e da mente.

A pós-modernidade é um período que traz como papel principal a interpretação, a compreensão, o significado das mais diversas áreas do conhecimento. E vai apontar três verdades para esses significados, como o mito do dado (a realidade é dada), o contextualismo (depende dos contextos), e o integral a-perspectiva (sem privilégio de perspectiva). Os aspectos do lado direito dos quadrantes têm localização, podem ser observados, inclusive com o auxílio de equipamentos, como por exemplo, o microscópio. Já os aspectos do lado esquerdo dos quadrantes também podem ser observados, mas por meio da interpretação. Então, o pós-modernismo extremado também nega o lado objetivo dos quadrantes, ou seja, o lado direito e reconhece apenas tudo o que é subjetivo e interpretativo, ou seja, os quadrantes do lado esquerdo.

Esclarece-nos o pesquisador que

Tal rejeição extrema de qualquer tipo de verdade objetiva vem a ser *uma negação total dos quadrantes do Lado Direito*, precisamente o *reverso* do desastre da modernidade: todos os objetos do Lado Direito reduzidos a interpretações do Lado Esquerdo. E, portanto, toda verdade sujeita aos caprichos da interpretação. Todavia, supõe-se que esse desastre às avessas é que livrará a modernidade de sua loucura fragmentada. (WILBER, 1998, p. 97)

Interessante perceber que embora os períodos da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade tenham trazido contribuições para o desenvolvimento humano, empobreceram o processo com as dissociações, pela crença de detenção da verdade absoluta, desconsiderando toda e qualquer outra possibilidade de ser e estar no mundo, o que leva ao distanciamento de uma visão de mundo integrada.

O ponto de vista Integral, portanto, tenta exatamente isto: uma integração das Três Grandes, exatamente da forma que elas são: arte (estético-expressiva, personalidade e auto expressão, fenomenologia subjetiva), moral (justiça intersubjetiva, bondade ética, comunhão cultural) e ciência (natureza objetiva, o mundo empírico, ocasiões concretas). Nada espetacular deve ser feito a essas três esferas de valores (ou quatro quadrantes); tomamo-las mais ou menos como elas se encontram. Tudo que se pede é que cada uma delas comece a desconfiar de que sua verdade não é a única verdade do Cosmo. (WILBER, 1998, p. 112-113)

Um aspecto fundamental a se pensar sobre a espiritualidade trata-se de vivê-la com autenticidade. Necessário que essa prática espiritual seja verdadeira, sincera, e sob esse aspecto é preciso considerar os estágios. Isso implica afirmar que a evolução, o desenvolvimento espiritual segue um fluxo hierárquico, integrativo, e não é possível que de maneira permanente seja alcançado um nível alto de consciência espiritual sem que tenham sido integrados os níveis antecessores, os mais baixos, portanto. Nas palavras de Wilber (2000) “a espiritualidade autêntica não significa traduzir o mundo de maneira diferente, mas, isto sim, transformar a sua consciência” (p. 155).

No sentido de integrar a ciência e a religião, segundo Wilber (1998), para vivenciar a espiritualidade autêntica é necessário que tanto a ciência quanto a religião sejam reais, que sejam eliminados os dogmas e os mitos. Para tanto, o autor sugere que sejam consideradas as três linhas do conhecimento, que são a injunção, a apreensão e a confirmação ou rejeição. A injunção é a prática, é o fazer para saber tal coisa; a apreensão é a experiência vinda da injunção; e a confirmação ou rejeição dos resultados obtidos. A ciência está vinculada ao olho da carne, e a religião ao olho da contemplação, que aliás é sua força e exclusiva.

Explica o pesquisador,

Mas para ter acesso a qualquer uma dessas modalidades válidas de conhecimento, temos de nos *adequar* à injunção, temos de completar com êxito a linha injuntiva, temos de seguir o exemplar. Isso é verdade nas ciências físicas, mentais e espirituais. E, enquanto o exemplar nas ciências físicas pode ser um telescópio e nas ciências mentais uma interpretação linguística, nas ciências espirituais o exemplar, a injunção, o paradigma, a prática, consistem na meditação ou na contemplação. Ele também possui suas injunções, suas iluminações e suas confirmações, todas elas reproduzíveis, verificáveis ou falsificáveis, e que, portanto, se constituem num modo perfeitamente válido de aquisição de conhecimento. (WILBER, 1998, p. 134)

O processo de transformação da consciência do sujeito passa por estágios que podem ser até acelerados, mas não pulados, e que é real a possibilidade de experiências espirituais elevadas, mas que estas são momentâneas, como por exemplo, no estado alterado de consciência. No entanto, é preciso que seja vivenciada cada etapa desse processo de desenvolvimento. Como o pesquisador elucidava, “[...] o próprio amor se desenvolve do amor egocêntrico para o etnocêntrico, para o mundicêntrico e para o cosmocêntrico e apenas os mais elevados desses níveis são verdadeiramente espirituais” (WILBER, 2008, p. 128).

A reflexão acerca da espiritualidade está implicada com as subjetividades do ser. Comumente, os aspectos espirituais são abordados envolvendo também os aspectos religiosos. Contudo, alguns estudiosos da temática da espiritualidade apontam suas percepções e destacam as diferenças entre ambos os conceitos. Wilber (2008) esclarece que

[...] A ideia geral é que “religioso” diz respeito a formas institucionais de religião – seus dogmas, mitos, crenças obrigatórias, seus antigos e desgastados rituais; enquanto “espiritual” significa valores pessoais, percepção presente, realidades internas e experiência direta. (p. 175)

A teoria de Wilber (2008), Os Quatro Quadrantes, explica que partimos do “Eu” para depois avançarmos para o “Nós”, e finalmente o “Todos Nós”. Importante destacar que o desenvolvimento humano sob essa perspectiva apresenta as múltiplas dimensões humanas através de elementos citados anteriormente (quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos). Esclarece ainda que os estágios, contrariamente aos estados, são permanentes. Ou seja, quando um ser alcança determinado grau de seu desenvolvimento não retrocede, não perde tal condição. “Conquanto os estados de consciência sejam temporários, os estágios de consciência são permanentes. Os estágios representam as conquistas efetivas alcançadas em termos de crescimento e desenvolvimento” (p. 27).

“Os estágios se baseiam em seus predecessores de modo muito concreto, por isso não podemos saltá-los: como átomos para moléculas, células para organismos, não podemos passar dos átomos para as células e pular as moléculas. Eis uma das muitas diferenças importantíssimas entre estados e estágios”. (WILBER, 2006, p. 25)

Importante observar ainda que embora não tenha comprovação substancial, segundo o autor, ele destaca que apesar de não ser possível avançar de estágio sem que o atual tenha consolidado o desenvolvimento, é possível adiantá-lo. Desde que o sujeito busque o contato repetitivo com os estados superiores. Ou seja, o esforço de desenvolver práticas que possibilitem um pouco mais de “familiaridade” com condições de superioridade da consciência permitem mais fluidez no crescimento.

[...] Quanto mais conectados a *estados de consciência* autênticos e superiores estivermos – como, por exemplo, estados meditativos –, *mais rapidamente* cresceremos e desenvolveremos por meio de qualquer um *deles*. É como se o treinamento em estados mais elevados agisse como um lubrificante na espiral de desenvolvimento, ajudando-nos a desvincular de um estágio inferior para que o superior seguinte possa emergir, até permanecermos, com estabilidade e constância, em níveis mais elevados de consciência, depois do que um estado passageiro se torna uma característica permanente. Esses tipos de treinamentos em estados mais elevados – por exemplo, a meditação – fazem parte de qualquer abordagem integral usada para a transformação. (WILBER, 2006, p. 25).

Somos dotados de múltiplas inteligências, dentre as quais podemos citar a inteligência moral, emocional, interpessoal, espiritual, musical. Porém, Wilber (2006, p. 21) diz que o desenvolvimento acontece de maneira irregular, ou seja, não temos bom desempenho em todas elas. Contudo, se conseguirmos perceber em qual delas “brilhamos”, seremos capazes de dar “ao mundo nossos dons mais profundos”. Pensamos que a oferta de nosso melhor para o outro, para o mundo, é um dos grandes propósitos do nosso processo de crescimento, num fluxo ininterrupto de dar-e-receber.

O processo de desenvolvimento no campo da moralidade, por exemplo, apresentado pelo pesquisador, explica que o sujeito centrado no “Eu” (egocentrismo), a sua maneira de se mover no mundo acontece de maneira egoísta, voltada apenas para si. A tendência de avançar para o “Nós” (etnocentrismo), onde o interesse é ampliado para a família, para o país em que vive, quando atinge o “Todos Nós” (mundicentrismo), então o movimento do ser, a maneira de viver, de conceber a vida está ampliada para interesses não mais só de si ou de uma parte da sociedade, mas do mundo.

Numa compreensão pós-moderna o interpretativismo ocupa um espaço de destaque, pois os aspectos objetivos, exteriores são mais facilmente localizados, representados pelo lado direito (superior e inferior), compreendido por ISTO e ISTOS. Quanto aos aspectos subjetivos, interiores, representados pelo lado esquerdo (EU e NÓS), estes requerem interpretação. Como bem diz Wilber (2000),

[...] Você não pode ver o amor, a inveja, o assombro, a compaixão, a introvisão, a intenção, a iluminação espiritual, os estados de consciência, o

valor ou o significado correndo de um lado para o outro lá fora, no mundo empírico. Eventos interiores não são vistos de uma maneira exterior ou objetiva, eles são vistos por meio de introspecção e de interpretação. (p. 179)

Em sua abordagem integral, o pesquisador organiza práticas por módulos, os quais são divididos em centrais e auxiliares. Esses módulos indicam terapias para serem trabalhadas em quatro eixos: corpo, mente, espírito e sombra. Daremos destaque aqui à sombra, termo que o psicanalista Carl Gustav Jung aborda em sua teoria, o qual Wilber (2008) define como sendo aquilo que “representa o inconsciente pessoal ou o material psicológico que reprimimos, negamos, nos dissociamos ou rejeitamos” (p. 164). O componente espiritual na noção de integralidade reforça a importância de trazermos luz a nossa parte sombria, uma vez que, os benefícios extraídos desse trabalho são estendidos a todos os módulos centrais favorecendo, com isso, a abertura ao autodescobrimento e à autotransformação.

Negar a sombra, ignorá-la, é a maneira mais difícil de lidar com ela. Pois, o fato de desconhecê-la não nos livra dos inconvenientes dos sintomas, tais como ansiedade, medo, neuroses. Wilber (2006) explica que a sombra é inclusive renegada em 1ª, 2ª e 3ª pessoa, ou seja, sentimentos e impulsos não compreendidos como nossos são projetados para os outros. Dessa forma, dissociamos o sentimento que nos incomoda, que nos aborrece, ou seja, afastamos do “eu” (primeira pessoa) para o “tu” (segunda pessoa). A partir desse momento acreditamos não mais nos pertencer. Percebe-se o sentimento, mas não o associamos ao “eu”, logo deve ser de outra pessoa. Nesse processo poderemos continuar negando, e a sombra passa a ser ainda mais dissociada ao ser direcionada para “ele/ela” (terceira pessoa). O outro fica identificado como a causa do nosso aborrecimento, do nosso incômodo.

Em primeira pessoa, Wilber (2006) diz que

Sempre que renego e projeto minhas qualidades, elas aparecem “por aí”, onde me assustam, me irritam, me deprimem e me obcecaram. Reciprocamente, em nove entre dez casos, **as coisas do mundo que mais me perturbam e irritam em relação aos outros são, na verdade, minhas qualidades sombrias (minha sombra)**, que agora são vistas como “externas”. (p. 159)

Conforme o autor, esses processos foram descobertos pela psicologia ocidental e

A meta da psicoterapia, nesse caso, é converter esses “sentimentos do ele” em “sentimentos do eu”, e assim, reapropriar a sombra. O ato de reapropriação da sombra (converter de 3ª pessoa para 1ª pessoa) elimina a causa primordial dos sintomas dolorosos. A meta da psicoterapia é converter “ele” em “eu”. (WILBER, 2006, p. 161)

Processos íntimos, complexos que trazem como efeito dores emocionais. Emergem da sombra e para a possibilidade de eliminação dos sintomas, de alcance da saúde integral, é necessário que sejam reconhecidas, familiarizadas, trazidas enfim para a proximidade, para o

“eu”, e não afastá-las, dissociando para o “ele”. “[...] O desenvolvimento saudável converte o eu em me; o doentio converte o eu em ele, um sujeito renegado e abandonado que se esconde em meus sintomas dolorosos” (WILBER, 2006, p. 183).

O esforço e o comprometimento consigo, no empreendimento de estratégias de enfrentamento do “eu” poderá promover uma transformação, uma transcendência da maneira de compreender a si mesmo, trazendo luz à sombra. Um despertar para uma nova forma de compreender, sentir e viver. Essa estranheza de si mesmo pode levar o sujeito a ter muita dificuldade para sair de contextos de sofrimento emocional, mental, podendo desenvolver patologias em decorrência dessa fragmentação do ser. Para tratar e alcançar cura será de extrema importância fazer um percurso de encontro consigo de reintegração.

Wilber (2000) defende uma visão holística a partir do a-perspectivismo, ou seja, sem que haja privilégios sobre qualquer perspectiva isoladamente, do contrário não haverá integralidade. Para o pesquisador, toda teoria integral precisa considerar essa dimensão, incluindo, ainda, as dimensões do construtivismo e do contextualismo para ser sabiamente formada. O teórico afirma “[...] qualquer pessoa pode reunir sua própria prática integral. A ideia é exercitar simultaneamente todas as capacidades e dimensões mais importantes do corpo-mente-humano-físico, emocional, mental, social, cultural, espiritual” (WILBER, 2000, p. 129).

Somos seres multidimensionais que evoluem a partir de múltiplas dimensões. Facultar, portanto, à espiritualidade seu lugar de indispensável reconhecimento para o alcance do desenvolvimento integral do ser a partir de conceitos inclusivos, holísticos, significa avançar para uma prática integral que considera os variados aspectos que compõem o ser.

4 FORMAÇÃO HUMANA – PENSANDO UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE

Ao refletirmos sobre formação humana percebemos que, primeiramente, está intimamente associada a uma formação integral do ser humano. Dessa forma, observamos claramente que a educação que ainda hoje é oferecida desde a infância é aquela que prepara o indivíduo para o mercado de trabalho, para a produção. O privilégio do aspecto cognitivo, ou seja, da dimensão mental e algumas práticas de educação física são parte das práticas dentro dos ambientes escolares. Sendo assim, tudo o que está fora desse contexto não recebe a atenção merecida e decorre do modelo que temos de educação.

De que maneira uma perspectiva integral pode contribuir para compreender a morte e o morrer? É preciso destacar que Röhr não trata diretamente sobre a morte, mas abre possibilidades quando não fecha as diversas dimensões temáticas. Sendo assim, a

espiritualidade é uma dimensão que pode ajudar no processo de aceitação do inevitável, pois quando a visão de mundo se amplia e permite enxergar além do imanente, busca-se a transcendência. Nessa direção, uma formação humana pode favorecer o processo de aceitação da morte e a compreensão das fases que envolvem o luto. São contribuições possíveis.

Uma vez que a formação humana objetiva formar integralmente, estamos dizendo que a educação espiritual precisa fazer parte dos objetivos formativos. Pensamos que sem essa conexão, sem essa interligação, a educação não atinge sua principal meta, que é a de mediar condições que favoreçam o despertar do educando para os propósitos e sentidos da vida que vão além de uma formação profissional e conquistas materiais, mas, antes, para a aquisição de recursos pessoais, íntimos, que ampliem e aprofundem a visão de mundo do indivíduo num processo de humanização.

Dessa forma só é possível pensar em formação humana se uma educação espiritual for considerada. Concordamos com Röhr (2012) quando defende que é por meio da segunda que a primeira atinge seu sentido mais amplo e profundo. No espiritismo é preconizado que uma doença, por exemplo, ao atingir o corpo físico, já o fez em última instância no corpo fluídico, ou seja, que o corpo perispiritual (corpo energético) já estava adoecido, como destacado anteriormente, quanto à influência da dimensão emocional no desencadear de doenças físicas. Percebemos com isso, certa confluência no entendimento de que, minimamente, a dimensão física sofre interferências importantes de outras dimensões e que a multidimensionalidade precisa ser acolhida como uma realidade que constitui o indivíduo dentro dos espaços formativos.

Nesse contexto, pensar sobre formação humana implica abrir-se para uma educação espiritual abarcando temáticas que atravessem as subjetividades do indivíduo, o sentido de vida, os valores éticos e existenciais, a visão de mundo, a relação consigo e com o outro. Enfim, é nesse formato que compreendemos que uma educação para a morte pode ser contemplada à luz da formação humana.

Educação para a morte tem sido discutida como uma necessidade para áreas de formação e de ensino tais como a escola, mas principalmente para os profissionais de saúde. Compreende-se que se trata de um tema de grande relevância no processo formativo desses sujeitos, uma vez que são amplamente e profundamente estudadas as técnicas de fazer viver, de manter vivo, enfim, em defesa do salvamento de vidas. Mantendo a escassez de discussão na lida da morte em seu cotidiano como um processo verdadeiramente educativo, onde a morte possa se apresentar também como solução em alguns casos em que a permanência da vida se torne indigna.

Especialmente médicos e enfermeiros são treinados, educados, formados para utilizarem técnicas que cuidam das vidas, que retardam a morte. A natureza desses ofícios tem como essência o cuidado, a busca pela cura e pelo restabelecimento dos pacientes. O sentimento é de fracasso quando nada pode ser feito para evitar que a morte se concretize diante de tal ou qual doente. “A intensidade da luta pela busca da cura das doenças, encorajada desde os primeiros anos de faculdade, orienta os futuros profissionais a uma cultura de negação da morte: morrer passa a ser visto desde cedo como um símbolo de fracasso” (BRITO et al., 2020, p. 2).

No campo das emoções há certos limites impostos pelo que é conveniente socialmente, possível para tal ou qual ambiente, a temporalidade também é bem marcante nesse universo das emoções. Então, “homem não chora”, “os problemas pessoais não podem entrar no trabalho” são “lições” de como não expressar suas emoções, seus sentimentos. E o espaço de fala, conceitos de espontaneidade, autenticidade começam a não fazer parte do dia a dia das pessoas que estão enfrentando algum sofrimento emocional. Especialmente sobre a morte, essas emoções são corriqueiramente avaliadas socialmente, quanto ao tempo de luto “aceitável”, por exemplo, limites que demonstram a carência de escuta, de compreensão, de empatia, destacando um processo de deseducação, de desumanização.

A maneira como concebemos a morte aponta para comportamentos dos mais diversos. Esses comportamentos são influenciados mesmo que o fato em si ainda não tenha ocorrido, que esteja no campo das possibilidades. A influência desse processo encontrará uma forma de apresentar-se, de manifestar-se, como afirmam Kastenbaum e Aisenberg (1976)

A concepção de morte pode influir no comportamento de muitos modos complexos e remotos. Padrões de comportamento que não parecem ter nada de especial a ver com a morte podem, todavia, ser influenciados por essas cognições. Insônia, por exemplo, ou pânico em virtude da separação temporária de um ser querido às vezes podem ter origem em preocupações com a morte. (p. 5)

Considerados os objetivos específicos desse campo, a busca por um processo formativo acerca da morte e do morrer tem sido mais habitual pelos profissionais da área de saúde, é o que demonstram as pesquisas e os estudos publicados sobre a importância desses profissionais aprenderem a lidar com a morte, o processo de morrer dos pacientes. A educação do indivíduo para a morte é uma forma de contribuir para a promoção de mais compreensão, mudança de comportamento e transformação do ser:

[...] é sobre essa busca de sentido para a vida, que a morte pode oferecer, que irei me debruçar. É sobre essa característica ou qualidade humana de questionamento, de autoconhecimento, de busca de sentido, que procurarei refletir, bem como sobre a educação, entendida como desenvolvimento

peçoal, aperfeiçoamento e cultivo do ser, e não como padrões de informação, receitas prontas ou doutrinação. (KOVÁCS, 2003, p. 2)

Afirma Kübler-Ross (1998, p. 33), “[...] creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos de nos defrontar com eles na vida”. Quando essa preparação acontece ao longo da vida, todos os interligados podem ser beneficiados por estarem mais esclarecidos e prontos para viver essa etapa:

A família sobre certas mudanças, dependendo muito da atitude do paciente, do conhecimento e da habilidade com que se comunica o fato. Se são capazes de compartilhar suas preocupações comuns, podem logo tratar dos assuntos importantes, sob menos pressões de tempo e emoções. Se cada um tenta manter segredo em relação ao outro, criarão uma barreira artificial entre si, que dificultará qualquer preparação para o pesar futuro, tanto do paciente quanto de sua família. O resultado final será muito mais dramático do que para aqueles que podem, às vezes, conversar e chorar juntos. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 174)

Mesmo não estando presente nas disciplinas escolares, crianças e adolescentes não têm como evitar o assunto. Contudo, algumas pesquisas sobre a morte revelam em seus resultados que a criança e o adolescente têm certo distanciamento da morte, essa estando mais presente nos discursos dos idosos, como afirma Barbosa, Melchiori e Neme (2011, p. 182), “enquanto os idosos falaram da morte com maior conformidade, denotando estar se preparando para ela, os adolescentes apresentaram um discurso de banalização da morte, esquivando-se dela e colocando-a como uma possibilidade remota”.

A morte não deveria ser tema a se pensar quando estivesse com diagnóstico de alguma doença grave ou no leito de morte. Pois, ao tratar sobre a temática com mais frequência, tornando o assunto mais comum, em suma, buscando estar preparado, o enfrentamento de situações delicadas e complexas implicadas na morte e no morrer poderiam ser mais abrandados. Segundo Osswald (2016), estudos recentes têm provado que a lida e a superação do sofrimento, da morte e do luto dos sobreviventes têm se tornado mais fáceis devido à preparação para a morte.

É, portanto, salutar que haja uma preparação para a morte, e nesse processo as escolhas possam ser mais orientadas, norteadas com o propósito de viver uma vida mais feliz, enxergando com mais clareza as prioridades:

[...] ao longo da vida surgem pistas que nos indicam para qual direção devemos seguir. Se não damos atenção a essas pistas, tomamos decisões erradas e acabamos levando uma vida infeliz. Se ficamos atentos, aprendemos nossas lições e temos uma vida plena e boa, assim como uma boa morte. (KÜBLER-ROSS, 2011, p. 22)

Refletir sobre a morte como um processo de formação humana é importante porque faz repensar os valores, o sentido da vida, os relacionamentos. Em sendo a morte um processo individual, pessoal e ao mesmo tempo uma realidade que reverbera, que ressoa e se estende aos integrantes da família, dos amigos, das organizações, ou seja, das relações do sujeito com a sociedade onde estava inserido, torna-se necessário uma visão mais ampla do ser no sentido integral.

A carência de uma formação humana que contemple uma educação para morte é notória. Espaços como escolas e hospitais têm externado a necessidade, reconhecendo os limites de atender às demandas que surgem. Não ocorre apenas no Brasil tal escassez, como está demonstrado no estudo realizado por espaços formativos em Portugal sobre atitudes dos enfermeiros diante da morte:

[...] os enfermeiros reconhecem as dificuldades em garantir o acompanhamento específico aos doentes em processo de morrer, tendo também salientado a importância de formação e treinamento específico sobre esta temática. De fato, a principal fragilidade encontrada nos profissionais de enfermagem, no que se refere ao lidar com a morte e o processo de morrer, está fundamentalmente relacionada com a formação que tiveram. (CARDOSO et al., 2020, p. 2)

A necessidade de uma educação para a morte tem sido recorrente nos estudos desenvolvidos pela área de saúde. Estudantes, médicos e enfermeiros demonstram a insuficiência de formação, de preparo para lidar com a morte diária em suas atividades profissionais. A partir disso, práticas integrativas, como por exemplo, a Permissão de Partida (PP) são implementadas objetivando uma relação melhor e de mais cuidado envolvendo a tríade equipe médica, paciente e família.

Reduzir o medo e o sofrimento relacionados à finitude humana nos permite espiar, por um breve instante, a transcendência, auxiliar a arrumação das malas para a partida e pontilhar com a família e paciente todas as pendências que devem ser solucionadas. Construindo uma ponte para o novo, se cunhou um conceito estruturado por palavras e atitudes que reforçam o positivo, buscando um estado de consciência de paz e provendo a dignidade no processo de morte e de morrer, bem como um tempo para que o paciente, família e a equipe possam vivenciar recolhimento de despedida. (ZENEVICZ et al., 2020, p. 4)

Uma vez que os profissionais de saúde são os atores diários na lida com o processo de morte, é a partir desse ambiente, desse segmento profissional, que tem surgido maior número de estudos sobre o tema da morte, tornando clara a urgência de repensar estruturas de disciplinas que contemplem uma preparação, um espaço formativo, assim nos aponta Cardoso et al. (2020):

Embora a formação acadêmica não seja o único aspecto que influencia a atuação dos profissionais de enfermagem, vários autores têm salientado o seu indiscutível contributo. Entre as várias sugestões de melhoria, destacam-se as mudanças nos planos curriculares, a inclusão de disciplinas onde se discuta a morte e o processo de morrer, bem como a adoção de estratégias direcionadas ao desenvolvimento de habilidades para prestar cuidados de enfermagem adequados frente a situações de terminalidade. A par da formação acadêmica, torna-se cada vez mais relevante a inclusão dessa temática no âmbito da educação permanente. (p. 8)

Educação para a morte é, portanto, uma possibilidade de desenvolvimento do indivíduo que muitas vezes não tem o cuidado de refletir sobre essa certeza como uma forma de compreensão de sentido da vida. “[...] Ambas (vida e morte) fazem parte de uma mesma realidade, imbricada na formação humana do sujeito. Toda a discussão está relacionada com outra possibilidade de perceber e, principalmente, de sentir a vida e – conseqüentemente – a morte” (MARTINS, 2014, p. 74).

Na escola, o cenário não diverge dos espaços de saúde, a demanda existe, afinal a morte acontece em todos os espaços, estejamos ou não preparados para lidar com ela, na ausência de uma educação para a morte por parte dos educadores e educandos, a tarefa torna-se ainda mais difícil, segundo Giaretton et al. (2020):

Diante da árdua tarefa de discorrer sobre a morte, busca-se suavizá-la no seu conteúdo e na sua nomeação, atribuindo ideias que a vinculam ainda à vida, ao bem estar e à continuidade da existência. Assim, o sujeito lança mão de eufemismos para explicar ao outro aquilo que a si mesmo foge de uma compreensão. Usam-se de termos como “foi embora”, “foi viajar” e se “transformou em uma estrelinha”, que buscam atenuar o peso retratado pela ideia da finitude. A partir disso, percebe-se a ausência de um conhecimento de como abordar e o que falar quando o assunto é o morrer. (p. 11)

As crianças carecem desse processo educacional, uma vez que a morte atravessa o processo de desenvolvimento humano, não apenas a morte física, mas também a morte simbólica, como a mudança da fase infantil para a adolescência, por exemplo. Contudo, tratando-se da complexidade que envolve a morte física, para a criança, a depender de sua fase de desenvolvimento, poderá trazer grandes prejuízos em sua formação enquanto ser, devido à não elaboração, ou à não resignificação do luto. Daí a extrema importância de estruturar dentro das escolas espaços de fala, de acolhimento e de suporte para esses seres. Neste sentido os autores Giaretton et al. (2020) afirmam que

[...] Falar sobre a morte quer dizer simplesmente colocar o assunto em pauta, torna-lo presente, por meio de imagens e textos, de forma simbólica, na vida das crianças. Não ignorar a morte não trazer a depressão, a falta de esperança ou a morbidez, mas torná-la uma referência importante para construção de sentido e de significado para a vida. (p. 12)

A educação como um processo de formação humana abarca o desenvolvimento integral do ser, considerando tanto a característica das dimensões mais densas, ou seja, os aspectos biológicos, cognitivos e psíquico-emocionais, o qual é chamado de *hominização* quanto à característica da dimensão mais sutil, ou seja, o aspecto espiritual do ser humano, o qual é chamado de *humanização* (RÖHR, 2012).

Pensar sobre a morte é um convite para refletir sobre conceitos, valores e estratégias do viver. A educação no sentido de uma formação integral parece oportunizar ao indivíduo, enquanto ser multidimensional que é, a consideração de outras ideias para além do capital e da matéria. Um ser-estar no mundo que acolha todas as dimensões e encontre uma maneira de viver com mais lucidez e equilíbrio.

O processo de formação humana possibilita uma visão de mundo, de si e do outro sob um olhar que reconhece as múltiplas dimensões do ser, que reconhece o dinamismo intrínseco de uma construção e de uma atenção cotidiana, dedicadas às relações nas mais diversas oportunidades de aprendizado do dia a dia.

Logo, a formação humana extrapola o conceito de uma educação advinda exclusivamente das salas de aula, dos ambientes de ensino, pois vai além dos conteúdos, da qualificação técnica. Em suma, volta-se para uma *humanização*, orientada pela pedagogia pessoal, pelo esforço que sai do individual rumo ao coletivo, do relacionamento com o mundo, norteando a tomada de decisões, as escolhas. Enfim, os caminhos sendo trilhados com mais consciência.

O processo formativo do humano em sua integralidade intenciona uma melhor compreensão do ser consigo mesmo, nas relações que são desenvolvidas com os outros, ao longo da vida, nos mais diversos ambientes, com a natureza, com o mundo, portanto. Talvez nisso consista um dos maiores sentidos para uma formação humana: um ser educado em sua multidimensionalidade, numa experiência humana harmônica, equilibrada. Uma educação que transcende e que está ancorada na compreensão de um amadurecimento contínuo e permanente. Concordamos com Kastenbaum e Aisenberg (1976, p. 412), quando sugerem “que medidas adicionais, um pouco mais de cuidado e trato, poderiam fazer deste mundo um lugar melhor para se morrer. Isto não faria do mundo também um lugar melhor para se viver?”.

4.1 Formação humana no pensamento do educador Ferdinand Röhr

A educação ligada ao corpo físico não é a mesma do lado emocional. A educação dos nossos cinco sentidos não se compara à da nossa mente. No que diz respeito às dimensões temáticas fazemos, na maioria delas, a

distinção de didáticas específicas. Apesar de todas as diferenciações que podemos encontrar na multiplicidade dessas dimensões, a nossa afirmação fundamental é que elas não se completam sem a percepção da dimensão espiritual que, em última instância, confere sentido e possibilidade de comprometimento existencial a elas. (RÖHR, 2012, p. 39)

A educação formal está muito fortemente apoiada no aspecto intelectual que corresponde, sob a perspectiva da integralidade, a apenas uma de suas dimensões. Por sua vez, quando discutimos a educação como um processo de formação humana, compreende-se que estamos tratando de um olhar muito mais abrangente, que enxerga o ser sob variados aspectos. A formação humana busca transformar o homem, que está inserido naturalmente no processo de hominização, o qual corresponde ao seu desenvolvimento biológico, mental, bem como no humano, por meio de uma educação que favoreça o seu crescimento como um todo.

[...] Em termos mais abstratos podemos dizer que educar é contribuir para a humanização do homem. Essa formulação implica uma dupla compreensão do humano. Sem dúvida, quando o homem nasce, ele já é um ser humano, no sentido de que ele pertence à espécie humana e traz em si elementos de crescimento biológico, de amadurecimento psíquico e de desenvolvimento cognitivo, aos quais, no seu conjunto, podemos chamar de hominização que, de certa forma, esgotam a realização das suas potencialidades humanas. A intenção de educar é tornar o homem, nesse segundo sentido, ou seja, de desenvolver nele o que tem de mais humano e que não é simplesmente resultado da sua maturação natural. (RÖHR, 2013, p. 155)

O homem quando nasce é ser humano por pertencer a essa espécie, mas suas potencialidades humanas, ou seja, o tornar-se humano no sentido mais intenso e completo requer um desenvolvimento que se alcança por meio de um aprendizado amplo, diverso e que possa abarcar conceitos, práticas, experiências que culminem num processo de amadurecimento e crescimento integral. Dessa forma, a formação humana focada na integralidade do ser reconhece a necessidade do comprometimento para realização das múltiplas dimensões nesse processo de humanização, como nos orienta Röhr (2013)

Retomando nossa afirmação fundamental, enxergamos, para uma vida humanizada, a necessidade de que as realizações de cada pessoa em cada dimensão temático-transversal em que está envolvida garantam a presença de todas as dimensões básicas. Isso expressa, de um lado, nossa convicção de que as nossas realizações se tornam humanas, na medida em que envolvem a dimensão espiritual. Mas isso não significa que um ser humano que se movimenta nas dimensões mental e espiritual, por exemplo, sem que isso repercuta de alguma forma coerente nas dimensões emocional, sensorial e material, já cumpra sua tarefa de humanização. A humanização consiste na realização integral das nossas múltiplas dimensões. (p. 88)

No conceito abarcado pelo pesquisador não se pode formular um processo formativo humano, integral, multidimensional sem a presença dos aspectos que compõem a dimensão espiritual, que é uma dimensão sutil que necessita de um esforço pessoal e intransferível. “[...]”

A nossa proposta enquadra-se na preocupação de uma Educação que busca a integralidade humana. Ela insiste, especialmente, na inclusão da espiritualidade do homem” (RÖHR, 2013, p. 20).

O desafio de não privilegiar uma dimensão em detrimento de outra e de dar atenção a cada uma delas possibilita o equilíbrio necessário, considerando que cada uma das dimensões possui características peculiares e que a harmonia de todas viabiliza uma educação integral, multidimensional, por meio de um processo formativo continuado, perene.

Refletir sobre a espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano. Se admitirmos, inicialmente de forma provisória, que a espiritualidade é uma das dimensões que fazem parte do ser humano, não podemos vê-la de forma isolada, sem nexos com as dimensões “profanas”. Criar um distanciamento intransponível entre a espiritualidade e as demais dimensões – afirmamos com antecipação – gera um misticismo falso e nocivo à formação humana. (RÖHR, 2013, p. 21)

Röhr (2010, 2013) enfatiza que alguns recursos são necessários para testemunhar a espiritualidade, uma vez que a linguagem é insuficiente para descrevê-la e a sutileza que lhe é peculiar não permite uma percepção robusta, clara, objetiva. A espiritualidade está no campo da subjetividade. É particular. É íntimo. Requer a crença de sua existência, e, além disso, que se responsabilize por ela. Isso significa que haverá uma busca diária, um esforço constante em manter coerentes o pensar, o sentir e o agir.

A intuição é o meio pelo qual fazemos contato com a realidade espiritual. Essa realidade que não é constante, ao contrário, é momentânea. Intuir é fruto do desenvolvimento humano, logo, em proporção distinta para cada um. Trata-se de um fenômeno mental. Contudo, o que mais impede a clareza da intuição é o desejo a respeito de algo. Ou seja, tende-se a ter mais certeza, inclusive, quando o que se deseja é o inverso do que se está intuindo. E ainda pode ocorrer sobre eventos, objetos cuja realidade seja imanente e realidade transcendente. Não saber o porquê sabemos, é uma característica da intuição. Esse sentimento de certeza de algo, clareza de um caminho a trilhar, de uma decisão a tomar, simpatia ou antipatia por alguém, é força e ao mesmo tempo solitária percepção intuitiva. “[...] Só nós mesmos podemos saber da autenticidade da nossa intuição” (RÖHR, 2013, p. 66).

A formação humana num direcionamento integral vai considerar um sujeito que não é apenas um corpo, que não percebe o mundo apenas pelos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), que não se resume aos sentimentos e, ainda, que não está limitado ao que pensa. Mas que acresce a todos esses elementos a dimensão espiritual, a qual é “indizível”, e irá refutar qualquer lógica que desconsidere o quão esse ser apresenta complexidades, subjetividades. Sendo assim, seu processo formativo num sentido de

humanizá-lo precisa encontrar metas educacionais que contemplem todas as dimensões, que consigam dar o suporte para as diversas situações que a vida oferece.

Nesse contexto de formação humana, torna-se imprescindível falar dos elementos pedagógicos essenciais: o educador, o educando e a tarefa. Para além da história de vida do educador, suas crenças, seus conceitos, sua visão de mundo, o educador é esse ser inacabado, que está se construindo dia a dia, ou seja, que também está em formação constante no sentido de humanizar-se pouco a pouco. Apenas quando o educador vivencia seu próprio processo de desenvolvimento humano de maneira integral, que testemunha por meio de palavras, atitudes, por seu modo de compreender e viver. Em suma, pela atenção que emprega para a sua própria multidimensionalidade, e conseqüentemente, a sua espiritualidade, é que verdadeiramente contribui com o processo de descoberta do educando, sobre suas potencialidades humanas, identificação de suas fragilidades, busca de sentido de vida com profundidade. A meta educacional está voltada para o educando, pensada nele e nos benefícios que terá no processo educativo. Com isso, já estamos falando da tarefa, que é o último componente fundamental para que se possa realizar a formação do humano.

A meta educacional deve atentar para o sentido peculiar de cada dimensão, com o cuidado de não reduzir a educação do humano a um ou outro aspecto, pois, como foi dito anteriormente, não é difícil encontrar um direcionamento único para a educação que tem como proposta a supremacia do intelecto, do cognitivo, formando o humano para o mercado, para o trabalho, para a competitividade em detrimento dos outros aspectos que também compõem esse indivíduo para a vida.

O que importa, nesse item, é ressaltar que todas as dimensões trazem, em si, um sentido próprio, que não poderá ser desconsiderado no sentido espiritual da nossa vida. A reflexão pedagógica, nesse caso, necessita debruçar-se sobre a questão: qual a contribuição de cada dimensão do humano, que precisa ser considerada na formulação educacional? A realização do ser humano precisa observar sua multidimensionalidade e o perigo de afastar-se dela, para não aderir a propostas reducionistas. (RÖHR, 2013, p. 158)

Diversos são os conflitos dentro das escolas envolvendo crianças, adolescentes e jovens nos mais variados e tristes episódios de violências, agressões física e moral, um visível desequilíbrio nas múltiplas dimensões. Um cenário triste, caótico e profundamente antagônico ao que se concebe como espaços formativos do humano. Percebemos que esses fatos estão inseridos num nível de complexidade muito maior do que esses lugares de formação podem dar conta, uma vez que os sujeitos são constituídos de variadas influências. Mas nosso destaque aqui é para a carência e a emergência de uma meta educativa com expressiva

abrangência dentro das instituições de ensino para que possa acolher esse homem e contribuir fortemente para o que há de mais humano em seu âmago.

Em busca de manter a saúde física ou de alcançá-la são adotadas atitudes, ou seja, alguns processos educativos são considerados relevantes para o atingimento desse objetivo, como por exemplo, uma educação alimentar, uma atividade física frequente, tomar mais água, dentre outras medidas. Contudo, quando pensamos nas ações necessárias para implementar na rotina diária atitudes que promovam uma educação emocional, espiritual, pouco ou quase nada identificamos nas práticas pedagógicas.

É inegável a dificuldade de implementação de uma educação que amplie seus horizontes numa direção que convide o indivíduo a olhar-se com mais profundidade, que oriente a sentir, pensar e agir coerentemente, que o incite a rever sua relação com os outros, com a natureza, que acredite que o humano tem em si aspectos que não podem ser mensurados, avaliados, tais como a fé, o amor, a intuição. Interessante perceber que apesar de reconhecer que se trata de uma proposta com obstáculos a serem vencidos na lida diária dos sujeitos direta e indiretamente envolvidos, ao mesmo tempo é grande, é rica, por ter em sua essência o objetivo de tocar o que há de mais humano no homem, iluminar o seu melhor.

O caminho para viver de maneira espiritualizada é trilhado por cada um e de maneira singular, mas tem em comum alguns valores humanos que se não estiverem presentes podem comprometer a base dessa trajetória. Para além da autenticidade, da verdade que o indivíduo precisa encarar sobre si mesmo, da maneira como se relaciona com o outro e com sua visão de mundo, a confiança nessas mesmas esferas pode dar o suporte para o amadurecimento de outros tantos valores humanos a serem considerados, dentre os quais citamos o amor, a alegria, a paciência, a esperança. Tais elementos fazem parte desse caminho luminoso, e o indivíduo que defende uma perspectiva de formação humana integral precisa dar passos nessa direção.

[...] Confrontamo-nos, na vida espiritual, com a responsabilidade de sermos nós mesmos, de forma incondicional. A responsabilidade por nós mesmos não é egocêntrica, mas implica a responsabilidade por todos. Na dimensão espiritual, abre-se uma compreensão profunda dos valores humanos, como liberdade, amor, amizade, solidariedade, esperança, confiança, verdade, etc. não se trata de novidades propriamente ditas. São aspectos que, da mesma forma que sucumbem, constantemente, em redemoinhos da vida “mundana”, podem ser encontrados nos autores que desenvolvem seu pensamento a partir da dimensão espiritual, e servem de exemplo nas suas tentativas de vivê-la coerentemente. (RÖHR, 2013, p. 268)

Percebe-se que, para tanto, um profundo trabalho consigo mesmo faz-se imprescindível. A busca pelo autoconhecimento, pela autotransformação é tarefa primordial

para a realização espiritual. No campo pedagógico, o educador consciente de suas próprias dificuldades precisa desenvolver empatia pelo processo do educando que de tal forma não é diferente, ou seja, também é permeado por desafios. Mais ainda, o educador não deve interferir, a não ser para exemplificar com sua própria conduta, no caminho que o educando escolher percorrer, oferecendo-lhe o suporte, a orientação e o respeito pelo seu tempo de despertar.

É preciso ter a humildade de reconhecer que não se tem a verdade absoluta, mas o acesso a partes dessa verdade maior, isso propicia um ambiente mais flexível, mais humanizado no trato com as diferentes realidades em diversos espaços, não apenas nas instituições de ensino. Muitos são os conflitos provenientes de conceitos radicais, autoritários e intolerantes. Fatores que empobrecem os encontros e nublam as visões de mundo que antes de tudo precisam se perceber como partes de um todo.

Nesse contexto, a sensação de fracasso não é rara, tendo em vista a amplitude da tarefa de formar-se e de formar o humano. Os desafios são enormes e o terreno é árido, uma vez que a proposta educativa discutida envolve aspectos da multidimensionalidade do sujeito, ou seja, um olhar ampliado e ainda pouco difundido, principalmente na educação formal. Contudo, independentemente de ser na escola ou fora dela, o fato é que nos deparamos e representamos diferentes formas e estados de compreender e viver a vida, e isso nada tem a ver com a idade cronológica, mas com o desenvolvimento da humanidade de cada um.

O filósofo alemão Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) é apontado por Röhr (2013) quando discute acerca da reencarnação. Suas contribuições sugerem reflexões vinculadas à educação integral e à espiritualidade. Lessing argumenta que apenas uma existência não seria suficiente para darmos conta de todo o aprendizado que precisamos ter como seres humanos. E que sendo assim, as pessoas não estão no mesmo nível de amadurecimento, de desenvolvimento.

[...] Não posso esperar, de uma pessoa com poucas experiências em vidas na terra, a mesma facilidade de reconhecer, por conta própria, valores espirituais, do que das pessoas que trazem uma bagagem maior nesse sentido. Reconhecer essa diferença não é um desrespeito em relação à igualdade humana. Todos são iguais na meta da plenitude e na necessidade de passar pelo desenvolvimento necessário. A diferença é o estágio em que cada ser humano se encontra nesse momento. (RÖHR, 2013, p. 263)

Na visão de Lessing, portanto, “[...] a finitude do ser humano é uma visão reduzida de sua existência e da tarefa que tem que cumprir. Ele precisa de mais do que uma vida para se tornar capaz de fazer o bem pelo bem” (RÖHR, 2013, p. 272-273). Vale destacar mais uma

vez que essa aquisição valorosa do humano, de realização genuína do bem, independe do *Chronos* e muito mais do *Kairós* de cada ser.

[...] O estado mais maduro, em termos de humanidade, se alcança, quando as próprias promessas se tornam dispensáveis, quando o educando encontra o sentido no próprio fazer o bem. Ele faz o bem porque encontra nisso o sentido da sua vida. Se essa atitude se consolidou, o processo de educação torna-se sempre mais autoeducação. (RÖHR, 2013, p. 260)

Então, como se caracteriza o bem na visão integral do humano? “[...] Caracteriza-se como desenvolvimento de todas as dimensões, de forma proporcional e equilibrada, tendo como meta final tornar-se a dimensão espiritual a própria orientação do conjunto” (RÖHR, 2013, p. 262). Curioso constatar que muitas vezes mal sabemos que estamos com tal ou qual dimensão desequilibrada, embora nas mais densas seja mais fácil essa percepção, uma vez que seus efeitos sinalizam mais rapidamente. Mas, por exemplo, podemos desequilibrar a dimensão emocional sem a real noção de seus impactos. Fato é que cedo ou tarde volta para nós mesmos, quase como um efeito bumerangue. Refletir sobre a essencialidade de aprendermos a equilibrar nossas dimensões, nem que seja a partir das “dores” de seus desequilíbrios, faz-se necessário para que o viver seja mais saudável e harmonioso.

No campo da educação, esse olhar para o equilíbrio, para a busca da autotransformação, da compreensão de si mesmo, estimula o educador ao desenvolvimento de virtudes. A paciência pedagógica faz esse movimento virtuoso de entendimento, e embora o educando possa demonstrar dom para determinadas áreas, isso não deve ser motivo de afastamento do educador do objetivo primeiro de uma educação que atenda às necessidades de cada dimensão. “[...] Não adianta conseguir, através da educação, formar um grande cientista, se a sua ciência não se direciona para uma maior compreensão do humano e criação de suportes para seu aperfeiçoamento” (RÖHR, 2013, p. 265).

Todos esses elementos configuram, embasam e corporificam a teoria de Röhr sobre a formação humana, que é compreendida como um processo educativo da integralidade do ser em comunhão com a multidimensionalidade na qual está contida, dentre as dimensões básicas, especialmente, a inclusão da dimensão espiritual. Afirma que

Somos nós, na nossa dimensão espiritual, que, num sentido mais profundo, humanizamos a imanência. Encontramos o sentido da vida nessa tarefa. Humanizar a nossa vida em relação a nós, aos outros e à natureza, a partir de uma unificação das múltiplas dimensões que fazem parte de nós, incluindo a espiritual, é a realização humana. (RÖHR, 2013, p. 269-270)

Num contexto de sala de aula o educador que não esteja familiarizado com esses conceitos, obviamente fica impossibilitado de contribuir, nesse sentido, com seus alunos, uma vez que não está cuidando de seus próprios conflitos. Compromete, assim, a possibilidade de

uma formação humana que alcance a complexidade do humano em seus múltiplos aspectos. Röhr (2013) reforça que

[...] Não se pode esperar nada de um educador em termos de formação humana integral, que permaneça preso, ainda, nos próprios conflitos emocionais ou interesses egocêntricos na Educação. Da mesma forma, não adianta vagar nas ideias humanistas e éticas mais belas sem nenhuma coerência na prática. O educador, no mínimo, tem que ter consciência da própria dimensão espiritual e alcançado o mínimo de consistência em segui-la, na tentativa de entrar em harmonia com as demais. (p. 264)

Formação humana no sentido integral provoca tensão na lógica da preparação do indivíduo apenas para o trabalho. Não está em discussão aqui o quão necessário é esse objetivo, pois todos carecemos de condições financeiras para a sobrevivência e isso, dignamente, consegue-se por meio do trabalho. Mas cabe um alerta para que não seja este o único ou prevalente intento. Formar-se com integralidade é poder acessar uma educação que desenvolve e faz amadurecer no homem sua essência humana-espiritual e possibilita sua realização numa escala muito mais abrangente e significativa.

5 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Apontar os caminhos metodológicos da pesquisa requer análise das tantas possibilidades apresentadas e discutidas pelos teóricos na vasta literatura disponível. Sendo assim, consideramos como primeiro passo neste estudo a promoção de um estado do conhecimento que consiste na leitura de dissertações e teses sobre a temática da morte e do morrer, para que o cenário acerca do objeto de estudo esteja ancorado em valiosas contribuições com uma pluralidade de pesquisadores. Nessa direção foi realizada consulta no mês de julho/2021 no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Objetivando realizar um recorte no material encontrado utilizamo-nos das seguintes palavras-chave: A morte e o morrer; Enfrentamento da morte; Educação para a morte; Morte e espiritualidade; Educação e espiritualidade; Significados da morte; Implicações da morte e Formação humana e morte.

A abordagem para a realização deste estudo é qualitativa. Caracterizada pela ênfase no processo e não apenas nos resultados, bem como nos contextos e, principalmente, nos significados. Como destaca Yin (2016), “o fascínio da pesquisa qualitativa é que ela permite a realização de estudos aprofundados sobre uma ampla variedade de tópicos, incluindo seus favoritos, em termos simples e cotidianos” (p. 5-6).

Yin (2016) diz ainda que é melhor discutir características de uma pesquisa qualitativa do que defini-la. Não é nosso propósito promover essa discussão, apenas enumeraremos tais atributos nas palavras do pesquisador:

1. Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
2. Representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas neste livro como os participantes) de um estudo;
3. Abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. Contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e
5. Esforçar-se por usar *múltiplas fontes de evidência* em vez de se basear em uma única fonte. (p. 7)

Bogdan e Biklen (1994) consideram características como norteadoras da pesquisa qualitativa em educação e ainda elucidam que

[...] Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete um espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados de uma forma neutra. (p. 51)

O modo de interpretação dos dados desta pesquisa é do tipo descritivo (GIL, 2002, p. 42), que “[...] tem como objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população”. De acordo com Yin (2016, p. 185), “*interpretar* pode ser considerada a arte de dar seu próprio significado a seus dados recompostos e arranjos de dados”. “As melhores descrições incluem os dados de um estudo. Esses dados podem ser altamente diversos, incluindo os perfis de pessoas baseados nas entrevistas de um estudo, dados históricos baseados em buscas de documentos e dados numéricos escolhidos de fontes arquivais”, orienta o autor (p. 191).

Visando ao alcance dos objetivos desta pesquisa que consistem em âmbito geral compreender como os significados e as implicações da morte e do morrer influenciam na vida de servidores (docentes e técnicos) da UFPE, especificamente identificar as estratégias de enfrentamento da morte e do morrer desenvolvidas por servidores da UFPE, além de discutir a educação para a morte à luz da formação humana a partir da percepção de servidores da UFPE e devido à complexidade do objeto do estudo, a morte e o morrer, a forma qualitativa para a realização desse estudo é a pesquisa de campo.

O trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as *perguntas que fazemos para a realidade*, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. (MINAYO et al, 2009, p. 76)

Severino (2007), esclarece que

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos. (p. 123)

Na pesquisa de campo, de acordo com Yin (2016), é importante desenvolver uma relação com o outro onde o diálogo aconteça de maneira confortável. “Desenvolver relações viáveis pode ser o maior desafio pessoal ao fazer pesquisa qualitativa” (p. 98).

5.1 Colaboradores

A Universidade Federal de Pernambuco – UFPE possui no campus Recife 11 (onze) centros: Centro de Artes e Comunicação – CAC, Centro de Biociências – CB, Centro de Ciências Exatas e da Natureza – CCEN, Centro de Ciências Jurídicas – CCJ, Centro de Ciências da Saúde – CCS, Centro de Ciências Médicas – CCM, Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA, Centro de Educação – CE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH, Centro de Informática – CIn e o Centro de Tecnologia e Geociências – CTG. Sendo assim, este estudo tem como colaboradores servidores da instituição, compreendidos entre docentes e técnicos. No caso dos docentes são integrantes de programas de pós-graduações, mais especificamente do doutorado. Quanto aos técnicos, com atuação nos variados ambientes da instituição.

De acordo com informações contidas no site da universidade, em levantamento realizado em fevereiro/2021, a UFPE dispõe de 56 (cinquenta e seis) cursos de formação. Considerando as dezenas de cursos de pós-graduação, pretendeu-se, inicialmente, escolher entre dois e três cursos em cada centro. Para isso, foram utilizados dois critérios de inclusão: prioritariamente, o tempo de existência dos cursos de doutorado e o segundo critério, o quantitativo aproximado de produção científica dos cursos escolhidos, destacando que a referida produção foi considerada a partir das informações também contidas no site da UFPE. Devido ao fato do contato para o envio do convite aos colaboradores ter sido restrito, basicamente, ao correio eletrônico (e-mail), por causa da pandemia da Covid-19, alargamos as possibilidades para outros cursos que porventura, não contemplem os critérios mencionados.

A escolha do perfil dos colaboradores surgiu da tentativa de alcançar maior diversidade, maior representatividade dentre os servidores, uma vez que são áreas de conhecimento diversas. Em se tratando dos docentes, a escolha por professores das pós-graduações de doutorado considerou a experiência profissional até à chegada do respectivo nível. O critério de escolha para os técnicos consistiu na ocupação dos cargos pelos mesmos há, pelo menos, 10 (dez) anos. Com tais critérios pretendeu-se selecionar pessoas que

pudessem aumentar as possibilidades de visões de mundo relativos ao objeto de pesquisa, supondo que a trajetória/tempo profissional esteja, de alguma maneira, alinhada às experiências de vida.

Como critério de exclusão, este culmina da não contemplação tanto dos cursos quanto do perfil dos colaboradores que não têm ainda uma trajetória profissional e pessoal mais profícua face aos objetivos desta pesquisa.

5.2 Recolha dos dados

A recolha dos dados se deu por meio das técnicas de entrevista semiestruturada e observação. As entrevistas foram individuais. Sendo a entrevista uma técnica de pesquisa que possibilita maior interação e aproximação entre pesquisador e pesquisado, de acordo com Severino (2016)

[...] Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizadas nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. (p. 133)

O tipo de entrevista semiestruturada escolhida para essa pesquisa teve um roteiro flexível, permitindo que perguntas que não estavam previamente elaboradas pudessem ser consideradas a partir de material emergente durante a entrevista. Segundo Amado (2014), a entrevista semiestruturada ou semidiretiva

É uma técnica que permite um acesso aos discursos dos indivíduos, tal como estes se expressam, ao não-observável: opiniões, atitudes, representações, recordações, afetos, intenções, ideais e valores, que animam uma pessoa a comportar-se de determinado modo. No essencial consiste numa técnica capaz de provocar uma espécie de introspecção. (p. 211-212)

O autor sugere que a técnica da entrevista semidiretiva seja orientada por um instrumento designado guião de entrevista, que estrutura por blocos temáticos e objetivos. “Este guião resulta de uma preparação profunda para a entrevista, além de ser um instrumento que, na hora da realização da entrevista, ajuda a gerir questões e relações” (AMADO, 2014, p. 214). Similarmente, Creswell (2010) sugere a utilização de um protocolo de entrevista, instrumento composto por cabeçalho (data, local, nome do entrevistador e do entrevistado), instruções (informações quanto à condução da entrevista), questões, sondagem (detalhamento das questões) e agradecimento ao colaborador pela participação.

Nas palavras de Severino (2016, p. 134), a observação “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa”. Para Yin (2016, p. 127), os nossos sentidos e o que vemos são

valiosos dados, uma vez que captam para além do que nos é relatado. Nisso consiste o ato da observação.

Para Bogdan e Biklen (1994),

[...] Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa rico em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (p. 16)

Preferencialmente, as entrevistas aconteceriam face a face, presencialmente. Embora fosse possível considerar a realização por telefone ou por e-mail, conforme orienta Creswell (2010, p. 214-215). Contudo, a maior parte das entrevistas foi realizada remotamente, utilizando a plataforma Zoom, que disponibiliza videoconferência e gravação, tendo em vista que estamos enfrentando um momento pandêmico.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos colaboradores. Paralelamente ao processo de entrevistas foi utilizada a técnica de observação. Possibilitamos uma escuta sensível a fim de que fosse ofertado aos participantes sentimentos de acolhimento e respeito ao que foi transmitido.

As entrevistas são uma importante fonte de evidência, pois através desse instrumento os participantes compartilharam opiniões, sentimentos, significados, compreensões e percepções sobre a morte e o morrer, e, portanto, devem ser ouvidas com muita atenção e a quantidade de vezes necessária para melhor interpretação das informações. Como destacam Bogdan e Biklen (1994), sobre as entrevistas na investigação qualitativa, “[...] em todas as situações, a entrevista é utilizada para recolher os dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (p. 134).

A estratégia utilizada para tornar conhecido o universo de possíveis colaboradores para este estudo, se deu por meio de consulta no site da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, mais exatamente na página de cada centro, com o objetivo de obter o endereço eletrônico (e-mail) dos docentes e técnicos. Nessa pesquisa localizamos mais facilmente os e-mails dos docentes, embora não seja na sua totalidade. Quanto aos técnicos, a dificuldade foi maior, pois, em geral, encontramos apenas o e-mail da secretaria, da coordenação e /ou da direção, não dispõe a informação direta dos servidores. Dessa forma, fizemos o nosso primeiro contato com os participantes e as secretarias dos cursos de pós-graduação (doutorado) e/ou secretarias dos centros, nas quais checamos a possibilidade de serem

fornecidas indicações de docentes e técnicos com o perfil escolhido. Para essas indicações foram solicitados o nome, o endereço eletrônico e o telefone dos possíveis participantes.

Demos início à aproximação com os participantes por meio do envio de mensagens e em menor quantidade também por telefone, através do aplicativo *whatsapp*. Em ambos os canais de comunicação fizemos o convite para participação do estudo, fornecemos as primeiras informações e colocamo-nos à disposição para esclarecer as dúvidas quanto ao processo de concessão das entrevistas. Essa etapa foi desafiadora, pois devido ao trabalho remoto não tivemos, até praticamente o final do período destinado ao convite, acesso aos servidores *in loco*, restando apenas aguardar que o contato fosse estabelecido por meio dessas ferramentas, o que tornou vulnerável a aproximação.

Devido ao contexto pandêmico e ao acesso restrito aos possíveis colaboradores, enviamos aproximadamente 130 (cento e trinta) convites, dos quais obtivemos 16 (dezesseis) confirmações, alguns chegaram a enviar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE assinado. Contudo, efetivamos 10 (dez) entrevistas semiestruturadas, pois devido a motivos variados, não foi possível a participação de todos os confirmados, sendo, portanto, 8 (oito) realizadas remotamente e 2 (duas) presencialmente, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 2: Perfil dos colaboradores

Nome (fictício)	Cargo	Centro
Beatriz	Docente	Centro de Artes e Comunicação – CAC
Juliana	Docente	Centro de Artes e Comunicação – CAC
Pedro	Docente	Centro de Artes e Comunicação – CAC
Fátima	Docente	Centro de Educação – CE
Mário	Docente	Centro de Tecnologia e Geociências – CTG
Luiz	Docente	Centro de Ciências da Saúde – CCS
Aurora	Técnica	Centro de Ciências da Saúde – CCS
Helena	Técnica	Centro de Tecnologia e Geociências – CTG
Joaquim	Técnico	Centro de Ciências Médicas – CCM
Fábio	Técnico	Centro de Tecnologia e Geociências – CTG

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a afirmação dos colaboradores quanto ao interesse em participar, enviamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Coleta de Dados Virtual, para maiores de 18 (dezoito) anos, que foi assinado e, dessa forma, confirmamos a participação. Em seguida, providenciamos o agendamento e o envio do convite da Plataforma Zoom em data e horário escolhidos previamente pelo participante para a realização da entrevista individual.

5.3 Aspectos Éticos

Para a realização da presente pesquisa foram obedecidas normas éticas constantes na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e orientações para procedimentos em pesquisa com qualquer etapa em ambiente virtual da Comissão Nacional da Ética em Pesquisa – CONEP, vinculada ao Ministério da Saúde, disponível no site do Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UFPE. Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, por meio do site da Plataforma Brasil para análise e emissão de parecer consubstanciado, tendo sido aprovado conforme o CAAE nº 45529421.5.0000.5208. A assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para maiores de 18 (dezoito) anos ou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Coleta de Dados Virtual também para maiores de 18 (dezoito) anos foi requisito fundamental para a consideração da efetiva participação dos colaboradores deste estudo.

Devido à temática desta pesquisa, consideramos a existência de risco, especialmente no campo emocional, podendo reverberar, inclusive, em risco físico. Porém, como o(a) participante teve acesso às informações necessárias sobre este trabalho e poderia a qualquer tempo desistir de sua participação, respeitando, assim, seus próprios limites. Dessa forma, intencionamos que eventual desconforto tenha sido abrandado. Contudo, para minimizar qualquer risco, tentamos acolher a dificuldade do participante com uma escuta sensível e respeitosa durante todo o processo de recolha dos dados.

Para a realização das entrevistas recorreremos às plataformas digitais que têm sido bastante utilizadas para as mais diversas atividades, nesse contexto pandêmico, por exemplo, aulas, reuniões corporativas e pessoais. A plataforma escolhida foi a Zoom, sendo utilizado o recurso de videoconferência e gravação.

Sendo assim, é importante destacar a existência de risco, uma vez que foi utilizado um ambiente virtual. As entrevistas, em quase sua totalidade, aconteceram remotamente, existindo, por exemplo, o risco de ameaça ao computador por meio de vírus. Com o intuito de minimizar os eventuais riscos foi providenciado *download* dos dados coletados nas entrevistas, através de gravações, para pasta no computador pessoal, de acordo com as

orientações da CONEP. Também uso de antivírus. Enfim, o cumprimento dos procedimentos necessários e possíveis em função do sigilo e da confidencialidade dos dados coletados, respeitados os limites de ação da pesquisadora em assegurar a total confidencialidade.

Ressaltamos que o benefício direto desta pesquisa para os participantes consistiu em serem escutados sobre o que pensam acerca da finitude humana. Indiretamente, os benefícios foram de contribuir para maior reflexão sobre uma educação para a morte e uma formação humana que contemple a multidimensionalidade do ser.

Os dados coletados (gravações das entrevistas) estão armazenados em pastas de arquivo do computador pessoal no endereço informado no TCLE, sob a responsabilidade da pesquisadora e de sua orientadora, a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFPE, uma vez que envolvem seres humanos e que o armazenamento dos dados deve respeitar o período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa, conforme determina o citado Comitê.

5.4 Interpretando as informações

As entrevistas foram transcritas em sua totalidade. Nessa etapa, deparamo-nos com o desafio da entrevista remota, pois precariza o contato humano, no sentido de viabilizar uma observação mais acurada e mais profunda, uma vez que, comumente, enfrentamos problemas de conexão da internet, o que impactou diretamente na qualidade da imagem e/ou som no momento da recolha. Foi realizada a leitura atenta dos dados, bem como análise detalhada para o processo de codificação, que é “[...] o processo de organização do material em blocos ou segmentos de texto antes de atribuir significado às informações” (ROSSMAN E RALLIS, 1998, p. 171 apud CRESWELL, 2010 p. 219).

Para auxiliar na construção e análise das informações foi utilizada a técnica de análise do conteúdo. Minayo (2000 apud Bardin 1979) define a análise de conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (p. 199)

E ainda, de acordo com Amado (2014),

[...] a Análise de Conteúdo consiste numa técnica central, básica mas metódica e exigente, ao dispor das mais diversas orientações analíticas e interpretativas (análise fenomenológica, *grounded theory*, etc.), cuja diferenciação depende sobretudo daquilo que se procura em especial, ou ainda, dos conteúdos que são privilegiados na análise entre muitos outros disponíveis no acervo dos dados. (p. 300)

Segundo Bardin (2016) a análise de conteúdo “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (p. 37). Sendo assim, utilizamos esse instrumento para analisar e construir a interpretação dos dados recolhidos.

5.4.1 Análise Temática

A análise de conteúdo oferece alguns tipos de técnicas. Para este estudo e para a interpretação das informações manifestas e as não manifestas foi usada especificamente a análise temática. Para esclarecimento da concepção da noção de tema, Minayo (2000) diz que “ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, uma frase, um resumo” (p. 208). Em outras palavras, contudo com um significado ainda mais alinhado com a complexidade da proposta desta pesquisa, Unrug (1974 apud Minayo, 2000) define tema como “uma unidade de significação complexa de comprimento variável, a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica. Pode constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão” (p. 209).

Bardin (2016) diz que “fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (p. 135). Esclarece também que

O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não diretivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupo, os psicodramas, as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são analisados tendo o tema por base. (p. 135)

Bardin (2016) orienta ainda polos cronológicos para as fases de análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material, e o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação. Explica que

Estes três fatores não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objetivos, ou, inversamente, o objetivo só é possível em função dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses, ou, pelo contrário, as hipóteses serão criadas na presença de certos índices. (BARDIN, 2016, p. 125)

Minayo (2000) complementa que para fazer uma análise temática é necessário considerar as três fases citadas acima. A pré-análise é o momento inicial, a fase da escolha de quais documentos serão analisados, a qual consiste na realização de uma leitura flutuante

(leitura exaustiva do material), constituição do *corpus* (organização do material que atenda normas de validade da pesquisa) e formulação de hipóteses e objetivos. A segunda fase é a exploração do material, que consiste no processo de codificação. Também nessa fase é definida, escolhida a unidade de registro (palavra-chave ou frase) e/ou a unidade de contexto (limite contextual para compreensão da unidade de registro). O tratamento dos resultados e a interpretação são a terceira e última fase da análise temática.

Nessa direção, Bardin (2016) afirma que o “corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (p. 126). Conforme a autora, para constituição do *corpus* é importante a observância das principais regras, que são: regra da exaustividade (contar com todos os elementos desse *corpus*, ou seja, não eliminar nenhum dos elementos); regra da representatividade (atenção à amostragem que represente o universo inicial); regra da homogeneidade (obediência aos critérios de escolha, evitando muitas particularidades que escapem a esses critérios); regra de pertinência (a adequação dos documentos em correspondência ao objetivo).

A saturação das categorias é o marco para a finalização da recolha de dados, que acontece “quando as categorias utilizadas para codificar os dados parecem satisfatórias e exaustivas, quando a continuação da recolha de dados produz apenas pequeníssimos incrementos de nova informação acerca das categorias em comparação com esforços despendidos” (AMADO, 2014, p. 138).

Para as análises textuais existe a possibilidade de utilização de software como ferramenta para auxiliar no processo de codificação das informações, para que possam ser extraídos sentidos, significados. Para tanto, a análise e a interpretação dos dados, conforme Creswell (2010) orienta, devem ser organizados por temas ou problemas, como já descrito anteriormente. Apesar do aparato tecnológico de que dispomos é de fundamental importância que o pesquisador esteja atento e mantenha o cuidado em todo o processo de recolha de dados para que o estudo encontre as respostas para os problemas apresentados. Assim, concordamos com Amado (2014 apud Neri de Souza, Costa e Moreira, 2011a, 2011b) quando alerta que

Do ponto de vista tecnológico, podemos contar com gravadores áudio e câmeras digitais que facilitam o trabalho de recolha de dados. Temos também computadores com os mais diversos pacotes de software que nos ajudam a organizar, transcrever, ordenar e categorizar os dados, visando uma análise mais profunda e diversificada. No entanto, apesar da evolução técnica, o uso de um software específico não dispensa um investigador criterioso, crítico e questionador para encontrar respostas para os diversos problemas e questões de investigação. (p. 321)

Contudo, destacamos que para a análise dos resultados dessa pesquisa, os quais estão apresentados e discutidos na seção seguinte, não foi utilizado software.

6 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos os resultados a partir da realização de entrevistas individuais semiestruturadas e observação. Inicialmente, foi realizada leitura cuidadosa do material. Como já dito anteriormente, a técnica aplicada para a análise foi a análise temática.

Posteriormente, destacamos diversos trechos e/ou parágrafos do texto transcrito para que pudessem ser codificados. Para Bardin (2016)

Tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices. (p. 131)

Concluída a codificação, foram identificadas 220 (duzentas e vinte) unidades de registro temáticas. Bardin (2016) define o tema como sendo “[...] a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis” (p. 134).

Na etapa seguinte foi realizada a categorização, que “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p. 147). Nesse caso adotamos o critério semântico, construímos 4 (quatro) segmentos a partir de blocos de perguntas e respostas codificadas para formação das categorias de análise, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 3: Categorias de Análise

Categorias	Subcategorias
Significados e sentidos da morte	Dualidade
	Religiosidade
	Pungência da morte
	Integralidade
Implicações da morte	
Enfrentamentos da morte	
O humano em constante processo de formação	

Fonte: Elaborado pela autora.

Importante destacar que por motivo de sigilo, os participantes foram identificados com nomes fictícios.

Para a apresentação dos resultados foi elaborado um relatório narrativo e reflexivo. Como diz Amado (2014),

A apresentação final do relatório de um determinado estudo poderá concretizar-se segundo várias modalidades possíveis, sendo no entanto, mais tradicional a que consiste numa narrativa que descreve, analisa e interpreta o caso. Os relatórios podem ter um carácter reflexivo e pouco convencional, cientificamente falando, nos quais se utiliza um registro mais literário para dar vida ao caso e existe uma forte presença da voz do investigador. (p. 141)

As características apontadas pelo autor marcam a escrita desse relatório, uma vez que a temática da morte e do morrer está imbricada com aspectos subjetivos do sujeito, suscitando assim, carácter reflexivo e interpretativo como suporte para uma melhor construção e elaboração do texto.

6.1 Significados e Sentidos da Morte

Tô relendo minha lida
 Minha alma, meus amores
 Tô revendo minha vida
 Minha luta, meus valores.
 (Vander Lee, trecho da canção “Meu Jardim”)

Essa categoria apresenta a morte como um lado da vida, num processo de interligação e complementação que torna difícil falar de uma sem mencionar a outra. Rosenberg (1992) diz:

Eu colocaria o seguinte, para começar, que a vida e morte, para mim, não são duas coisas separadas; elas fazem parte do mesmo processo. A gente começa a morrer no instante em que nasce. Falando algumas coisas que vocês já devem ter ouvido. As células envelhecem e morrem o tempo todo, na medida em que a gente vai perdendo coisas através da vida. (p. 70)

Nesse eixo temático são discutidas 4 (quatro) subcategorias, aspectos que emergiram dos resultados e de reflexões acerca dos significados e sentidos da morte: dualidade, religiosidade, pungência da morte e integralidade.

Para uma reflexão mais aprofundada dos aspectos da vida, como diz a canção Meu Jardim do cantor Vander Lee (1966-2016), exige de nós uma constante revisão de nossos valores, de nossas lutas diárias, de nossos processos de crescimento e amadurecimento. Propiciando, assim, que conteúdos complexos façam parte de nossas reflexões, do nosso aprendizado, como é a questão da finitude.

Nosso viver está integrado com o morrer, afinal nascer é a primeira das etapas, e morrer, a última. Então, uma educação sobre a compreensão, a aceitação dessas fases naturais

pode também possibilitar menos sofrimento diante da irreversibilidade da morte e da impermanência que envolve a vida.

6.1.1 Dualidade

Identificamos esse elo forte da vida e da morte nas falas dos nossos entrevistados. Demonstrou-se uma relação aprofundada na maneira de significar a morte a partir de experiências e de reflexões sobre a morte de si e a morte do outro, num contexto de carga sentimental em grande parte relacionada ao sofrimento, mas também à busca de um sentido maior da vida, que também é representada pela morte.

De que a morte, né, eh a gente é inevitável, se é inevitável, eh não é que fique pensando, mas a gente tem que eh fazer com que isso, né, seja de algum modo tratado na própria vida, né. (Beatriz)

[...] eu já acho que tem que ter essa consciência de: pessoas precisam encarar a morte como encara a vida, que o momento tá aí pra todo mundo, né. (Joaquim)

Observamos nos trechos abaixo retirados das entrevistas que a reflexão sobre a morte está relacionada com a maneira que cada um lida com a temática, independentemente da fase da vida que o interesse seja desperto:

[...] Esse é um tema que me perpassa sempre, como eu te falei, as minhas primeiras lembranças de incômodo, porque a palavra era essa, incômodo com a morte, aconteceram ainda com a primeira infância, né, nessa... eu (eu) me lembro que eu devia ter entre 6 e 8 anos, no máximo, tá? E é um tema que, para mim, é muito caro e muito importante porque tá atrelado a um sentido do viver, né. (Juliana)

Não. Muito assim, esporadicamente, quando acontece algumas coisas, a gente faz algumas referências, né? “No dia que eu não tiver mais aqui”, a gente eh faz algumas referências, mas muito breve, isso não é uma coisa que ocupa meu tempo e minha cabeça, não. (Fátima)

Morte e vida com frequência despertam sentimentos contraditórios. À primeira relaciona-se a dor, a perda, o luto, o lamento, o pesar. Quanto à segunda, liga-se a alegria, a leveza, o prazer. Observamos que essa maneira de compreender o fenômeno da morte está, de certa forma, estreitamente vinculada também ao aspecto cultural. Thomaz (2020) diz que

A temática da morte abrange um conjunto de incertezas, imprecisões e dilemas que podem atingir qualquer ser humano em um dado momento de sua trajetória de vida. O fato é que essa palavra, “morte”, carrega uma série de atributos e, em certas culturas, emerge como símbolo de um final, onde tudo cessa e se aniquila; ela diz de um desfecho, de um término indiscutível. (p. 29)

Nós ocidentais somos ensinados e repassamos às gerações futuras uma maneira de ver a morte com uma certa dose de desespero, de tristeza, de drama, de revolta. Esse

funcionamento se dá, inclusive, nos ritos fúnebres, ritos religiosos, nas músicas etc. Já os orientais demonstram uma forma de entender diferente, com mais naturalidade e aceitação disso que sabemos ser a única certeza que temos enquanto vivos.

Veja, eu acho que é um assunto que a gente corre, né, dele. Porque é no, eu acho que existe uma cultura mesmo da gente não falar nisso. No Brasil, a gente tem isso, né, é uma coisa que você não, normalmente não fala. É como se fosse um assunto proibido e a gente corre dele porque é algo que vai fazer sofrer, né. Tá muito ligado a essa questão do sofrimento. Eu acho que é uma coisa muito do mundo ocidental isso. (Beatriz)

[...] Nós que somos ocidentais vemos de uma forma muito mais eh penosa, eu acredito, né, é a sensação que eu tenho. (Luiz)

Kovács (1992) assevera que

[...] as visões da morte no Ocidente e no Oriente são absolutamente diversas, com uma série de rituais que correspondem a essas diferentes formas de entender o nascimento e a morte. Se no Ocidente a morte é vista como fim, ruptura, fracasso, como interdita, oculta, vergonhosa, os rituais corresponderão a esta forma de encarar a morte. São procedimentos de ocultamento, vergonha, raiva, temor. Na visão oriental, a morte surge, fundamentalmente, como um estado de transição e principalmente de evolução, para o qual deve haver um preparo. (p. 47-48)

Obviamente não se trata de todo o Ocidente. Reconhecemos alguns passos em direção a uma visão mais espiritualizada sobre a morte e o morrer, como por exemplo, no México. O filme *Viva - a vida é uma festa* conta a estória de um jovem que ama a música e luta para tornar-se músico, sem, contudo, ter o apoio de sua família devido a questões de seus antepassados, e sendo assim, tentam impedir o rapaz de viver seu grande sonho. Mas o que queremos destacar desse filme é de como a morte é vista sob a ótica dos mexicanos, que creem que todo aquele que morre continuará a viver enquanto for lembrado por alguém, em geral, por seus familiares.

6.1.2 Religiosidade

No Brasil não há tantos espaços na área educacional onde o assunto da morte e do morrer seja habitualmente ou sistematicamente tratado. Vale ressaltar que a temática está muito associada às crenças religiosas, o que faz certo sentido, pois nos espaços religiosos a discussão ou a reflexão sobre a finitude é frequente, independentemente de como seja interpretada. É válido enfatizar que são lugares que permitem a “entrada” da morte num movimento mais próximo. Minha própria experiência no centro espírita corrobora essa ideia, quanto ao fato de discutirmos bastante sobre esse fenômeno. Porém, outras formas de lidar com a morte se dissociam dessas crenças, como percebemos na fala de uma das entrevistadas:

Eu não sei se isso é importante pra tua pesquisa ou não, mas eu vivo numa família que a gente não tem um sistema de crenças sobre a morte, apesar de ter uma base, eh cristã. A gente não tem um sistema sobre a morte, eu particularmente, enquanto indivíduo, não tenho nenhuma crença de pós morte, e justamente essa ausência de crenças, né, uma visão mais niilista da vida, torna muito conectada ao viver e ao sentido dessa dualidade: morte e vida, sabe, assim, é uma certa noção de finitude que torna minha vida mais interessante, então não é um tema, que pra mim é adiado, é um tema que pra mim é muito vivido na minha prática cotidiana. (Juliana)

As crenças a partir do que significa a morte são as mais diversas e podem estar relacionadas com a história de vida de cada ser e com a sua formação. De acordo com o repertório particular, atribuirá à morte um significado. Existem diversos significados, enumera Kovács (2002): “perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também, fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso, alívio” (p. 2).

Qual delas poderia ser a “nossa morte”? A forma como a vemos certamente influenciará a nossa forma de ser. Entrelaçamos vida e morte, durante todo o nosso processo de desenvolvimento vital. Engana-se quem acredita que a morte só é um problema no final da final, e que só então deverá pensar nela. (KOVÁCS, 2002, p. 2)

Percebemos que assim como a morte está enviesada fortemente com a religião, também se entrelaça com a religiosidade e a espiritualidade. Rocha (2019) aborda em seu trabalho tais conceitos, uma vez que investiga o espaço que ocupa a espiritualidade/religiosidade de profissionais de psicologia ao atuarem em cuidados paliativos com pacientes com iminência de morte. A autora aponta que

A espiritualidade pode ser tomada como uma busca do ser humano por um sentido e significado transcendente da vida, que se relaciona ao que pode ser concebido como qualidades do espírito humano, como amor, compaixão, tolerância e noções de responsabilidade e harmonia, que estariam voltadas para si, mas também para o outro (Pessini, 2010), visão que se aproxima de Wilber (2009) quando ele exprime que a espiritualidade pode ser como que uma atitude humana, com a sinceridade, o amor, a compaixão. (Ferreira, Silva & Silva, 2016b)

Murakami & Campos, em consonância com o já pontuado, refere que a diferença entre religião e espiritualidade está justamente no significado mais amplo desta última, ademais, acentua-a como um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, além de um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes, como raiva, culpa e ansiedade. (ROCHA, 2019, p. 104)

Röhr (2013) esclarece que

Não cabe à vida baseada na espiritualidade impor crenças. A espiritualidade é experiência própria ou ela não existe. E quando ela existe, jamais se esgota em palavras e belos pensamentos. Trata-se de um compromisso incondicional consigo mesmo, de sua realização na vida prática, que pode

até contar com recaídas e fragilidades, mas nunca sem sentir a dor profunda da negação de si mesmo e o desejo de superação. (p. 144)

Percebemos na fala de alguns entrevistados que encontram o sentido da morte e do morrer no caminho religioso no qual se identificam. Nesse contexto, a religião assume um papel de extrema importância quando oferece suporte e dispõe de conceitos para a compreensão do fenômeno, auxiliando as pessoas num momento de extremo sofrimento pela dor da perda:

Mas, eh eu digo assim, isso aí pra mim é algo que você, né, tá aqui um (um) e tem dimensões. Eu encaro como dimensões, né, são camadas, né, são que você pode ter que tem vidas diferentes. É um movimento, né, a gente tem que entender o (a) vida como um movimento, a vida e, evidentemente, a morte, isso é um movimento, é uma passagem, é assim que eu vejo. (Beatriz)

Diante das minhas crenças pessoais, como católica, é o encerramento de um ciclo para início de outro. o meu lado apegado às coisas terrenas, tem pena dos vínculos que se perdem. Das ausências, de ser substituída, esquecida. É isso. É uma dualidade. Pronto. (Aurora)

[...] no meu caso, né, numa dimensão religiosa mesmo, de Deus eu vim, e para Deus, eu volto, né. Então, há uma plenitude, né, no gozo da vida. E outras pessoas, bom, vão aí, no sentido (do) da reencarnação, bom, aí tem o nirvana, etc. Que aí, também eu não... respeito, não entro, não, não...respeito, ponto, respeito, né, cada um faz o que quer. Então, eu acho que a morte pra mim ela tem sentido, né, aí entra...pra mim ela tá muito ligada ao sentido religioso, né, o cristão católico, no caso. (Mário)

A experiência da perda pela morte de alguém que era amado, com quem se construiu ao longo da vida um vínculo forte, significativo é, quase sempre, vivenciada com muita dor. Esses laços relacionais quando interrompidos, em geral, trazem grande sofrimento. Os trechos das entrevistas a seguir demonstram esse processo:

[...] foi um choque de todo jeito, né, era...nem eh foi mamãe, mamãe ela faleceu já com idade avançada o ano passado, já tinha 96 anos, mas eu acho que foi minha, ela era tia do meu ex-marido, e tinha uma relação muito grande comigo, né, tanto que a, quando eu soube mesmo sabendo que ela tava doente, mas eu não tava, eu estava aqui na cidade, mas tava em uma loja, eu...quando veio a notícia, mesmo você sabendo que a pessoa, né, tá esperando aquilo, eu fiquei assim, tive que sentar, fiquei com vontade assim, quer dizer foi choque, né, foi choque pra mim, foi difícil, entendeu? Eu acho que foi essa daí que eu passei. (Beatriz)

[...] Um primo de primeiro de grau, um pouco mais velho que eu, a minha vó que morava comigo e um sogro. Foram as (os) eventos mais próximos de mim. Foram todos muito sentidos, né, muito doloridos, eh mas, às vezes, tem aquela questão de (de), eu me impelir a ser forte, para dar suporte a outra pessoa, resguardar um pouco os meus sentimentos pra poder ser apoio pra outra pessoa que tá precisando vivenciar, assim, de forma mais ampla. (Aurora)

Não existe garantia quanto à ordem de morrer, seja ascendente ou descendente, contudo, mesmo quando a morte acontece no que chamamos de “ordem natural”, ou seja, dos mais velhos primeiro, nem assim ocorre o livramento do pesar, do lamento que esse tipo de experiência oferece. O tempo do luto varia de acordo com os recursos internos de cada um, também com o tipo de laço que se tinha com a pessoa falecida.

6.1.3 Pungência da morte

Embora não seja o objetivo de discussão, a pandemia aparece neste capítulo como uma mola propulsora que permitiu que pessoas que não costumavam pensar sobre a morte passassem a refletir a partir desse acontecimento mundial. Praticamente todos os entrevistados mencionaram a vivência da pandemia e os efeitos dela em suas vidas:

Isso. Foi exatamente esse o processo, eu não (não) me detinha muito com esse assunto antes, não. Foi a partir do contexto da pandemia que eu passei a refletir mais. (Aurora)

E nesse período de pandemia, eu perdi muitos (muitos) muitos amigos, gente conhecida, assim, próximas, que cresceram comigo, mas de todos, só um que realmente, era muito próximo, amigo que cresceu comigo na infância. Então, eh foram (foram) um baque muito grande, assustou muito, principalmente por causa da (do) do momento, né, que é uma coisa que tá acontecendo. E pronto. Muitos e muitos colegas que estão (tão) indo, (mor) morrendo, adoecendo. Isso tem assustado, né, assustado bastante. Eu fico muito apreensivo e (e) lido com essa (com essa) coisa, de quando as coisas normalizarem não vamos mais nos encontrar com fulano, com beltrano. Isso é uma coisa que mexe um pouco, mexe sim com a gente, comigo, na verdade. (Joaquim)

Destacamos o medo da morte intensificado a partir da pandemia. Mas o medo da morte e do sofrimento que ela provoca está muito presente nas nossas vidas, não apenas por receio de como será a nossa experiência quando a hora chegar, mas também pelo momento da morte do outro, daqueles seres que amamos, com quem temos uma ligação afetiva. Percebemos nos excertos abaixo a presença desse aspecto:

Eu penso, eh penso no sentido, assim da, (hesitação) da gente se preparar pra isso, não é. Eu tenho dois filhos, é uma coisa que me preocupa muito assim, é (é) a segurança deles. Essa coisa, que coisa... depois de um tempo você fica muito preocupado, deve ser uma coisa muito dolorosa, né. Acho que deve ser uma coisa insuperável a morte de um filho, né. (Pedro)

É, por exemplo, minha vó, uma figura presente na minha infância toda, na minha adolescência, eh morou comigo muitos anos, na minha casa. Então, a minha casa tava impregnada da presença dela, e faz muita falta, é uma (uma) ausência que já agora, já tem mais de 10 anos, eh... (travando conexão - internet) ...lembrança, né (travando conexão - internet), é sofrida, muito doída, por muito tempo. (Aurora)

Eh como eu disse, eu acho que eu nunca pensei na situação, eu acho que só quando acontecer mesmo, a gente tem muito medo disso dentro da (da) do âmbito familiar, né, (da) do convívio. Eh esse período de pandemia eu tô frisando bem, foi o período que a gente mais ficou com medo, tanto de perder a vida como de perder um ente querido, como teve casos que aconteceram de servidores aqui da casa também, entendeu? E eu (nunca) nunca cheguei (a) a essa, esse pensamento de [...] falecimento, de morte, nunca, nunca penso nisso não. (Fábio)

A pesquisa de Alexandre (2018) no campo da Saúde da Criança e do Adolescente, acerca da mortalidade infantil na saúde pública no município de Porto Alegre-RS, objetivou analisar a visão dos profissionais que atuam no processo de investigação da morte infantil no contexto de morte e de morrer. A pesquisadora informa que

Alguns estudos foram realizados a fim de tentar entender como a morte é concebida atualmente como, por exemplo, o estudo Piccelli e Vianna (1998) sobre o perfil do estudante, do médico e do professor de medicina, em um hospital universitário, diante da morte e de pacientes terminais. Participaram desse estudo 81 estudantes do 1º ao 4º semestre (fase pré-clínica), 139 estudantes do 5º ao 12º semestre (fase clínica), 52 médicos (residentes e assistentes) e 54 professores. Os resultados demonstraram que o interesse pelo tema da morte foi de 93% do total da amostra e, desse total, 55% relataram algum grau de dificuldade para tratar do assunto; 52,3% da amostra referiu sentir medo da morte. (p. 24)

Kovács (1992) esclarece que

O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. Apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões. Segundo Feifel e Nagy (1981), nenhum ser humano está livre do medo da morte, e todos os medos que temos estão, de alguma forma, relacionados a ele. (p. 15)

Então, como viver melhor com essas estruturas do medo, do sofrimento que nos tornam humanos, finitos? Como buscar o equilíbrio desse caldeirão de sentimentos e emoções que envolvem a morte e o morrer? Vivenciamos mortes diárias, nosso corpo muda a cada fase, e isso é deixar morrer algo que se transformou, casamentos se acabam e culminam em divórcio, perde-se emprego, perde-se a saúde. Há, portanto, perdas que também ocupam lugar de morte, lugar de dor e de sofrimento são as mortes do nosso cotidiano, as mudanças que a vida nos oferece, a morte de cada dia que jamais volta.

Acreditamos na proposta de uma vida integral, onde vida e morte com todas as inerentes alegrias e dores possam dialogar, onde os questionamentos, as inseguranças, os receios que permeiam essa temática possam encontrar espaços externos e internos de reflexão, de discussão, de amadurecimento e, principalmente, de crescimento como seres humanos.

6.1.4 Integralidade

No livro *A Prática de Vida Integral*, que explica os módulos para viver a vida com atenção à integralidade, encontramos no módulo que trata sobre a mente o seguinte

Crescer e atingir níveis mais elevados de consciência e saúde envolve transcender e incluir quem você era antes. O antigo você se desenvolve e se transforma num *novo* você. O novo você mantém algumas características *duradouras* do antigo você e descarta seus aspectos *transitórios*. De cada ponto de vista mais elevado, o que antes era invisível se torna visível. Você já passou por isso, não é? Hoje, você não é mais a pessoa que era há dez anos e sabe disso. Você pode contemplar o antigo você e descrever as muitas maneiras pelas quais superou o seu eu anterior, assim como as muitas características que restaram. (WILBER et al., 2011, p. 100)

A teoria de Ken Wilber explica os níveis e estados do desenvolvimento nos quais estamos transitando. Cada pessoa encontra-se no seu momento de evolução enquanto indivíduo, e o grau de consciência é o marco que sinaliza e expressa seu nível de amadurecimento. Sua teoria objetiva que o ser busque crescimento nas áreas interna, externa, individual e coletiva, às quais ele divide nos quatro quadrantes e assim, alcance a integralidade. No entanto, é comum que estejamos adiantados em alguns aspectos e aquém em outros. Este é um dos grandes desafios: encontrar o equilíbrio nessa estrutura que nos constitui:

Todos os quatro quadrantes mostram níveis evolutivos. Os quadrantes da esquerda medem o desenvolvimento em termos de profundidade interior, ou consciência. Os quadrantes da direita medem o desenvolvimento em termos de complexidade exterior. No entanto, como os quatro quadrantes “tetraocorrem”, um aumento em consciência interior corresponde, em geral, a um aumento em complexidade exterior. (WILBER et al., 2011, p. 99)

Compreendemos que uma formação humana com foco na integralidade do ser considera as múltiplas áreas de desenvolvimento às quais estamos expostos. Silva (2013) aborda em sua pesquisa uma educação integral com base nos quatro quadrantes do Kosmos e afirma que

A partir de uma perspectiva filosófica, a busca por uma visão verdadeiramente integral da realidade, irá solicitar uma visão de mundo que não é apenas uma mera combinação de tudo que já produzido, muito menos de uma colagem de uma centena de semelhantes ou diferentes abordagens, teorias científicas ou espirituais da humanidade. Acredita-se que tudo dependerá da própria concepção da pessoa, do modo como se observa, da lente que é utilizada para enxergar, do sistema que será utilizado para cruzar as grandes verdades da humanidade, sem esquecer que há várias dimensões que não podem ser desprezadas. (p. 42)

Neste sentido, pensamos a dimensão espiritual como uma alavanca potente de abertura às possibilidades para uma compreensão que transcenda os aspectos grosseiros da

materialidade. O trabalho formal, por exemplo, pode significar apenas o “ganha-pão” de alguém, ou adquirir um sentido maior de contribuição para consigo mesmo e com o outro, encarado como um ato de servir, e nesse movimento perceber-se em crescimento como humano e nas relações construídas a partir disso.

As formas de entender e vivenciar os momentos de perda, de luto são muito particulares e embora haja sentimentos comuns como desespero, tristeza, dor, sofrimento, a intensidade, o período de refazimento, a aceitação, enfim, a organização de si mesmo, no sentido físico, emocional, mental e espiritual está relacionada ao nível de desenvolvimento em que cada um se encontra.

A lente pela qual compreendemos o mundo, os acontecimentos em nossas vidas, os desafios diários, a execução das nossas atividades corriqueiras, desde as mais simples até as mais complexas, quando essas experiências são vivenciadas sob um olhar espiritualizado, convidando a uma atitude coerente e comprometida sob essa perspectiva, o caminhar pela vida tende a se enriquecer de sentido. Contudo, muitas vezes, apenas a partir de um grande abalo na vida, ou seja, quando situações difíceis acontecem, o sujeito tende a encontrar um sentido de vida mais amplo. Karl Jaspers, filósofo alemão que o professor Ferdinand Röhr cita em suas obras, chamava esses acontecimentos de situações-limite.

Karl Jaspers chama a atenção para determinadas situações da vida humana que provocam uma reflexão mais aprofundada sobre o sentido da vida. São as ocorrências que ele chama de situações-limite – como a morte, as doenças, os acasos e catástrofes a que estamos expostos sem proteção garantida, as situações de poder em que nos encontramos envolvidos, sem possibilidade de nos retirarmos – que demonstram a limitação dos sentidos imanentes, a inconsistência de satisfação que, em última instância, fornecem. Concordamos com Hannah Arendt que o nascimento de um ser humano também deve ser considerado uma situação-limite, que pode acender a questão de sentido da vida de forma bastante aguçada. Podemos, portanto, caracterizar a condição humana, sobre esse aspecto, de um lado, como tentativa de se acomodar às condições da vida nas dimensões imanentes, buscando a felicidade e o sentido da vida nelas e, de outro, as experiências, às vezes, bastante dolorosas, dos limites da imanência, da insubstancialidade e temporalidade das suas satisfações, da incapacidade da nossa razão em enfocar um sentido geral e mais profundo. (RÖHR, 2013, p. 42-43)

Sabemos que tudo evolui, estamos mergulhados nessa lei universal. Não apenas a ciência avança, a medicina, a tecnologia, mas também as descobertas diárias que promovem grandes mudanças no nosso modo de vida. A evolução acontece dentro de nós, é sobre isso que estamos falando. O desenvolvimento ético, moral, comportamental é inerente ao homem, porém o despertar é no tempo de cada um. Sendo assim, a dimensão espiritual também carece de desenvolvimento. Röhr (2012) orienta que

O desenvolvimento da espiritualidade, não obstante, pode e necessita incluir práticas, rituais e celebrações, sem, portanto, prescrever uma via única e indispensável para uma vida espiritualizada. Também é comum entre os que buscam realizar-se na espiritualidade, acreditar que a nossa existência não termina com a morte do nosso corpo físico e que o sentido da vida humana transcende a nossa existência na terra. Nesse sentido estão abertos para o estudo de todos os fenômenos que fornecem subsídios para a compreensão dessa realidade. (p. 21)

O professor aborda conceitos importantes quanto à compreensão e à constituição do ser, tais como a liberdade e a intuição:

Não posso garantir a existência da realidade espiritual, a não ser testemunhá-la. Portanto, esse tipo e fé que a espiritualidade desenvolve não é simplesmente tomar por verdadeiro algo que não se sabe e não se pode saber. É mais do que isso, é diferente. Poderíamos falar de uma aquisição ou apropriação existencial de um sentido desses conceitos. Um sentido que caracteriza profundamente esses conceitos. Essa aquisição existencial de sentido não é meramente um ato mental. Envolve a pessoa por inteiro. Exige dela um comprometimento com ela, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a própria postura de vida que a pessoa assume, quer dizer, apropriação existencial de um sentido faz a pessoa agir de acordo com o sentido que adquiriu. Quer dizer, a consonância entre a teoria e a prática é uma característica básica de uma fé baseada na espiritualidade. (RÖHR, 2012, p. 26)

Logo, é preciso considerar que os significados e os sentidos da morte e do morrer estão para cada pessoa revestidos de suas histórias de vida, de suas experiências e do modo como veem o mundo e as situações. Existem aqueles que acreditam na vida após a morte, outros são descrentes de uma continuidade após a morte física. Olhares que se antagonizam, mas que se encontram na dor, nas emoções e nos sentimentos que rondam a temática da morte e do morrer.

6.2 Implicações da morte

Meu amor
O que você faria se só te restasse esse dia?
Se o mundo fosse acabar
Me diz o que você faria
(Ney Matogrosso, trecho da canção “Último dia”)

Nessa categoria abordaremos as implicações da morte de si. Observamos que para uma maior compreensão sobre em que a própria morte pode estar implicada num contexto pessoal, familiar, profissional, social, num cenário de vários elos, de construção de laços e relações ao longo da existência, enfim, para conseguir ter uma visualização de forma mais ampla e profunda requer um mergulho desafiador num processo de reflexão sobre a morte. A

partir desse contato mais frequente pode-se ter uma visão mais consciente e próxima da realidade acerca de com o quê a própria morte está implicada.

Contudo, percebemos que existe certa resistência no tocante à temática da morte e do morrer, esse aspecto foi muito marcante nos resultados analisados. A morte é ainda um assunto interdito que nós, em geral, fugimos dele, como demonstram alguns excertos das entrevistas:

Então, se a gente, a gente parece que não pode pensar, não, é pra vim e não pensar muito nisso (riso). Como se todo dia você tivesse fazendo algo pra preencher. Eita, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tá, tá, tá, tá, tá. São tarefas diárias. Mas aí, parece que é pra impedir. (Beatriz)

Né, então, eh evita, muda o [...] prumo da conversa e do mesmo jeito a morte, tipo o seguinte assim: ai quando eu morrer! Ai cruz credo, fulano. Né, a pessoa já quer...Ai deixa isso pra...não fala isso, e não sei o quê. E já acha que tá, entre aspas (gesticula) agourando. Mas, enfim, não é um assunto que pra nós é rotineiro. Quem sabe se for trabalhado seria, né, melhor. (Luiz)

Por outro lado, sabemos que não conseguiríamos lidar com a realidade da finitude todo o tempo. O que seria realizado caso houvesse a constante percepção de que a qualquer momento a morte pode fazer seu chamado e retirar-nos de nossos projetos? O medo da morte também aparece nessa categoria por ser um sentimento que pode gerar nas pessoas uma direção de afastamento e é o mais comum. O medo de perder os entes queridos, os amigos, o medo da própria morte e do sofrimento. Kovács (2003) afirma que

Negar a morte é uma das formas de não entrar em contato com experiências dolorosas. A grande dádiva da negação e da repressão é permitir que se viva num mundo de fantasia onde há ilusão de imortalidade. Se o medo da morte estivesse constantemente presente não conseguiríamos realizar sonhos e projetos. (p. 23)

O desequilíbrio é uma questão importante a se considerar: entre nunca pensar e pensar num nível em que não consiga dar andamento aos projetos de vida, existe uma distância muito grande e pode dificultar um processo saudável de crescimento interior, de fortalecimento e desenvolvimento de recursos para lidar com a inescapável morte.

Ao fazermos a pergunta: você percebe implicações em sua morte? Qual (is)? Observamos que, de imediato, não era muito compreendida e quase sempre precisou de mais detalhamento, o que nos leva a reforçar a perspectiva de carência no pensar sobre a finitude, sobre ao que ou com quem a própria morte está comprometida. Neste sentido alguns dos entrevistados não perceberam implicação em sua morte:

Não. Não percebo implicações. Ah você diz assim, ou seja, eu vou sair, eu vou deixar alguém, eu vou deixar pessoas, eu vou deixar minhas coisas, eu vou deixar...[...] Não, não tem não, sabe? Eu (eu) consegui, eu acho que até é

processo de vida mesmo, né? São as (as) experiências que a gente tem de vida. (Beatriz)

Não, é como eu disse, eu (nun) nunca cheguei (na) na morte, nunca pensei, né, esse período de pandemia foi que chamou atenção a questão do medo dos familiares e de você mesmo morrer. Mas, eu (nunca) nunca cheguei a essa...eu tô discutindo agora com você, hoje. Mas nunca pensei em morte. (Fábio)

Contudo, sugerindo discussão mais reflexiva acerca de possíveis envolvimento da própria morte, tornaram-se mais esclarecedores em quais dimensões essas implicações podem se dar, conforme apontam alguns trechos das entrevistas:

Então, respondendo tua pergunta mais objetivamente, tem essa perspectiva de em eu morrendo agora, digamos, você deixar essa lacuna da figura materna pra duas crianças pequenas e gerar um trauma, eh, embora a gente converse sobre isso, eu não sei como meu companheiro ia lidar porque eu acho que seria uma perda muito sentida. Então, eu acredito que haveria essa desestruturação do núcleo familiar mais imediato e espero que isso seja compensado, de alguma forma, com o suporte da família mais estendida, né, tios, tias que as crianças têm, até os meus pais e os pais do meu companheiro, se conseguirem lidar bem com isso. E do ponto de visto prático, de manutenção, eh desse núcleo familiar que fica, eu não vejo muito problema e muita pendência, né. Eh como servidora, eu acredito que a gente tem direito a uma pensão para os meninos até determinado tempo, isso é um dos benefícios né, do nosso status laboral, e as outras coisas elas tão resolvidas, digamos assim, né, eu tenho uma previdência privada também que tem um seguro de vida. Então, eles teriam um provimento material pra continuar. O que ia mudar, eh de ordem prática é que hoje o plano de saúde dos meninos tá atrelado a mim ia ter que ter a burocracia de atrelar ao pai, mas isso é absolutamente inevitável, né. (Juliana).

Eh eu acho que, no momento atual, seria uma coisa mais impactante pra minha esposa, pra minha (pra minha) mãe. Porque mãe, principalmente, porque tem aquela questão (do) da ordem inversa, né, isso seria uma coisa muito, muito pesada pra ela. (Joaquim)

Ah (lógi) Acho que vai, acho que vai impactar tudo, né, e eu gostaria já de tomar já algumas atitudes, né, de... eh formais, né, de (de) sei lá, de (hesitação) coisas de imóveis e tudo, né, dessas coisas, assim, (sons incompreensíveis) coisas mais burocráticas, você tem que resolver. Eu já fico pensando nisso, também. Mas acho que vai ser muito doloroso, mas a vida continua, né, vai passar, né. (Pedro)

Olhe, uma coisa eu tenho certeza que eu queria viver muito (riso). Eu sempre digo isso, eu quero viver muito e com saúde. Ter oportunidade de fazer muita coisa porque eu tenho muito gosto pela vida. E chegar a morte necessariamente implicaria em vários planos que eh eu tenho e efetivamente não seriam cumpridos. [...]Então, por exemplo, a minha mãe...hã eu diria hoje que eu tenho uma pessoa bem dependente de mim, a minha mãe: eu pago conta, eu faço feira, entende? Então, mas aí vem um acontecimento como esse, que aí eu tenho que tá parado, e aí, você vê que você mesmo pra esta pessoa que você imagina que era muito dependente ela vai seguir a sua vida (de) dando jeito, né. (Luiz)

Impli...é (é) ah se eu morresse hoje o que é...olha, é aquela coisa ninguém é insubstituível, né. Do ponto de vista do trabalho, as coisas se reorganizam. Do ponto de vista em termos de patrimônio, né, do ponto de vista material, é que seja dado aos herdeiros, no caso, né. De que (de que) ... o que lhe cabe de fato. Então, é nesse sentido, não sei se respondi pra você, porque no que implicaria hoje. É, trabalho, em termos de eh, eh, pessoas que dependem de mim, bom, eu não sou casado, né, efetivamente, mas tenho sobrinhos que efetivamente quando tenho, tenho dar um apoio moral e um pouco financeiro também. Então é, então é isso, eu acho que as coisas vão... se reorganizam, né, não tem muito isso. (Mário)

Percebemos que as dimensões emocional e material são as mais implicadas, na visão dos entrevistados. Enxergam no âmbito da materialidade que a própria morte traria alguns comprometimentos financeiros para alguns familiares, além de questões relacionadas à dependência quanto a tarefas do cotidiano. Relatam que o aspecto emocional de seus entes seria expressivamente afetado. Contudo, alguns reconhecem que não são insubstituíveis, que a sua morte traria, por um período, certo desajuste e necessidade de reorganização, mas que em todas as situações as pessoas de sua convivência, em todas as áreas, encontrariam uma nova maneira de funcionar.

[...] E mais recentemente, dentro da psicologia humanista, a partir da psicologia transpessoal, nós temos nos dado conta de que as dimensões humanas precisam incluir a dimensão espiritual. Não necessariamente uma dimensão religiosa, vejam bem, ou partidária, mas uma explicação para o ser humano, a que ele veio: o que está fazendo aqui neste Universo? Quer dizer, uma necessidade de se perceber pertencente a algo mais amplo do que simples cotidiano. (p. 76)

Concordamos com Rosenberg (1992) que a espiritualidade possibilita uma visão larga sobre os assuntos da vida e da morte. Ela reconhece que na psicologia a preocupação com a saúde psicológica apenas restringe o ser a partes, e que a linha da transpessoalidade contribui para a inserção da dimensão espiritual.

6.3 Enfrentamentos da morte

E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida.

(Milton Nascimento, trecho da canção “Encontros e despedidas”)

Nessa categoria trataremos sobre estratégias de enfrentamento da morte. O fenômeno da morte tem potência e ressoa na vida das pessoas abrindo possibilidades de mudança de rotina, de comportamento, de percepção, de crescimento pessoal, independentemente de como é compreendida. A sua majestosa essência de irreversibilidade, de universalidade atinge a

todos indistintamente, preservadas as diferenças nas condições internas e externas que cada um desenvolveu ao longo da vida para a lida com esse fato.

A literatura aponta etapas dolorosas até culminar na aceitação da morte. Atravessar essas fases é sofrido, porém importante para a elaboração do processo de perda. Kübler-Ross (1998, p. 180) lembra esses estágios:

[...] Então, vi nitidamente como todos os meus pacientes terminais – na verdade, todas as pessoas que sofrem uma perda – passavam por estágios semelhantes. O primeiro era o choque e a negação, depois vinham a raiva e o rancor e finalmente a mágoa e a dor. Mais tarde, negociavam com Deus. Depois, ficavam deprimidos, perguntando: “Por que eu?” E, por fim, retraíam-se por algum tempo, afastando-se dos outros enquanto buscavam alcançar um estado de paz e aceitação (não de resignação, que ocorre quando não têm com quem partilhar as lágrimas e a raiva).

Observamos a construção de um cenário novo, em geral à custa de processos dolorosos em dimensões declaradamente atingidas, como a emocional, a mental e a física. Essa “desarrumação” provocada pela morte nos ambientes familiares, profissionais e sociais exige do indivíduo que está vivenciando o processo da morte do outro uma busca de sentido de vida, uma necessidade de superar a dor promovendo um enfrentamento em que é possível que sejam descobertas e/ou adotadas como novas práticas no viver.

Perguntamos aos nossos entrevistados sobre se desenvolveram alguma estratégia de enfrentamento da morte ao longo da vida e, para muitos, a religião é um caminho de fortalecimento para superar o momento de dor, de perda, um suporte. Mais um elo que a morte tem neste estudo com a religião:

[...] eu assumi esse hábito antes de dormir de ler, qualquer página, né, do livro do Evangelho Segundo o Espiritismo, por exemplo, me faz bem, entende? Eu abro uma página e leio. Quer dizer, é como se você tivesse... não é se preparando (riso) é também um pouco disso. Mas é como fizesse refletir, pronto. Leva a você refletir sobre as suas posturas, né, diante das coisas, do dia que você passou, e é como a gente diz, viva o dia como se fosse o último dia de sua vida, né. (Beatriz)

Pronto... O que eu disse é que a finitude, ela é apenas física, de que essas pessoas que eu perdi, elas estão no céu com DEUS, junto com os santos e anjos e que, em breve, todos nós estaremos juntos. É uma estratégia que vem, né, espirituali... (travando a conexão - internet) dogmas cristãos e que conforta atravessar esses momentos. (Aurora)

Então, é um... eh dentro de um ciclo, de que aí entra (entra) numa dimensão reli..., no meu caso, né, numa dimensão religiosa mesmo, de Deus eu vim, e para Deus, eu volto, né. Então, há uma plenitude, né, no gozo da vida. (Mário)

Porém, o enfrentamento também se dá por outras vias sem aproximação com a religião, encontrando maneiras de conviver com a falta, com a ausência, com a saudade

trazidas pela morte. Vão desenhando para uns e outros dinâmicas de dar continuidade à vida a partir da partida:

Eu acho que tem que tá tudo bem resolvido na cabeça da gente, no coração da gente, sabe, então eu não guardo vida, eu modulo vida, porque eu também não quero e aí dentro das experiências que eu tive, de ser como meu tio, aquela pessoa que vive demais, vive rápido demais e se queima muito cedo, né, queima a chama muito cedo, sabe. [...] Eu espero, me preparo, trabalho, tô cheia de exame pra fazer, tô com médico marcado porque meu plano é viver muito, mas o momento é agora, então, é (é) ter uma vida saudável, ter uma vida feliz, ter uma vida...eu sou uma pessoa muito família, então, próxima das minhas pessoas queridas, eh, porque é agora, né. Eu acho que lidar com a morte me dá esse senso de valorar a vida. Do ponto de vista prático, é deixar as coisas mais ou menos resolvidas, tá. (Juliana)

Estratégia eh eh (riso) eu acho que pensar nela, pensar nela. Pensar que pode acontecer e saber que vai acontecer quer eu queira ou não, onde eu quer que esteja ou não, né. Posso tá achando que eu tô correndo um risco muito grande em tá pulando de paraquedas e posso morrer deitado na cama assistindo TV. Então, eu acho que a gente tem que pensar que pode acontecer e não ter paranoias ou achar que não vale a pena pensar ou (eu) eu não sou muito dessa coisa de atrair bons fluidos, maus fluidos, eu não sou disso, né, eu (eu) acho que se eu falar de morte, não é porque eu vou morrer nem vou matar ninguém, da mesma forma que se eu for falar em dinheiro, não vou ficar rico, não. Então (então), eu não tenho...eu acho que a minha estratégia é essa, é encarar a morte como (como) como realidade. (Joaquim)

Não pensar sobre a morte é escolha, modo de vida. Nesse caso, gera como consequência não ter desenvolvido nenhuma estratégia de enfrentamento da morte e fazer a opção de encontrar a cada experiência uma maneira de conviver, de resolver sem prévia reflexão ou preparação.

Não. Acho que não. Eu realmente tentei levar...ver que a gente tem que fazer as coisas que realmente deseja na vida, se dedicar a fazer aquilo que gosta, eh, porque a vida é muito curta, isso é uma coisa que eu a...que eu vi logo, né, passa muito rápido e você tem que realmente tentar ser feliz e fazer aquilo que você gosta, né, tentar se realizar naquilo que você gosta e tentar fazer, eh, viajar essas coisas que eu gosto muito, né. E de ler muito, tentar aproveitar ao máximo esse tempo, né. (Pedro)

[...] Fui tentar ver os sentidos disso, tirar as lições disso. Guardar as minhas memórias, mas não é uma estratégia que eu tenha calculado, pensado: vou adotar essa estratégia que vai me fazer bem. Não, não foi nada disso. E eu acho que cada vez vai ser tão singular que nem sei se tem sentido a gente pensar uma estratégia específica pra esse tipo de situação, entendeu? (Fátima)

Não. Não tinha, antes da pandemia eu nem pensava nisso era viver e pronto. (Fábio)

A pressa de viver, pois a “ampulheta da vida tá virada” e não se sabe quando o último grão irá descer, dentre outras inquietações, provoca a de buscar viver com mais presença,

intensidade, anseio por fazer o que dá prazer. Visões de mundo, visões de vida, visões de morte recheadas de descobertas quanto ao que verdadeiramente importa, à base de escolhas que são feitas ao longo da existência, das experiências do dia a dia. Escolher requer coragem, pois toda escolha leva a um caminho que ainda não se sabe o desfecho, mas são essas escolhas que dão forma à existência.

É. Eu acho que tudo (tudo) acho que há um (há um) desapego, também. Você (come) se desapega muito, que eu nunca fui também muito apegado, né, mas o pouco apego que eu tinha, perdi, a bens materiais, né, que isso hum...É muito se concentrar naquilo que é essencial, né. E pra mim, é estar com a família, eh, com os amigos, né, aproveitar esses momentos também, as viagens, não é. Eh, e (e) o trabalho também, eu gosto muito do que eu faço. Então, de ler muito, de escrever, isso, eu acho que tem que aproveitar pra isso, né. (Pedro)

Kübler-Ross (2011) alerta que

Ao longo da vida surgem pistas que nos indicam para que direção devemos seguir. Se não damos atenção a essas pistas, fazemos opções erradas e acabamos levando uma vida infeliz. Se ficamos atentos, aprendemos nossas lições e temos uma vida plena e boa, assim como uma boa morte. (p. 22)

Sendo a morte parte da vida, o autocuidado multidimensional torna possível uma boa vida e, conseqüentemente, uma boa morte. Não temos controle sobre as doenças que poderão nos acometer ou de que forma será nossa morte, se será com ou sem sofrimento, rápida ou lenta. Mas podemos nos dispor a considerar a relevância do bem viver por meio de práticas que atendam às necessidades dessas dimensões.

A boa vida e a boa morte possivelmente dependem de muitas dessas atitudes que sabemos não serem fáceis de implementação em nosso viver, devido ao esforço ininterrupto de vencermos os bloqueios, os limites, os muros que vamos construindo dia a dia, por exemplo, nas nossas relações. Parece ser bem importante que a relação que se tinha com o morto tenha sido boa, bem resolvida, respeitosa. Isso traz sossego, alívio, sentimento de dever cumprido:

Então, se tinha uma implicação de que era alguma coisa que ela pudesse ir embora e deixar aqui uma mágoa, isso daí não (não) a gente conseguiu dissolver, aí foi pra mim um alívio, entende? [...]Então, é nesse sentido que eu encaminho, né, as coisas, ler coisas que fazem, façam você pensar na (nos que) no como você vem, como você lida com as pessoas, o que você tem eh realizado, né, até que ponto tem algumas pessoas que você procura, né, se afastar, ou pelo menos, saber delas, dar (no) saber notícias delas isso é importante também, é desse jeito. (Beatriz)

[...] Porque eu não sei o quanto a gente vai durar, e eu não quero que a última experiência do meu filho comigo, seja uma experiência de não absoluto. A gente (pon) pondera, né, digamos. Quem sofre perdas de pais na

infância leva a vida pra processar isso. Mas quando processar eu quero que diga, não, poxa era legal tá com a minha mãe. (Juliana)

Sim. Eu acho que sim. Eu acho que é evoluir com ser humano, eh entender também a dor do outro, ter empatia pelos sentimentos e percepções, pelos sofrimentos dos outros porque eh enquanto a gente tá por aqui a gente tem que saber lidar com isso, né. (Luiz)

Encarar a morte como parte da vida é tentar encontrar uma forma de organização interna para lidar com as fases de dor e de luto que acompanham o processo da morte. Encontramos, nesse contexto, a espiritualidade, a religiosidade, as ações diante da morte, a relação com o outro. As relações ganham mais sentido e mais consciência quando pensadas a partir da finitude, como diz na canção “a hora do encontro é também despedida”:

Mas aqui em casa, por exemplo, eh eu tento seguir aquelas regras máximas de evitar, né, eh não manter muito tempo uma discussão, uma (uma) questão de [...] de briga, deixar de ficar com [...] a cara fechada, não deixar de falar por um tempo, isso aí eu evito, evito. Eu hoje eu [...] penso muito nisso de nunca (nunca) vou dormir com (com) a mágoa com a minha esposa ou chateado com ela, sempre vou lá falo com ela, mesmo que eu ainda esteja um pouco aborrecido, mas eu sempre, como se fosse uma despedida, sempre me despeço, dou (dou) essa atenção pra evitar que ó (estala os dedos) foi-se embora e a gente tinha brigado, a gente tinha (riso) essas coisas, né. Isso aí eu (eu) costumo fazer, né, pelo menos, com a minha esposa isso é (é) bem normal. (Joaquim)

A pesquisadora Kübler-Ross dedicou sua vida aos estudos com pacientes terminais. Ouvia essas pessoas que conviviam com a morte iminente. Abriu espaço de fala para esses seres que viviam a angústia dos limites da medicina e colaboravam com suas profundas experiências de vida. Ela nos diz que

Os grandes avanços da medicina haviam convencido as pessoas de que a vida deveria ser indolor. Como a morte estava associada à dor, o assunto era evitado. Os adultos raramente faziam referência a qualquer coisa que estivesse relacionada com a morte. As crianças eram despachadas para outros cômodos da casa quando o assunto era inevitável na conversa. Mas fatos são fatos. A morte é parte da vida, a parte mais importante da vida. Médicos brilhantes que sabiam como prolongar a vida não compreendiam que a morte era parte dessa mesma vida. Quando não se tem uma boa vida, estando aí incluídos todos os momentos finais, não se pode ter uma boa morte. (1998, p. 154)

Como ter uma boa morte? Um esforço contínuo consigo mesmo para tentar manter em equilíbrio todos os aspectos que constituem o humano. Estar aberto aos anseios de cada dimensão e seguir na direção que melhor favoreça e promova saúde por meio de escolhas, renúncias feitas ao longo da existência, ou seja, um modo de vida. Como aponta o excerto a seguir:

Eu acho que nesse sentido eu acho que vou em busca disso, né, de tá vivendo bem, né, fisicamente. E mentalmente, eh eh aos estresses do dia a dia. Como esse momento que tá se vivendo, né, que realmente é um estresse, liga o computador e o tempo todo tem uma mensagem, tem reunião, tem uma coisa, tem outra e aí, você vez por outra vai e cuida da saúde mental, né, que aí, é vai andar, caminhar, paquerar ou sei lá ficar ao relento, esse tipo de coisa assim. Viajar é uma coisa muito boa, mas em tempos de crise não se pode, aí a própria pandemia também limita, né, limita muita coisa. (Mário)

Estamos todos sujeitos às intempéries da vida, fazem parte da nossa condição humana, finita. Não temos nenhum controle sobre nada e estamos submetidos a vulnerabilidades, como por exemplo, o adoecimento. Tememos a doença, a terminalidade que provém de um diagnóstico irreversível. Dentre os entrevistados, alguns trouxeram nas suas falas a preocupação com essa possibilidade real, demonstrando um desejo do não sofrimento.

Sim. Espero morrer bem (risos). Não sofrer, não sofrer. (Mário)

Eu tento eh me familiarizar com o inevitável, né. Eu acho que é isso que eu me preparo. Eu vivo preparada até pra minha mesma, só espero que não seja sofrida, né, assim na parte carnal, mas que eu esteja consciente e sabendo que eu tô fazendo essa minha viagem. (Helena)

Muitos de nós recorremos ao suporte da religião para a lida com o sofrimento. Na doutrina espírita, obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, encontramos no capítulo *O Cristo Consolador* o seguinte:

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de seres amados, encontram consolação em a fé do futuro, em a confiança na Justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que Eu vos aliviarei”. (KARDEC, 1944, p. 103)

Acreditamos que é processual a maneira como encaramos os fatos da vida e da morte. Ou seja, estamos falando de crescimento interior, também de um desenvolvimento espiritual. Somos seres com muita complexidade, no sentido de sermos multidimensionais, de nossa evolução não se dar por igual em todas as áreas que nos formam. Wilber (1997) discute sobre se existem ou não estágios de desenvolvimento espiritual, se esse desenvolvimento está relacionado ao desenvolvimento psicológico, e afirma que

Minha visão geral de “estágios” é exatamente como Rothberg resumiu: “O desenvolvimento, de algum modo, não avança de maneira simples, através de uma série de uns poucos estágios completos que unificam todos os aspectos do crescimento [...] As [diferentes] linhas de desenvolvimento podem, às vezes, estar em tensão umas com as outras, e algumas delas não mostram nenhuma evidência de estágios coerentes, como Wilber acredita [...] Poderia haver um alto nível de desenvolvimento cognitivo, um nível interpessoal ou moral médio e um nível emocional baixo. Essas disparidades

de desenvolvimento parecem ser especialmente condicionadas pelos valores e estilos culturais em geral”. (p. 182)

A psicologia é uma ferramenta de ajuda importante no enfrentamento da morte. Como já dito, é uma das áreas que mais investigam a morte, logo tem uma construção valiosa na condução do processo. Reconhecer e buscar se organizar mentalmente, emocionalmente, é de indiscutível importância. No excerto abaixo identificamos essa forma de buscar ajuda para lidar com a dor:

Se a gente precisar de ajuda, como já me aconteceu, eu precisar de uma ajuda eh psicológica e tal, pra enfrentar umas mortes mais difíceis que eu enfrentei na minha vida. Fui pra terapia. Pra mim o lugar de resolver isso é lá. (Fátima)

Para Rosenberg (1992), o indivíduo pode buscar e encontrar na espiritualidade respostas para questionamentos existenciais e assim, lidar melhor com a morte:

Quanto mais satisfatória for a resposta que o indivíduo tem a essa busca espiritual que ele vai desenvolvendo, mais tranquilamente ele enfrenta a morte. Nós sabemos, evidentemente, que quem acredita numa vida depois da morte, aceita essa morte mais facilmente, mas que também não é necessariamente esta a saída. Não é verdade que todas as pessoas que acreditam numa vida após a morte, aceitam a morte facilmente, embora também tendam a aceitar mais facilmente. Também não é verdade que só as pessoas que acreditam numa vida após a morte, aceitem bem o fenômeno da morte. (ROSENBERG, 1992, p. 76)

As atitudes diante da própria morte ou da morte do outro refletem a história de vida, as crenças, num contexto cultural e social. Essa realidade se fez presente na fala de alguns de nossos entrevistados, num movimento de cuidado com aquele que morreu, mas também para atender necessidades dos vivos em decorrência da morte do outro:

[...] Eu, inclusive, assim, eu convivo com as diferentes abordagens da morte, entendeu? Não (não) tenho, eh, uma [...] preocupação especial com isso, como eu lhe disse, mas assim, uma pessoa que eh no caso do meu pai, meu pai não era um (um) um religioso praticante, minha mãe era declaradamente católica, né? Fazia, mandava celebrar missas, ia pra missa. Meu pai, não. Agora, meu pai era (era) um admirador de Cristo, então, eh nas duas situações, por conta disso, a gente mandou celebrar uma missa de Sétimo dia, né? Eh porque outras pessoas quiseram, outras pessoas se sentiriam mais confortadas com isso, entendeu? (Fátima)

Aí, por exemplo, eu vivenciei coisas da minha vó como vestir a roupa da minha vó eh falecida, preparar pra o [...] sepultamento, né pra saída do hospital, pra ir pro...são (são) que eu (que eu) tive que (travando a conexão - internet)...não podiam fazer aquilo...Eu tive que vivenciar porque outras pessoas não podiam fazer. (Aurora)

Os ritos que envolvem a morte comunicam influências de tempos remotos, marcam a história da humanidade. Kovács (1992) afirma que

Segundo Morin (1970), é nas atitudes e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental. A sociedade funciona apesar da morte, contra ela, mas só existe enquanto organizada pela morte, com a morte e na morte. Para a espécie humana, a morte está presente durante a vida toda e se faz acompanhar de ritos. Desde o homem de Neanderthal são dadas sepulturas aos mortos. A morte faz parte do cotidiano, é concreta e fundamental. Qualquer grupo, mesmo os mais primitivos, não abandonam os seus mortos. A crença na imortalidade sempre acompanhou o homem. (p. 29)

Afinal, “a morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte conectada ao outro pelos vínculos estabelecidos” (KOVÁCS, 1992, p. 153). A pesquisadora traça essa linha de compreensão quando aborda a perda, o luto, a separação. Pois, o rompimento irreversível de laços que tínhamos com alguém que nos é caro, por quem temos grande estima, é fonte de dor e de muito sofrimento.

Kübler-Ross (1998) afirma que

[...] Não há nada garantido na vida, a não ser a certeza de que todos temos de enfrentar dificuldades. É assim que aprendemos. Alguns enfrentam dificuldades desde o momento em que nascem. De todas as pessoas, essas são as mais especiais, as que exigem solicitude, maior compaixão e as que nos lembram que o amor é a única finalidade da vida. (p. 179)

Ao fazermos a pergunta em nossa entrevista: “Qual(is) estratégia(s) de enfrentamento você desenvolveu para lidar com a morte e o morrer?”, podemos afirmar que encontramos em nossos achados algumas maneiras de elaboração desse processo com base nas crenças religiosas, bem como, convicção de que não seja possível encontrar um caminho de enfrentamento. Contudo, insistimos que se todas as fases da vida são previamente pensadas, estratégias para mais equilíbrio na fase infantil, nos objetivos da fase adulta, qualidade de vida na fase da velhice, por que não estruturarmos em nosso viver formas de lidar com a inevitabilidade da morte? Essa elaboração deve ser construída a fim de promover mais aprofundamento sobre essas atitudes, mais consciência nas escolhas no caminho da vida, aprendendo a separar aquilo que é verdadeiramente importante do que não é.

Dessa forma, ampliamos nosso olhar sobre nós e o outro, sobre os fatos da vida e da morte, pois somos passíveis de aprendizado sob quaisquer circunstâncias. Nossas escolhas, portanto, permearão a riqueza ou a escassez dessas possibilidades. Sentimentos, tais como, amor e compaixão serão luzes em nosso caminhar num contexto de crescimento de aceitação daquilo que não temos como controlar, mas que temos como vivenciar de maneira mais equilibrada e saudável.

6.4 O humano em constante processo de formação

A vida que me ensinaram como uma vida normal
 Tinha trabalho, dinheiro, família, filhos e tal
 Era tudo tão perfeito se tudo fosse só isso
 Mas isso é menos do que tudo,
 É menos do que eu preciso
 (Kid Abelha, trecho da canção “Educação Sentimental II”)

Pensar sobre a morte de si e vivenciar a morte do outro apresenta sabores e dissabores perante a vida. Os sabores podem ser vividos a partir de uma melhor relação com o outro, com o mundo, e da qualidade que essas relações alcançam, a partir da perspectiva da impermanência. Podem ser desfrutados num maior contato consigo, num processo de autoconstrução, de amadurecimento e de transformação interior. Os dissabores da vida fazem parte desse banquete vivencial, suscitando questionamentos na perda de um ente querido sobre, por exemplo, se conseguiu ser o melhor com ele(a) ou se fez tudo o que poderia fazer pelo ser amado. É um período muito delicado, podendo confluir para sentimento de culpa, de arrependimento.

Não apenas o passado, mas também o futuro é afetado por pensamentos sobre a finitude, podendo provocar insegurança, medo e dúvida sobre o porvir do que está sendo sonhado, planejado e desejado. De tudo isso é possível extrair aprendizado:

Então, eu acho que é exatamente isso que eu te falei, o meu aprendizado afetivo é que a vida, ela tem que ser vivida hoje, sabe, assim, não tem outro tempo, né, a gente é feito das nossas memórias, a gente é feito dos nossos sonhos e projeções de futuro, mas a vida é hoje. (Juliana)

Eh sim, eu acho que isso me dá eh condições de fazer as coisas sem medo. Eu consigo eh pensar dessa forma que pode acontecer ou não, vou tomar os cuidados pra seguir as coisas que eu tenho interesse em fazer, as coisas que eu penso em fazer, os programas que eu faço. Então, eu (eu) o meu primeiro aprendizado que eu tiro é esse, que eu faço das coisas sem ficar com essa preocupação de ter medo de que pode dar errado e eu morrer. Claro que ninguém vai tá brincando de roleta russa, né, mas eh eu sigo a vida, fazendo minhas coisas sem ficar preocupado com (com) o que pode acontecer comigo amanhã, depois de amanhã. É isso. (Joaquim)

Quando conseguimos ser bons aprendizes em muitos aspectos da vida, para não dizer em todos, poderemos retirar lições que nos fazem crescer como pessoas, como humanos. Quando aprendemos sobre algo dessa magnitude como a morte e o morrer, não conseguimos nos manter sendo os mesmos. Algo nos atravessa, deixa uma marca. Podemos ser acumuladores de aprendizados e promovermos potentes transformações pessoais. Kübler-Ross (1998) afirma que

Mais tarde, alguém iria me perguntar o que tinha aprendido com todos aqueles pacientes terminais a respeito da morte. Primeiro, pensei em dar uma

explicação precisa do ponto de vista clínico, mas isso não seria coerente comigo. Meus pacientes terminais ensinaram-se muito mais do que simplesmente o que é estar morrendo. Partilharam comigo lições sobre o que poderiam ter feito, o que deveriam ter feito e o que não tinham feito até já ser tarde para fazer, quando já estavam doentes ou fracos demais, quando já eram viúvos ou viúvas. Refletiram sobre suas vidas e seu passado e ensinaram-me todas as coisas que têm verdadeiro significado, não para a morte, mas sim para a vida. (p. 183)

Uma formação humana onde a dimensão espiritual faça parte desse processo de estruturação do humano é o que preconiza a teoria de Röhr. Acrescentamos a essa concepção de integralidade que possam ser abordadas temáticas que façam parte da vida, como é o caso do tema da morte e do morrer, de maneira transversal, multidisciplinar ou interdisciplinar, contribuindo para o aprendizado e a humanização do indivíduo e conseqüentemente a evolução do ser. Para Wilber (2008), nossa evolução se dá “[...] quando um nível mais alto transcende e inclui um nível mais baixo, ocorre uma emergência qualitativa, o que significa que alguma coisa nova, que não estava ali antes, passa a existir. Essa “alguma coisa nova” representa um nível evolutivo” (p. 98).

Perguntamos aos nossos entrevistados “o que você pensa sobre uma disciplina que aborde a temática da morte nas escolas, no processo formativo do ser?”, boa parte dos colaboradores acreditam ser importante, como veremos nos excertos a seguir:

Então, pra saber assim, uma disciplina que se, eu acho que é, a Educação deve envolver isso, sabe, deve haver essa discussão. Agora, eu acho que, por exemplo, nós temos assim culturas como o México, né, que eu já, não morei no México, mas eu tive muitos contatos, ainda tenho, e já fui várias vezes. Eles celebram o Dia dos Mortos lá. Pra ele a morte, pra eles, a morte é por causa de todas as civilizações, é uma civilização antiquíssima. E também no Oriente, né, isso é um trabalho que já vem sendo feito, eu acho que eu não sei a idade mas com a criança, se isso é discutido na família. Se isso é celebrado, né, é porque isso já faz parte, né, da criança quando ela começa a ter noção mesmo das coisas que estão sendo discutidas em casa, né. A educação a partir da casa e que a escola deve acompanhar isso. (Beatriz)

Então, eu acho que falta uma disciplina pra educação infantil e pros outros eh, etapas do ensino sobre o viver, entendeu? Sobre essa organicidade do viver que eh, termina na morte, né. [...]Mas eu acho que a perda, de um modo geral, e o luto deve começar na educação infantil. Não muito no sentido de morte, né, nomeando morte, mas tratando a perda e o luto na vida da criança. (Juliana)

Eu acho que é (é) interessante, assim, como um tema transversal, eu não (eu não) imagino uma disciplina que trata só disso, mas tratando disso como um tema transversal, eu acho de extrema importância, né, a gente imagina dependendo da idade que a criança já teve, a criança e o adolescente já teve contato com a temática dentro de casa, mas eh cada família tem a sua abordagem, né, as suas crenças, e talvez, uma perspectiva mais geral, da escola, uma perspectiva mais profissional, né, ajude na compreensão desse momento. (Aurora)

Que o avô vai, que os pais vão. Então, é muito importante que as crianças tenham contato com isso, e entenda que olha: a vida tem um fim. Então, eu acho que desde criança, né, não (não) eu não consigo precisar assim com que idade porque também depende daquela questão da (da) consciência da criança quando é que ela vai ter a capacidade de entender, mas eu acho que desde (desde) a infância, já é um (já é um) momento adequado pra tá tratar sobre isso. (Joaquim)

Em seguida perguntamos “em qual momento da vida seria ideal para começar a estudar/refletir sobre a morte e o morrer?” e os achados demonstraram que pode ser na infância ou na fase adulta, mas de uma forma ou de outra é possível e até recomendado que seja introduzido na formação do ser essa temática, como veremos abaixo:

Eu acho que é pouco usual, mas necessária, né, como a gente sabe que todas as etapas da vida elas são encaradas de uma forma tranquila, como a gente sabe que a morte no...é inevitável (riso), né, eh e nós que somos ocidentais vemos de uma forma muito mais eh penosa, eu acredito, né, é a sensação que eu tenho. Então, por que não eh preparar, ter (ter) um pouco mais de informações pra que a gente possa encarar com um pouco mais de naturalidade, mesmo sabendo que pra nós é um pouquinho mais difícil. (Luiz)

Desde quando nascer. Isso é um problema muito sério dos tempos modernos. Sempre foi, eu acho, né. Mas eu acho que desde sempre tem que ser abordada. Só que hoje é um pouco mais grave ainda, as pessoas que...eh criança não vai à enterro, né, velório, difícil. Pelo menos, assim dos que eu tenho visto aí. Eu quando era criança eu fui (a) alguns velórios que eu lembro assim de memória. Mas hoje em dia se evita (i) bom, se procura evitar isso, né, mas é uma bobagem isso. Faz parte do rito. (Mário)

Olha, eu acho que depois dos 50 anos, né, quando você começa a fazer um balanço, né, do que teve pra trás, do que é que vai, do que..., do tempo lhe resta de vida e tudo, né. Então, eu acho que o momento, eh, é a partir dos 50 anos. Eu nunca parei pra refletir sobre isso, mas o que eu leio assim, muito, gosto muito de Literatura, de romance e tudo. Então, alguns escritores, eh, me chama muita atenção quando eles trabalharam essas questões, né, mas eu vejo como uma coisa um pouco distante ainda, né. (Pedro)

Eu acho que a partir dos 19 anos, eu acho que (o) o adolescente, né, ele já tá com uma formação certa pra pensar nisso. Porque chega uma época (de) dos 19 anos aos 30 anos, que (o) o adolescente, o jovem ele passa a fazer coisas que ele não pensa na vida, eu acho que é essa situação. E eu acho que a partir dos 19 anos eu acho que essa discussão seria certa, né, correta. (Fábio)

Por que a Educação não consegue efetivar essa proposta, não apenas de introdução da temática da morte, mas também da espiritualidade, da integralidade do ser? Primeiro, sabemos que não há unanimidade de pensamento nesse sentido. Obviamente, existem correntes diferentes de compreensão. Depois, a Educação esteve e continua a serviço de outros

propósitos, de outra lógica, como por exemplo, o mercado de trabalho. Percebemos certa preocupação de Röhr quanto ao que a educação tem servido, e diz

Como já afirmamos no início, a Educação torna-se serva de todos: de modelos econômicos, de partidarismo político, de disputas religiosas, filosóficas, ideológicas, de gênero e étnicas. Perde-se, nessa disputa, a perspectiva de tentar pensar a Educação a partir dela mesma. Parece uma tarefa impossível diante do enredo dos múltiplos aspectos em que está envolvida. (2013, p. 152-153)

Defendemos a ideia de que a temática da morte e do morrer possa fazer parte da formação das pessoas. Que sejam criadas mais possibilidades, especificamente no campo da educação, alargando para além das áreas de saúde. E por que não desde a infância, nos espaços formativos, introduzindo mais diálogo e aprendizado sobre o fenômeno? Afinal,

[...] toda criança já vivenciou algum processo de perda. Cortar o cabelo, as unhas, ver que aquela roupa e aquele sapato não servem mais, tomar a flor do jardim que murchou são apenas algumas das perdas cotidianas por elas sentidas e vivenciadas. No entanto, outras perdas, como a do brinquedo quebrado, do animal de estimação perdido, do amigo que muda de escola, de cidade e, considerando outras situações incontornáveis da vida, até de um ente querido que parte e que deixa lembranças e saudades são percebidas e sentidas de múltiplas formas pelas crianças. (THOMAZ, 2020, p. 46)

O professor Ferdinand Röhr alerta para a importância do absoluto comprometimento, especialmente quanto à dimensão espiritual, por sua natureza de suporte às demais, considerando que a atenção às necessidades de cada dimensão é a consolidação do processo de uma formação humana. Concordamos com o teórico, que explica ser necessário um tipo de fé e coerência entre teoria e prática na nossa postura diante da vida: “É uma característica básica de uma fé baseada na espiritualidade” (RÖHR, 2012, p. 26).

A temática da morte e do morrer nos espaços formativos significa uma educação para a morte desde o início, em tenra idade, não necessariamente como uma disciplina, mas como uma abordagem transdisciplinar, estando presente em discussões, atividades e reflexões, respeitados os limites cognitivos, emocionais, realçando a finitude. E assim, evoluiria por toda a vida acadêmica. Afinal, não há exclusividade para a ocorrência da morte, embora seja a partir da velhice que essa realidade se torne mais próxima. Kovács (2002) afirma que

Jung diz que se temos vinte anos para nos prepararmos para a vida, deveríamos ter o mesmo tempo para nos prepararmos para a morte. Pode-se preparar para a morte, vivendo intensamente; obviamente não estamos falando de negar a morte, ou esconder o sol com uma peneira, mas de conviver com ela em busca do seu significado. (p. 9)

Sabemos que existem abordagens sobre a morte em diversas áreas, especialmente na saúde e na psicologia, mas nas escolas a partir da infância não há espaço para introdução do

assunto, como se morrer só fosse possível na fase adulta ou na velhice. Vejamos que o nascimento de um bebê, em geral, é marcado por uma grande preparação. Os pais se preparam, fazem cursos, economias, compram enxoval etc. A família toda se envolve naquele processo de gestação, de recebimento daquele ser. Fazemos um paralelo com o extremo oposto do nascer que é o morrer: sendo a morte a culminância de todos os ciclos da vida física, para esta não sobra quase nada, a não ser providenciar os ritos funerários, cumprir com os compromissos sociais e religiosos, quando se professa uma religião. Enfim, para a morte não nos preparamos, não fazemos cursos, algumas vezes nem dinheiro se tem para o enterro etc. E fica a clássica pergunta: Por quê? O que nos impede de olhar para esse portão de desembarque, o qual todos teremos que cruzar um dia? A nossa gestação para a morte começa quando nascemos, então cuidemos da hora do nosso “parto”.

A revista Super Interessante publicou em 30 de junho de 1998 uma matéria intitulada *O feto aprende – não é só o corpo que se forma durante a gravidez. A personalidade, a inteligência e os traumas também estão em gestação*, esse artigo é rico ao discutir como os bebês se sentem enquanto estão sendo gestados, seus medos, percepções, podendo ali, serem definidas questões de saúde mental e traumas. Hoje, passados mais de 20 anos, muitos de nós vemos essas informações com muita concordância. E o que isso tem a ver com a morte? Seguindo com a mesma analogia para sinalizar que se algo poderoso aconteceu conosco mesmo antes de nascermos, algo que construiu e afetou nosso corpo físico, mental, emocional e, para mim, também espiritual, algo preponderante deverá acontecer depois de nossa morte. Se para o bebê ainda abrigado no útero da mãe todas as experiências que viveu nessa fase o acompanham durante toda sua existência, estabelecendo inclusive, seus limites, seu comportamento e atitudes perante a vida, por que não pensar que a essa mesma existência, pós-nascimento já está definindo e interferindo no nosso pós-morte?

Percebamos que religiões e doutrinas filosóficas sugerem caminhos de autodescobrimento e autoburilamento, objetivam a conquista de virtudes e minimização de falhas e defeitos morais do humano. No Espiritismo isso é chamado de reforma íntima, que tem como finalidade tornar o homem e a mulher de bem. Sendo assim, a escolha da maneira como vivemos favorece ou não a boa morte, e para os que creem na vida após a morte representa uma excelente oportunidade na caminhada de constante evolução do ser. Nesse contexto, destacaremos a questão 168 de O Livro dos Espíritos, na qual Kardec formula a seguinte questão e resposta:

O número de existências corporais é limitado ou o Espírito reencarna-os perpetuamente? “A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante

na senda do progresso. Quando se despojou de todas as impurezas, não tem mais necessidade de provas na vida corporal”. (p. 140)

Embora não seja nosso objetivo discutir a vida após a morte ou a reencarnação, traçamos esse paralelo no sentido de que devemos sempre estar nos formando enquanto humanos. Contudo, como a morte provoca inquietações quanto à continuidade da vida ou não, ou ainda, se com a morte física tudo acaba, Kübler-Ross (1998) afirma que desenvolveu trabalhos de investigação também sobre Experiências de Quase Morte – EQM. Ela nos diz que

Essas notáveis descobertas levaram a uma ainda mais extraordinária conclusão científica: a de que a morte não existe – não de acordo com a definição tradicional. Tinha a impressão de que uma nova definição teria de ir além da morte do corpo físico. Teria de considerar a prova que tínhamos, a de que o homem tinha alma e espírito, tinha uma razão mais elevada para a vida, para a poesia, algo mais do que a mera existência e a sobrevivência, algo que continuava. (p. 211)

A integralidade inclui o aspecto espiritual. Para conseguirmos adentrar e compreender o que envolve a espiritualidade é necessário um tipo de fé dissociada de religião, ensina-nos Röhr (2012). Também considerarmos uma visão que transcende os limites da materialidade. É estar receptivo ao que pode ser intuído, por exemplo, sem nenhuma condição de explicar, comprovar, mas simplesmente encher-se de uma certeza por algo que está além das dimensões imanentes.

Kübler-Ross descreve em seu livro *A Roda da Vida* experiência de conversa com pessoa morta, de vidência de fadas. Ela narra que não se sente muito à vontade de partilhar esses acontecimentos devido ao descrédito e a falta de abertura de muitos em considerar como verdadeiro. Admitirmos que não temos explicação e comprovação para muita coisa, mas que nem por isso elas deixam de acontecer e existir a todo instante já seria de grande valia. Em suas palavras, a pesquisadora elucida o fato de estarmos receptivos a viver experiências transcendentais

Como aprendi desde então, se não estivermos prontos para experiências místicas, nunca acreditaremos nelas. Se estivermos abertos, porém, essas experiências virão a nós, acreditaremos nelas e, ainda por cima, mesmo que o nosso destino dependa disso naquele instante, saberemos que são absolutamente reais. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 199)

Reforça ainda dizendo que “quando estamos preparados para experiências místicas, elas acontecem conosco. Se estivermos abertos a essas experiências, teremos nossos encontros espirituais” (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 220). Ao mencionarmos essa fala da pesquisadora

estamos fazemos alusão à espiritualidade que está da mesma forma condicionada a princípios de abertura, de fé e de testemunho, como diz o professor Ferdinand Röhr.

Wilber, por sua vez, fala de nível de consciência, onde essa evolução se dá em todos os quatro quadrantes de sua teoria. Ele explica que

[...] se considerarmos a evolução, vemos milhões de minúsculas mudanças incrementais gerando periodicamente *propriedades emergentes* – e algo totalmente novo irrompe (como as células vivas emergindo de uma sopa química primordial, ou a arte emergindo dos primeiros seres humanos). Isso demarca uma *onda*, um *estágio* ou um *nível* de desenvolvimento totalmente novo. Acontece nos quatro quadrantes – na evolução física e biológica (Isto), na evolução socioeconômica (Istos) e cultural (Nós), e na evolução da consciência individual (Eu). E esses estágios se desenrolam num padrão discernível. (WILBER et al., 2007, p. 97)

Quando não refletimos sobre a nossa própria morte, as chances de deixarmos assuntos nossos pendentes ou dúvidas sobre questões práticas, tais como bens, aumentam bastante. O que provoca angústia e preocupação para aqueles que cumprirão o papel de cuidar dessas tarefas. Observamos esses sentimentos nos trechos abaixo extraídos das entrevistas:

Uma casa muito habitada, é muito difícil pros que ficam, né, porque você olha pra um objeto e você não sabe, aquilo ali era significativo pro morto, não era? É um tabu eu jogar isso fora, não é? Será que eu violar essa memória, não vou? Aqui, eu tenho esse hábito de ciclar tudo porque o que ficar vai ser memória ou o que eu tiver imediatamente utilizando, assim, não tem nada antigo o suficiente pra ser lixo ou ser dúvida, entende? (Juliana)

Eu acho que, eu acho que eu o [...] quando a gente fala em morte, eu sinto eh que é importante que a gente converse até sob a perspectiva de quem fica aqui, exemplo, eu tinha uma, eu tive uma outra morte que me deixou também muito sentido foi da minha madrinha, ela faleceu em 2019, irmã de meu pai, ela era muito próxima a mim, assim, sabe. Eu tive...sofri também, sabe, com a partida dela. E por que que eu tô dizendo isso? Ela tinha muito receio de falar em morte. Não queria imaginar a morte dela, tinha medo de morrer, inclusive, apesar de ser cristã, né. Porque assim, é uma...eu acho um [...] contrassenso pra nós cristãos, a gente temer a morte, já que a gen...o nosso grande referencial que é Jesus Cristo, estaria aguardando, nos aguardando com a sua morada, então, é um contrassenso a gente, né, ter tanto pesar na morte. Mas, por...vou dizer claramente o que é, ao fato, a partir do momento que ela não gostava de falar sobre a morte, ela deixou coisas pendentes, por exemplo, eh coisas do dia a dia: eh olha eu tenho um apartamento, esse apartamento eu quero que aconteça isso, eu tenho esse carro, eu quero que isso aconteça isso, eh eu tenho tais dívidas ou eu tenho tais, tais eh [...] como é que eu chamo? Posses, né. Eh eh um apartamento, sei lá, um carro ou não sei o quê e o (o) que fazer com isso, né. (Luiz)

Uma formação humana no sentido da integralidade abarca uma educação para a morte. A literatura aponta que tal proposta na área de saúde, devido às atividades laborais, são pensadas, mas ainda muito embrionárias. Kovács (2003) em sua obra Educação para a morte – Desafio na formação de profissionais de Saúde e Educação afirma que

Em pesquisa bibliográfica praticamente não encontrei referências sobre a questão da morte associada ao contexto educacional e à formação de educadores; por outro lado, em minha experiência profissional, encontro sempre a denúncia dessa lacuna por parte de professores – ausências mais intrigantes por sabermos todos o quanto a morte está presente no universo escolar, pelas perdas que acontecem na vida de crianças e adolescentes e pela via da morte escancarada, com violência, repentina, brusca e para qual é muito difícil se encontrar proteção. (p. 44)

Curioso constatar ao fazer revisão de literatura com o descritor “Educação para a morte”, período de 2017 a 2020, na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, encontramos apenas 6 (seis) trabalhos, dos quais apenas 1 (um) foi na área da educação, conforme o quadro a seguir:

Quadro 4: Estudos sobre Educação para a Morte

Tipo	Área	Autor(a)	Título	Ano
Dissertação	Educação	THOMAZ, T. G. C.	As crianças e a temática da morte: diálogos possíveis	2020
Dissertação	Psicologia	SOUZA, G. A. C. S.	Quando a proximidade da morte entra em casa: compreendendo os cuidados paliativos na atenção domiciliar	2018
Dissertação	Ciência da Religião	AVERSA, V. P.	Saber morrer: o papel pedagógico da morte na doutrina espírita kardecista à luz do ser-para-a-morte heideggeriano e da aceitação da morte enquanto libertação em Leon Denis	2018
Dissertação	Estudos Disciplinares	FIORINDO, P. P.	Educação para a morte: reflexão na - e sobre a - prática profissional em cuidados paliativos e contribuições para o BI Saúde	2017

Dissertação	Atenção à Saúde	CUNHA, J. H. S.	Os significados da morte para os profissionais de saúde frente ao cuidado à pessoa com câncer	2017
Dissertação	Psicologia	MAEDA, T. S.	Cemitério é lugar de criança? A visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas	2017

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma educação para a morte como parte do processo de formação humana considera a integralidade do ser, conseqüentemente seu aspecto espiritual. Percebemos que uma abertura de possibilidades de aprendizado, em todas as dimensões que nos constituem, trata-se de um desafio para a educação. Sendo assim, concordamos com Röhr (2013), quando diz que

A meta de uma Educação integral está atrelada ao fato da inconclusão do homem. Para alguém se tornar sempre mais integral, mais completo, precisa incluir, constantemente, aspectos com que não está familiarizado, que são estranhos, às vezes opostos a ele e às suas crenças. É a nossa subjetividade que se fecha diante do diferente. (p. 316-317)

A morte e o morrer é um tema árido, incomum no terreno educativo, atribuímos a isso os fatores que já foram abordados ao longo desse estudo, tendo em vista a complexidade que envolve a temática. Concordamos com o teórico ao afirmar quanto a nossa incompletude e que encontramos no estranho, no oposto a nós, elementos, possibilidades que favorecem, paradoxalmente, a nossa integralidade. Nesse contexto, firmamos a ideia de uma educação para a morte como um passo importante para o alcance de uma educação integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quereis conhecer o segredo da morte. Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?
A coruja, cujos olhos noturnos são cegos durante o dia, não pode revelar o mistério da luz. Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri bem o vosso coração para a vida. Pois a vida e a morte são uma, assim como o rio e o mar são um.”
(Gibran Khalil Gibran – trecho do livro O Profeta)

Essa pesquisa partiu da inquietude que a morte e o morrer provocam nesta pesquisadora, nas observações que pôde fazer profissionalmente e na percepção de que ninguém passa por uma experiência de morte, seja física ou simbólica, sem que haja uma reverberação, um efeito a partir dessa causa que é inevitável, irreversível.

Constatou-se a escassez de pesquisas dessa temática na área de Educação, bem como, ficou demonstrado nas falas de alguns colaboradores o quanto é importante que se promova uma educação para a morte dentro dos espaços formativos, uma vez que precisamos aprender mais sobre as subjetividades que envolvem a morte. Esse estudo, portanto, discute a relevância para o campo educacional quanto à introdução da temática da morte e do morrer.

No campo social essa pesquisa traz algumas considerações tendo em vista que historicamente, a sociedade foi se movimentando de maneiras diferentes quanto à finitude e, nos dias atuais, o assunto é temido, é evitado como se não fizesse parte da vida. A sociedade atual tem se voltado largamente para o externo, para a estética, para o consumo desmedido e a exposição excessiva. O hedonismo tem estado fortemente presente, basta-nos observar o comportamento das pessoas nas redes sociais. Não se trata de não cuidar da aparência física, nem de não compartilhar os momentos felizes e prazerosos. Apenas realçando certo desequilíbrio na proporção de investimento de tempo, dedicação e esforço para a interiorização, para o caráter reflexivo de sentido de vida.

Pesquisar sobre a morte e o morrer é também relevante para o núcleo de Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, uma vez que o referido núcleo possibilita um olhar espiritualizado e voltado para o processo formativo de temas subjetivos como o apresentado nesse estudo. Como já dito anteriormente, diversas áreas estudam o fenômeno, porém, nesse núcleo, há um importante diferencial, o fato de que a espiritualidade e uma educação para a morte façam parte de uma formação humana no sentido integral.

Na fase introdutória dessa pesquisa discutimos o quanto a morte ainda é assunto tabu, não ocupa os espaços livremente, como por exemplo, nas escolas, nos lares. Também

abordamos as atitudes diante da morte, uma visão histórica. Sendo uma temática mais fortemente visibilizada nos templos religiosos e nos hospitais, esses espaços desenvolvem o tema com propósitos distintos. No aspecto religioso, apresentando uma visão específica de como a morte é compreendida. Na área da saúde, no sentido de retardar a morte, e em última instância, de aceitá-la, considerando os limites da medicina e da enfermagem de impedir o inevitável. No segundo capítulo discorremos sobre a morte material, ou seja, do corpo físico, também a morte na dimensão social, especificamente no sentido político, e a morte na dimensão religiosa. Quanto a essa última dimensão, destacamos que nossa proposta de estudo sobre a morte está dissociada de religião, de crença, mas reconhecendo, como já dito, que esses espaços dão abertura para a reflexão sobre a finitude, então, discorremos sobre a visão da morte em algumas religiões. No terceiro capítulo, tratamos sobre conceitos, características acerca da compreensão de espiritualidade na lente dos teóricos Ferdinand Röhr e Ken Wilber. No quarto capítulo abordamos uma formação humana com base na integralidade, considerando as múltiplas dimensões do ser, na qual uma educação para a morte possa fazer parte desse processo de educar, de formar, de humanizar.

Percebemos certo enviesamento, em algumas pesquisas, sobre a temática da morte e da religião, e ainda quanto à morte e a espiritualidade. Fizemos um esforço de tentar delimitar esses espaços reconhecendo as contribuições de cada uma, contudo, reforçando que nosso estudo caminhou no que concerne à morte e o morrer, à espiritualidade e à formação humana. Esses foram os pilares que sustentaram nossa pesquisa.

Contudo, a religião tem um papel importante no enfrentamento da morte, os resultados apontaram que alguns colaboradores encontram no aspecto religioso o suporte para lidar com os momentos difíceis da vida, nesse caso, a morte. Destacamos que, embora com formas diferentes de entender a morte, as religiões discutidas nesse estudo, têm em comum a crença de que a vida continua para além da morte física.

Pensar sobre espiritualidade na perspectiva de Wilber requer autenticidade, e na visão de Röhr, comprometimento. Ser autêntico e comprometido consigo mesmo e nas relações que se estabelecem durante a vida, demanda do indivíduo autoconhecimento, autorresponsabilidade, maturidade. No primeiro momento pode parecer uma tarefa simples, mas quando nos encorajamos a vivenciar, podemos perceber o quanto pode ser difícil implementar essas características nas inúmeras situações e relações do cotidiano.

Buscamos enfatizar as dimensões que são afetadas a partir da vivência da morte do outro e da reflexão sobre a própria morte. Significar e dar sentido à morte e ao morrer, pensar sobre com quem e com o quê a morte de si está implicada, os sentimentos e as emoções que

estão associados ao fenômeno, tais como, o medo, a tristeza, o sofrimento, a dor, o luto, bem como, os aprendizados que podem ser extraídos a partir dessas experiências e reflexões.

Alguns dentre os entrevistados não refletem sobre a morte. Logo, não buscam uma forma de lidar melhor com a finitude. Isso indica que não temos uma educação para a morte formalmente nem informalmente. Nem as ocorrências da própria existência conseguem atingir a totalidade, de maneira a não nos prepararmos para essa experiência que exige muito do indivíduo, de maneira multidimensional. Com isso, identificamos que há certa resistência no pensar sobre a finitude. Nesse aspecto, a pandemia da Covid-19 trouxe à tona a morte para o centro das discussões tornando mais incisiva a reflexão sobre as subjetividades que envolvem a morte, como constatado na fala de alguns participantes dessa pesquisa.

Observamos o quão distante estamos de uma estrutura de ensino que acolha a temática da morte e do morrer independentemente de um currículo, mas que possa ser uma proposta de debate que perpassasse várias disciplinas ao longo de toda a vida das pessoas. Se a morte não faz parte de nosso cotidiano de uma maneira que seja construtiva, educativa, formativa, tem feito parte forçosamente de maneira violenta, midiática, sensacionalista. Acreditamos que quanto mais cedo pudermos abordar temáticas que desenvolvam o ser humano de maneira integral, respeitando todas as dimensões da vida, maiores são as chances de um estado de equilíbrio interior.

Nesse sentido, compreendemos que o tema da morte deve fazer parte do processo de uma formação humana, por representar as perdas e mudanças que enfrentamos ao longo da vida, como no caso das mortes simbólicas e, principalmente pelos aspectos que envolvem a morte física. Mas, especialmente, para aprendermos a significar e ressignificar os efeitos da morte e assim, alcançarmos níveis mais conscientes quanto à finitude e, em decorrência disso, fazermos melhores escolhas no nosso dia a dia, no nosso viver.

Orientada pela dimensão espiritual apontamos uma formação humana que almeja a integralidade do sujeito. Entendemos como um desafio pessoal pelos motivos que já foram abordados, bem como, para o campo da Educação que necessita de suporte para implementar ideias de uma formação para além do cognitivo, do mercado de trabalho, do treinamento, para um direcionamento que envolva os aspectos sutis e contemple a integralidade.

Enfim, sugerimos que mais pesquisas no campo da Educação sobre a temática da morte e do morrer possam ser desenvolvidas, com objetivo de formar o humano cada vez mais integral, onde a espiritualidade seja uma dimensão amplamente discutida nessa área.

REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, Silvia Cristina Borragini. **Espiritualidade/religiosidade como recurso terapêutico na prática clínica: concepção dos estudantes de graduação em medicina da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo Campus São Paulo, 2018.
- AGUIAR, P.G.; CAZELLA, S.C.; COSTA, M.R. A Religiosidade/ Espiritualidade dos médicos de família: avaliação de alunos da Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS). **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2017.
- ALEXANDRE, Maria da Graça. **O imaginário não relatado: a morte e o morrer na investigação do óbito infantil em Porto Alegre/RS.** Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- AMADO, J. (Org.). **Manual de Investigação qualitativa em educação.** Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- ARIÈS, P. **História da Morte no Ocidente.** Ed. Especial. Rio de Janeiro, Saraiva de Bolso, 2012.
- AYRES, Amanda. **Influências da religiosidade diante da morte.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2017
- AZEVEDO, F. A. et al. **Significados de morte: o discurso do sujeito coletivo da enfermagem.** **Revista Ciências em Saúde** – Faculdade de Medicina de Itajubá, Minas Gerais, n.01, p. 52-58, 2016.
- BARBOSA, C.G.; MELCHIORI, L.E.; NEME, C.M.B. **O significado da morte para adolescentes, adultos e idosos.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/05.pdf>. Acesso em 18/04/19.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo, Edições 70, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA:** Edição Pastoral. Tradução, introdução e notas Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- BOGDAN, RC; BIKLEN, SK. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal, Porto Editora, 1994.
- BRASILEIRO, M. S. E.; BRASILEIRO, J. E. **O medo da morte enquanto mal: uma reflexão para a prática da enfermagem.** **Revista de Ciências Médicas**, 2017. Disponível em: <https://seer.sis.puccampinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3582>. Acesso em 01 jun. 2019.
- BRITO, P.C.C. et al. Reflexões sobre a terminalidade da vida com acadêmicos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2020.
- BURGIERMAN, D. R. **O feto aprende** – Não é só o corpo que se forma durante a gravidez. A personalidade, a inteligência e os traumas também estão em gestação. **Revista Super**

Interessante, 1998. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/o-feto-aprende>. Acesso em 20 out. 2021.

CAPAVERDE, C.B.; OLIVEIRA, L.P.; SCHEFFER, A.B.B. Subjetividade e enfrentamento da morte: construindo gestão de pessoas na cotidianidade. **Revista READ**, Porto Alegre, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 1997. Resolução CFM nº1480/1997.

COSTA, I. C.; ROCHA, A. C. D. Percepções da morte e do morrer para residentes de medicina em um hospital terciário. **Revista Ciências em Saúde** – Faculdade de Medicina de Itajubá, Minas Gerais, n.02, p. 07-14, 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DALAI, L.; CUTLER, H. C. **A arte da felicidade: um manual para a vida**. São Paulo, 2000.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, A.P.M. et al. Declaração de óbito na Atenção Primária à Saúde: acolhendo a morte no lar. **Revista Interface**, Botucatu, 2020.

DORNELLES, Carla da Silveira. **Sobre o final da vida: experiência de estudantes de enfermagem**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

FONSECA, Elvi Cristina Rojas Fonseca. **Avaliação da espiritualidade e religiosidade em pacientes adultos com diabetes mellitus tipo 1**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2019.

FURTADO, Everley Rosane Goetz. **Representações Sociais do corpo, mídia e atitudes**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

GIARETTON, D.W.L. et al. A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2020.

GIBRAN, K.B. **O profeta**. Rio de Janeiro, 1976.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M.V. et al. “À espera de um milagre”: espiritualidade/religiosidade no enfrentamento da doença falciforme. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2019.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia (Orgs.). **Leituras da Morte**. 1ª ed. São Paulo, Anablume, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em 05/03/2021.

JUSTO, Ana Maria. **Representações Sociais sobre o corpo e implicações do contexto de inserção desse objeto**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo, Instituto de Difusão Espírita, 2002.

KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília, Federação Espírita Brasileira, 1944.

KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. São Paulo, Instituto de Difusão Espírita, 1999.

KASTENBAUM, R; AISENBERG, R. **Psicologia da Morte**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

KOVÁCS, M. J. (Coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M. J. (Coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. In: ROSENBERG, R. L. (*in memoriam*). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992, p. 69- 90.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: desafios na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KÜBLER-ROSS, E. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1944.

KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

LEMOS, D. T. A.; BAIRRÃO, J. F. M. H. Doença e Morte na Umbanda Branca: A Legião Branca Mestre Jesus. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, (n. 00, p. 00-00), 2013.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Orgs.) **Henri Wallon – Psicologia e Educação**. Edições Loyola. São Paulo, 2006.

MAGALHÃES, Jailza Silva Santos. **A morte entre os idosos em comunidades presbiterianas do nordeste brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Faculdade Unida de Vitória. Vitória, 2016.

MAIA, K. A.; SOANE, A. M. N. C.; FORTES, A. F. A. Informar o óbito aos familiares: Significados e Sentimentos dos Médicos. **Enfermagem Brasil**, n.6, p. 323-329, 2013.

MARTINS, Gustavo Tanus. **A morte no processo de formação humana para a vida**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Revista Artes & Ensaios, Rio de Janeiro, 2016.

MELO, A. F. V. et al. **A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação de morte**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812013000100010&lng=en&tlng=en. Acesso em 18/04/19.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE- Biblioteca Virtual em Saúde- BVS - Dicas em Saúde.

MOLINA, Nayara Paula Fernandes Martins. **Religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais enquanto mediadora do indicativo de depressão sobre a qualidade de vida de idosos**. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2018.

NEGRÃO, L. N. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Jéssica Priscylla Medeiros de. **De frente com o fim**: os profissionais de cuidados paliativos e o luto. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

OSSWALD, W. **Sobre a morte e o morrer**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016.

PARENTE, Natasha Torlay. **A influência do coping religioso-espiritual na qualidade de vida de pais e mães, após a perda de um(a) filho(a) por causas externas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

PEREIRA, Antônio Francisco Guerra. **Budismo e Educação**: uma proposta de superação aos desafios da sociedade pós-moderna. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

PEREIRA, RAÍSSA DE ALMEIDA. **Jovens enlutados: um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2001.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, 2004.

QUEIROZ, Verônica Santana. **Morte e subjetividade na hipermodernidade**: a perspectiva do Budismo da Nova Tradição Kadampa. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

ROCHA, INGRID RAÍSSA DOS ANJOS. **O lugar da espiritualidade/religiosidade para psicólogos (as) que atuam em cuidados paliativos na proximidade da morte**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

RODRIGUES, Jéssica Silva. **Testemunhas da necropolítica**: implicações psicossociais dos homicídios juvenis no cotidiano de suas mães. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019.

RÖHR, F. A multidimensionalidade na formação do educador. **Revista de Educação**, 1999a.

RÖHR, F. (org.) **Diálogos em educação e espiritualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

RÖHR, F. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

RÖHR, F. Espiritualidade e formação humana. *Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina*, n. Especial, p. 53-68, 2011.

RÖHR, F. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. **Pró-Posições**, n. 1, p. 51-70, 2007.

RÖHR, F. Ética e Educação – caminhos buberianos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.02, p. 115-142, 2013.

RÖHR, F. Confiança – Um conceito básico da Educação no pensamento filosófico e pedagógico de Otto Friedrich Bollnow. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, 2011.

SANTOS, Gabriella César dos. **Cuidados Paliativos Pediátricos**: Arte, Essência e Ciência no cuidado de crianças com doenças limitantes ou ameaçadoras da vida. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2017.

SANTOS, Gildete Rodrigues dos. **Formação humana integral e processos grupais**: uma experiência com grupo de formação transpessoal. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

SANTOS, Queli Nascimento. **O cotidiano com a morte e o morrer em uma unidade de terapia intensiva**. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, V.N.; BYK, J. Assistência Espiritual/Religiosa a pacientes hospitalizados: revisão narrativa. **Revista Psicologia, Saúde, & Doenças**, 2019.

SANTOS, CRISTIANE SILVEIRA DOS. **Genocídio da juventude negra: de Fanon à Lei 10639/03** – Estratégias de Construção das Identidades Negras como Ferramenta de Resistência (Bairro Restinga – Porto Alegre – RS, 2010-2018). Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Bárbara Machado Barbosa. **Cuidados paliativos e decisões ao final da vida: experiências de famílias de crianças e adolescentes com câncer**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

SILVA, Richardson. **Educação integral nos quatro quadrantes do Kosmos: Estudo de caso de uma Escola da Região Metropolitana de Recife, PE**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SOUZA, R.H.S. et al. Significados do corpo: Reflexão teórica. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, 2001.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. **Corpo, ciência e educação: representações do corpo junto a jovens estudantes e seus professores**. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2007.

THOMAZ, Tatiana Goldenberg Coelho. **As crianças e a temática da morte: diálogos possíveis**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Natal, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Disponível em: <https://www.ufpe.br/institucional/ufpe-em-numeros>. Acesso em 06/06/2019.

VIVA – a vida é uma festa (Coco). Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina. Produção: Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2017. 105min, inglês.

WILBER, K. **O olho do Espírito**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

WILBER, K. **A visão integral**. São Paulo: Cultrix, 2008. Ebook.

WILBER, K. **Psicologia integral**. São Paulo: Cultrix, 2000.

WILBER, K. **Espiritualidade integral**. São Paulo: Aleph, 2006.

WILBER, K. **A união da alma e dos sentidos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

WILBER, K. et al.; **A prática de vida integral**. São Paulo: Cultrix, 2011.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZENEVICZ, L.T. et al. Permissão de partida: um cuidados espiritual de enfermagem na finitude humana. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

APRESENTAÇÃO

1. Apresentar o projeto de pesquisa.
2. Esclarecer eventual(is) dúvida(s) trazidas pelo entrevistado.
3. Solicitar permissão para gravar a entrevista.

PERGUNTAS NORTEADORAS (Considerando o momento em que se encontra o estudo)

- 1) O que você pensa sobre uma disciplina que aborde a temática da morte nas escolas, no processo formativo do ser?
- 2) Em qual momento da vida seria o ideal para começar a estudar/refletir sobre a morte e o morrer?
- 3) Você costuma refletir sobre a sua morte e a morte do outro? Por quê?
- 4) Você percebe implicações em sua morte, qual (is)?
- 5) Como você minimiza essa(s) implicações? Que atitudes você adota a partir dessa percepção?
- 6) Você já vivenciou alguma morte significativa, alguém com quem teve laços fortes de proximidade e sentido? Como foi/tem sido essa experiência?
- 7) Essa(s) morte(s) implicou/impactou de alguma forma sua vida? Em quais aspectos/dimensões você percebeu esse processo?
- 8) Qual(is) estratégia(s) de enfrentamento você desenvolveu para lidar com a morte e o morrer?
- 9) Consegue identificar algum aprendizado no processo de enfrentamento da morte e do morrer?
- 10) O que significa a morte e o morrer para você?

ANOTAÇÕES DA PESQUISADORA

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa A morte e o morrer: significados e implicações para servidores da UFPE, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Cleide da Silva, telefone (81) 99826.4816, e-mail anacleide.silva@ufpe.br, endereço Rua Do Bom Pastor, 1635 BL XII Ap. 202 Engenho do Meio Recife PE CEP 50670-260 sob a orientação da Profa. Maria Sandra Montenegro Silva Leão, telefone (81) 99200.7312, e-mail sandra.montenegro@yahoo.com.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde em participar desse estudo, pedimos que assinale a opção de “Aceito participar da pesquisa” no final desse termo.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Essa pesquisa se justifica pela importância de ampliar os estudos e a discussão acerca da temática da morte e do morrer, buscando maior reflexão de servidores da UFPE sobre a finitude humana. Tendo como propósito investigar a influência dos significados e das implicações da morte e do morrer na vida de servidores dessa instituição.

Sua participação consistirá na concessão de uma entrevista individual, a duração será determinada pelo tempo que você precisar para responder as perguntas, podendo inclusive, decidir por não responder alguma das questões que lhe serão apresentadas. Respeitando o protocolo de enfrentamento da pandemia da covid-19, a entrevista acontecerá, preferencialmente, por meio do uso de uma plataforma online (Google Meet ou Zoom), que torna possível um encontro virtual e gravação da entrevista. O convite para acesso à plataforma online será enviado para seu e-mail, quando tivermos a confirmação de sua participação com a assinatura desse termo e o alinhamento do dia e horário de sua preferência. Destacamos que, caso não seja possível a realização do procedimento da maneira proposta, devido à dificuldade ou instabilidade de acesso à internet, ainda poderá ser realizada por videochamada ou também por ligação telefônica.

Destacamos que o procedimento utilizado oferece risco uma vez que a temática da morte pode suscitar inquietações nos campos emocional e mental, podendo reverberar inclusive, fisicamente. Contudo, lembramos que esses esclarecimentos tem como intuito fazê-lo pensar sobre seus limites acerca do assunto. Reforçamos que será sua a decisão de manter sua participação. Contudo, para minimizar eventual(is) desconforto(s) utilizaremos acolhimento, oferecendo uma escuta sensível e respeitosa durante o processo de recolha de dados. Quanto aos benefícios de sua participação, consiste diretamente em ser escutado sobre o que pensa sobre a finitude humana e indiretamente de poder contribuir para maior reflexão de uma educação para morte e uma formação humana multidimensional.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua

participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações das entrevistas), ficarão armazenados em pastas de computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br.**

Ana Cleide da Silva

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo A morte e o morrer: significados e implicações para servidores da UFPE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para participar da pesquisa.

() Aceito Participar da pesquisa

() Não aceito participar da pesquisa

Local e data

Assinatura do participante:

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - COLETA DE DADOS VIRTUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa A morte e o morrer: significados e implicações para servidores da UFPE, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Cleide da Silva, telefone (81) 99826.4816, e-mail anacleide.silva@ufpe.br, endereço Rua Do Bom Pastor, 1635 BL XII Ap. 202 Engenho do Meio Recife PE CEP 50670-260 sob a orientação da Profa. Maria Sandra Montenegro Silva Leão, telefone (81) 99200.7312, e-mail sandra.montenegro@yahoo.com.br.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Essa pesquisa se justifica pela importância de ampliar os estudos e a discussão acerca da temática da morte e do morrer, buscando maior reflexão de servidores da UFPE sobre a finitude humana. Tendo como propósito investigar a influência dos significados e das implicações da morte e do morrer na vida de servidores dessa instituição.

Sua participação consistirá na concessão de uma entrevista individual, a duração será determinada pelo tempo que você precisar para responder as perguntas, podendo inclusive, decidir por não responder alguma das questões que lhe serão apresentadas. Respeitando o protocolo de enfrentamento da pandemia da covid-19, a entrevista acontecerá, preferencialmente, por meio do uso de uma plataforma online (Google Meet ou Zoom), que torna possível um encontro virtual e gravação da entrevista. O convite para acesso à plataforma online será enviado para seu e-mail, quando tivermos a confirmação de sua participação com a assinatura desse termo e alinhamento do dia e horário de sua preferência. Destacamos que, caso não seja possível a realização do procedimento da maneira proposta, devido à dificuldade ou instabilidade de acesso à internet, ainda poderá ser realizada por videochamada ou também por ligação telefônica.

Destacamos que o procedimento utilizado oferece risco uma vez que a temática da morte pode suscitar inquietações nos campos emocional e mental, podendo reverberar inclusive, fisicamente. Contudo, lembramos que esses esclarecimentos tem como intuito fazê-lo pensar sobre seus limites acerca do assunto. Reforçamos que será sua a decisão de manter sua participação. Contudo, para minimizar eventual(is) desconforto(s) utilizaremos acolhimento, oferecendo uma escuta sensível e respeitosa durante o processo de recolha de dados. Quanto aos benefícios de sua participação, consiste diretamente em ser escutado sobre o que pensa sobre a finitude humana e indiretamente de poder contribuir para maior reflexão de uma educação para morte e uma formação humana multidimensional.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua

participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações das entrevistas), ficarão armazenados em pastas de computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

Ana Cleide da Silva

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo morte e o morrer: significados e implicações para servidores da UFPE, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Impressão
digital

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: